

FACULDADE DAMAS
CURSO ARQUITETURA E URBANISMO
MARIA ANA CARNEIRO LEÃO DE ANDRADE LIMA

**ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE CULTURA E LAZER
EM MORENO / PE**

RECIFE
NOVEMBRO / 2013

FACULDADE DAMAS
CURSO ARQUITETURA E URBANISMO
MARIA ANA CARNEIRO LEÃO DE ANDRADE LIMA

**ANTEPROJETO UM CENTRO DE CULTURA E LAZER EM
MORENO / PE**

Trabalho de Graduação desenvolvido pela
aluna Maria Ana Carneiro Leão de Andrade
Lima, orientada pela professora Maria de
Luiza Lavôr e, apresentado ao curso de
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas
da Instrução Cristã.

RECIFE
NOVEMBRO / 2013

Lima, Maria Ana Carneiro Leão de Andrade
Anteprojeto de um centro de cultura e lazer em Moreno/Pe./ Maria ana
Carneiro Leão de Andrade Lima. – Recife: O Autor, 2013.

110 f.; il.

Orientador(a): Prof^a. Maria Luiza de Lavôr
Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução
Cristã. Trabalho de Conclusão de curso, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Arquitetura e urbanismo 2. Cultura 3. Lazer 4. Inclusão social
I. Título.

72 CDU (2.ed.)
720 CDD (22.ed.)

Faculdade Damas
TCC 2015-350

“A arte é necessária para que o homem se torne
capaz de conhecer e mudar o mundo”.

(ERNST FISHER, 1973)

AGRADECIMENTOS

Nem sempre tudo que queremos está ao nosso alcance, mas quando estamos bem seguros e temos o apoio de pessoas importantes em nossas vidas, podemos ser, ter e fazer o que quisermos.

Agradeço, primeiramente, à Deus, por ter andando ao meu lado todo esse tempo, me guiando pelo caminho mais seguro, e por me dar a possibilidade de alcançar mais essa etapa da minha vida. E em paralelo, faço um agradecimento especial aos meus pais, Ana Amélia e Eduardo, base para todos os momentos da vida. Faço questão de dedicar a minha sincera e imensa gratidão, pois sempre me incentivaram e acreditam na minha escolha. Eles são os maiores responsáveis por minhas conquistas.

Agradeço também ao meus irmãos Rodrigo, Daniela e Eduardo, e aos meus cunhados Vilela e Dianna, que sempre me apoiavam nos trabalhos da faculdade, me incentivando e me dando força nos meus momentos estressantes.

O meu eterno agradecimento às minhas companheiras de todos os dias, Lígia e Ana Cecília pela compreensão em momentos difíceis e pela diversão constante, pelas madrugadas e finais de semana de companhia.

Aos meus amigos de turma, que durante todo o curso, dividiram comigo as tensões com os trabalhos, a ansiedade com as provas e momentos de alegrias, tão fundamental durante esses últimos anos.

À todos os amigos que fiz durante o decorrer da minha vida acadêmica, em especial ao escritório Romero Duarte & Arquitetos pela oportunidade, aprendizado e experiência que me proporcionou, sendo de fundamental importância na minha formação acadêmica.

Faço também um agradecimento carinhoso e especial à minha orientadora Maria Luiza Lavôr, pela paciência, colaboração, disposição, ensinamento, carinho, amizade e principalmente por me fazer seguir em frente e acreditar que com fé em deus e dedicação conseguimos conquistar todos os nossos objetivos. Minha amizade, gratidão e saudade.

Ao quase mestre Rodrigo Tavares pela paciência, disposição e esclarecimentos nas minhas constantes dúvidas e a compreensão nos momentos difíceis durante a elaboração de trabalho.

Aos meus professores, que contribuíram para a minha formação de forma decisiva como profissional.

E por fim, a todos que de alguma forma, direta e indiretamente, ajudaram e ajudam na minha formação pessoal e profissional.

A todos, o meu muito obrigada.

RESUMO

Este documento apresenta o Trabalho Final de Graduação, desenvolvido pela aluna Maria Ana Carneiro Leão de Andrade Lima, enquanto requisito obrigatório para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã – FACID, sendo o mesmo orientado pela Professora e Arquiteta Maria Luiza Lavôr. O trabalho de Graduação tem como tema um “Centro de Cultura e Lazer”, situado no município de Moreno – PE, cuja finalidade é reunir, num mesmo local, manifestações artísticas, culturais e espaço de lazer, para que venha a ter como eixo principal a promoção e difusão cultural, visando à inclusão social. Sobretudo constitui-se um espaço para a socialização através da arte e da cultura, e oferece uma opção de lazer a população morenense e seu entorno.

Palavras Chave – Cultura, Lazer, Arte, Inclusão Social .

ABSTRACT

This document contains the Final Graduate Work, developed by student Maria Ana Carneiro Leão de Andrade Lima, prerequisite for graduation Architecture and Urbanism of the Faculty Damas of Christian Instruction - FACID being driven by the same architect and Professor Maria Luiza Lavôr. Work Undergraduate theme is a "Centre for Culture and Leisure", located in the municipality of Moreno-PE, whose purpose is to bring together, in one place, artistic, cultural and recreational events, that will have as its main axis the promotion and dissemination of culture, aiming at social inclusion. Especially constitutes a space for socialization through art and culture, and offers a choice of leisure more in line with the population and their environment.

Keywords – Culture, Leisure, Arts, Social Inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Complexo de Múltiplo Uso Ohtake Cultural.....	24
FIGURA 02 – O Complexo e o seu entorno	24
FIGURA 03 – Deficientes Motores	32
FIGURA 04 – Deficientes Visuais	32
FIGURA 05 – Deficientes Auditivos.....	32
FIGURA 06 – Cadeiras de rodas do tipo “Cambadas”	36
FIGURA 07 – Boxe para bacia sanitária - Transferência lateral.....	37
FIGURA 08 – Boxe para chuveiro com barras vertical e horizontal.....	38
FIGURA 09 – Boxe para chuveiro com barra de apoio em L	38
FIGURA 10 – Perspectiva do boxe com as barras de apoio	38
FIGURA 11 – Banco de transferência em piscinas	40
FIGURA 12 – Escada submersa	40
FIGURA 13 – Estantes em bibliotecas	41
FIGURA 14 – Terminais e consulta	42
FIGURA 15 – Imagem satélite do Centro Cultural da Caixa e seu entorno	44
FIGURA 16 – Antigo Prédio da Bolsa de Valores de PE	44
FIGURA 17 – Atual Instituto Cultural da Caixa	44
FIGURA 18 – Planta Baixa do Instituto Cultural da Caixa - Térreo.....	45
FIGURA 19 – Planta Baixa do Instituto Cultural da Caixa – 1º Pavimento.....	46
FIGURA 20 – Piso em vidro do Centro Cultural da Caixa.....	46
FIGURA 21 – Planta Baixa do Instituto Cultural da Caixa – 2º Pavimento.....	47
FIGURA 22 – Imagem satélite do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno	49
FIGURA 23 – Vista aérea de todo o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza/CE	50
FIGURA 24 – Vista aérea de todo o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza/CE	51
FIGURA 25 – Vista do Memorial da Cultura Cearense no setor vermelho do lado oeste	52
FIGURA 26 – Vista aérea do setor laranja, lado leste	52
FIGURA 27 – Vista do Planetário Rubens Azevedo	52
FIGURA 28 – Teatro, cinemas e auditório	53

FIGURA 29 – Vista externa do mosaico do anfiteatro	53
FIGURA 30 – Vista da Praça Verde.....	53
FIGURA 31 – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	53
FIGURA 32 – Imagem satélite do Parque Dona Lindu e seu entorno.....	55
FIGURA 33 – O Parque Dona Lindu e seu entorno	56
FIGURA 34 – Vista aérea do Parque Dona Lindu	57
FIGURA 35 – Memorial aos Retirantes.....	57
FIGURA 36 – Esculturas do Parque Dona Lindu.....	57
FIGURA 37 – Teatro Luiz Mendonça	58
FIGURA 38 – Palco Reversível – Show ao ar livre	58
FIGURA 39 – Galeria Janete Costa.....	58
FIGURA 40 – Galeria Janete Costa.....	58
FIGURA 41 – Parque Dona Lindu	59
FIGURA 42 – Área reservada para treinos	59
FIGURA 43 – Pista de skate.....	59
FIGURA 44 – Pista de corrida e caminhada	59
FIGURA 45 – Quadra poliesportiva	59
FIGURA 46 – Tirolesa	59
FIGURA 47 – Gangorra e balanços.....	60
FIGURA 48 – Limites da Região Metropolitana do Recife e do Município de Moreno..	66
FIGURA 49 – Linha Férrea, século XIX década de 50	68
FIGURA 50 – Vila Operária em 1930	70
FIGURA 51 – Vila Operária, situação atual	70
FIGURA 52 – Av. Dr. Sofrônio Portela.....	72
FIGURA 53 – Ponte Santa Maria	72
FIGURA 54 – Bifurcação na Rua Edelson Barbosa de Souza de encontro com a Rua Floriano Peixoto.....	73
FIGURA 55 – Rua Floriano Peixoto.....	73
FIGURA 56 – Rua Floriano Peixoto e o terreno de fundo.....	73
FIGURA 57 – Continuação da Rua Floriano Peixoto e o Terreno do CSU.....	74
FIGURA 58 – Área residencial	74
FIGURA 59 – Área residencial	74
FIGURA 60 – Ginásio de Esportes Zezo Bernardo.....	75
FIGURA 61 – Colégio Municipal Baltazar Moreno.....	75

FIGURA 62 – Localização do terreno e análise do entorno, de acordo com os princípios de Lynch	76
FIGURA 63 – Marco Referencial - Igreja Assembleia de Deus	76
FIGURA 64 – Ponto Nodal - Ponte Santa Maria.....	77
FIGURA 65 – Localização do terreno e os bairros do seu entorno	78
FIGURA 66 – Entrada do CSU	79
FIGURA 67 – Terreno escolhido.....	79
FIGURA 68 – Centro Social Urbano do Moreno	79
FIGURA 69 – Edificação deteriorada.....	79
FIGURA 70 – Invasão do terreno escolhido	80
FIGURA 71 – Invasão do terreno escolhido	80
FIGURA 72 – Mapa de insolação e ventilação esquemático	81
FIGURA 73 – Zoneamento retirado do Plano Diretor da Ilha do Município de Moreno.	82
FIGURA 74 – Zoneamento esquemático do Centro de Cultura e Lazer	95
FIGURA 75 – Implantação do projeto no terreno escolhido	97
FIGURA 76 – Setorização da implantação	98
FIGURA 77 – Setorização do Bloco Educacional.....	99
FIGURA 78 – Exposição temporária do Bloco Educacional	99
FIGURA 79 – Setorização do Bloco Social e Administrativo	100
FIGURA 80 – Exposição temporária do Bloco Social, integrando com o ambiente externo	101
FIGURA 81 – Setorização do Bloco Cultural	102
FIGURA 82 – Exposição temporária do Bloco Cultural	102
FIGURA 83 – Setorização do Bloco de Esporte e Lazer	103

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Programa do Centro Cultural da Casa da Cultura.....	47
QUADRO 02 – Programa do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	53
QUADRO 03 – Programa do Parque Dona Lindu.....	60
QUADRO 04 – Quadro síntese dos Estudos de Casos	61
QUADRO 05 – Quadro dos Problemas e Potencialidades dos Estudos de Casos.....	64
QUADRO 06 – Coeficiente de Utilização	83
QUADRO 07 – Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Social de um Centro de Cultura e Lazer	89
QUADRO 08 – Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Administrativo de um Centro de Cultura e Lazer	90
QUADRO 09 – Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Educacional de um Centro de Cultura e Lazer.....	91
QUADRO 10 – Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Cultural de um Centro de Cultura e Lazer	92
QUADRO 11 – Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor de Esporte e Lazer de um Centro de Cultura e Lazer	93
QUADRO 12 – Organograma e Fluxograma do Centro de Cultura e Lazer	94

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1. REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 O QUE É CULTURA?.....	16
1.2 O LAZER E SUA IMPORTÂNCIA.....	19
1.3 CONCEITUAÇÃO DE CENTRO CULTURAL	20
1.3.1 Tipologia Arquitetônica	23
1.4 ARQUITETURA INCLUSIVA	28
1.4.1 NBR 9050 - Acessibilidade.....	30

2. ESTUDOS DE CASO

2.1 CENTRO DE CULTURA DA CAIXA	43
2.2 CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA.....	48
2.3 PARQUE DONA LINDU	55
2.4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ESTUDOS DE CASO.....	61

3. ANÁLISE DA ÁREA ESCOLHIDA

3.1 O MUNICÍPIO DE MORENO.....	66
3.1.1 Histórico	67
3.1.2 Meio ambiente natural	68
3.1.3 Meio ambiente construído	69
3.2 O BAIRRO DO CSU	70
3.3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	72
3.4 CARACTERIZAÇÃO DO TERRENO	77
3.5 ASPECTOS FÍSICOS E CLIMÁTICOS	80

3.6 ASPECTOS LEGAIS.....	81
--------------------------	----

4. ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE CULTURA E LAZER

4.1 A PROPOSTA	88
4.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO.....	88
4.3 ORGANOFLUXOGRAMA.....	93
4.4 ZONEAMENTO.....	95
4.5 MEMORIAL DESCRITIVO.....	96
4.5.1 Implantação	96
4.5.2 Bloco Educacional.....	98
4.5.3 Bloco Social	100
4.5.4 Bloco Cultural	101
4.5.5 Bloco de Esporte e Lazer	103
4.5.6 Materiais Utilizados.....	104
4.5.7 Paisagismo	104
4.5.8 Conclusão.....	104
4.6 REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DO ANTEPROJETO DO CENTRO DE CULTURA E LAZER NO MUNICÍPIO DE MORENO - PE.....	105

CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	108
-------------------------	------------

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A Cultura e o Lazer representam elementos da vida espiritual dos povos. Em todas as épocas exprimem sensibilidade e tradição formadas de acordo com as condições sociais do tempo, na evolução e no caminho traçado pela humanidade até os dias atuais. Tudo que somos hoje é devido ao percurso tomado pelos nossos antepassados.

Um Centro de Cultura e Lazer pode ser um recurso inesgotável com funções educativas e sociais, no intuito de promover atividades recreativas e estimuladoras da aprendizagem; podendo, ainda, contribuir decisivamente para a inclusão social. A missão de equipamento como esse é de criar valores relacionados às manifestações culturais, como a arte, e também para proporcionar um divertimento daqueles que o usufruem, tendo em vista que nada simboliza melhor a capacidade humana do que a cultura expressa através das artes e do lazer.

Através desses citados centros, o Poder Público propicia às pessoas atividades esportivas, artísticas, ajudando na criação de ambientes estimulantes para promoção do enriquecimento cultural, e que elas passem a conhecer o mundo ao seu redor.

Em muitas cidades brasileiras não existem espaços voltados à cultura e ao lazer, não é diferente no município de Moreno, localizado a 28 km de Recife/PE, que é uma destas cidades sem espaços específicos para a realização de atividades de divertimento e cultural. O lugar mais próximo que contém esse tipo de atividade é a cidade do Recife, acarretando na imposição de verdadeira peregrinação, por parte da sociedade morenense, para ter acesso aos locais que facilitem o enriquecimento cultural.

Exatamente no intuito de solucionar a carência de espaços voltados ao desenvolvimento da cultura e do lazer no município de Moreno, idealizou-se a implantação de um centro pluricultural, com proposta de fomentar a inserção de projetos socioculturais, com fito de oferecer a população morenense um espaço apropriado sem que se faça necessária à migração para outros centros urbanos, aumentando a qualidade de vida dos cidadãos daquela municipalidade.

Assim, este trabalho visa apresentar um Anteprojeto Arquitetônico, que contemplará um Centro de Cultura e Lazer com ambientes propícios ao desenvolvimento de atividades recreativas e culturais, sendo o que motivou o interesse pelo tema.

Destaca-se que um dos principais objetivos expostos no anteprojeto é a possibilidade da população da Cidade de Moreno de ter o contato com a arte, o lazer, o esporte e a cultura de maneira geral, coincidindo com as atividades cotidianas. Tais atividades serão importantes porque exercerão uma relevante função social, abrangendo atividades lúdicas que melhorem a saúde, a qualidade de vida, e o bem-estar da população, reduzindo, assim, os índices de violência e drogas.

No âmbito da Cultura haverá a conquista do conhecimento da história da sociedade, além de ser uma importante ferramenta educacional, já que estimula o senso crítico daqueles seres envolvidos e os afastam da marginalização. No pertinente ao lazer, esse será amplamente difundido com atividades esportivas e culturais tornando a vida mais saudável e prazerosa.

Ademais, a elaboração do equipamento servirá, também, como um elemento essencial para a requalificação do entorno do empreendimento, ajudando no reestabelecimento das relações e do convívio social nos arredores.

Em linhas gerais o que se propõe com esse trabalho é a implantação de um Centro de Cultura e Lazer voltado para suprir as carências da cidade do Moreno, atendendo os anseios populares de melhoria da qualidade de vida, e reorganização da zona urbana da citada municipalidade. Como cunho específico, o trabalho propõe trazer um equipamento público com volume arquitetônico capaz de melhorar a localidade sem desfigura-la e também que possa atender os usuários da forma mais abrangente possível.

A metodologia adotada para a realização desse trabalho se dividiu em quatro etapas, sendo a primeira delas baseada nas ações referentes à coleta de dados necessários para estudo inicial do trabalho, tais como: pesquisas bibliográficas, a partir da consulta a livros, artigos relacionados ao tema, depoimentos de integrantes do poder públicos, revistas, justificativas de projeto congêneres e pesquisa de campo para o reconhecimento do contexto, para calcar um embasamento eficiente à proposta.

Na segunda etapa, realizaram-se estudos de caso para definir um programa de necessidades que melhor pudessem demonstrar o funcionamento e adequação da infraestrutura necessária do empreendimento; para subsidiar a parte teórica foram realizados levantamentos documentais que trouxessem a proposta arquitetônica, sempre considerando as

potencialidades e as problemáticas do tema observando, principalmente, a interação das pessoas com os ambientes para propor soluções funcionais.

Três estudos de caso foram escolhidos para embasar a pesquisa: o Centro Cultural da Caixa Econômica Federal em Pernambuco, que tem como pilar mais interessante o convívio que o arquiteto proporcionou a edificação, na medida em que aliou a preservação histórica da fachada à atualização moderna no seu interior, visando atender às necessidades do espaço com a finalidade a que se destina; O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o qual foi escolhido pelo amplo e completo projeto apresentado; e o Parque Dona Lindu, que apesar de não ser um projeto completo, quanto o Centro Dragão do Mar, é um dos únicos localizados na região metropolitana do Recife/PE, sendo um dos espaços voltados para a promoção da cultura, do lazer, e incentivo ao esporte e ajudando na melhoria do convívio social; esse último possui caráter semelhante ao do presente estudo.

Na terceira etapa, foi realizada análise da área a ser utilizada para implantação do projeto, além de estudo do conjunto urbano existente no Município de Moreno, com a verificação específica do terreno, sempre levando em consideração o entorno, os condicionantes físicos, a legislação municipal vigente e a viabilidade econômica e técnica do empreendimento. Todas as informações do presente estudo foram delimitadas e embasadas nas informações coletadas nas visitas técnicas da área.

Na quarta, e última etapa, elaboraram-se os pré-projetos que servirão como programa base, tendo sido observado o zoneamento, o pré-dimensionamento, a proposta volumétrica e o anteprojeto arquitetônico a ser apresentado.

1. REFERÊNCIAL TEÓRICO

Neste capítulo se abordará os conceitos norteadores do estudo, que trará a base teórica para a análise dos estudos de caso e consequentemente solução arquitetônica a ser empregada.

Em um primeiro momento será abordada a definição de cultura como fenômeno social, com observação histórica do conceito até aquilo que é entendido contemporaneamente, e a também a definição de lazer. Posteriormente se apresentará a conceituação, pela ótica arquitetônica, dos centros culturais e as linhas de pensamentos regentes utilizadas na construção do pensamento, raciocínio analítico e projetivo que embasam a presente proposta. Analisa, também, como a arquitetura serviu, ao longo do tempo, à cultura, dando ênfase à espacialidade, a materialidade, a morfologia e ao programa; para assim, estabelecer as necessidades arquitetônicas contemporâneas de um Centro Cultural, e levantar as particularidades pertinentes a essa temática.

Por fim, estuda-se, sem a pretensão de encerramento do tema, a arquitetura inclusiva, denotando a importância de uma arquitetura acessível a todos, transformando o agir construtivo em espaço de materialização universal da sociedade plenamente democrática.

1.1 O QUE É CULTURA?

A palavra cultura deriva do latim *colere*, é um conceito de várias acepções, o que significa cultivar. Convém ressaltar que a definição de Cultura é trabalho possui um vasto acervo. Notadamente, não se concebe, tampouco, a possibilidade de encerramento de tal manifestação popular – ou civilizacional – em uma única palavra. Nesse sentido, é notório que a expressão cultural tem vários sentidos, em toda a sua plenitude, não se tornando submetida a qualquer conceito – por mais primal – a ela vinculada (TYLOR, 2010).

Desta feita, estima-se que tudo é cultura na vida cotidiana do ser humano. Desde quando o homem nasce e aprende a andar já se tem uma ação cultural, um costume, algo que vem com ele há milhões de anos passados. A Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização. A forma de vestir, de andar, de comer, de pensar, de acreditar, enfim, todos os hábitos e costumes de um povo, suas raízes, suas tradições. Ou seja, cultura é a expressão das pessoas. Portanto, faz parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: a música, o teatro, os rituais religiosos, a língua

falada e escrita, os mitos, os hábitos alimentares, as danças, a arquitetura, as invenções, os pensamentos, as formas de organização social, etc.

“Cultura é um conjunto de artefatos imprescindíveis para a existência humana, definir cultura significa compreender a própria natureza humana, tema permanente da incansável reflexão”. (LARAIA, 2005, p.42). Portanto, cultura é o sentimento individual ou coletivo de um povo, com relação à sua arte, a sua vida, suas habilidades artesanais, é a sua história de vida, formando as suas tradições e origens, conceito este adotado neste Estudo.

A cultura possui, como papel principal, a capacidade de mostrar para o mundo, em uma evolução temporal, registros históricos do cotidiano de um povo, independente do grau de sofisticação civilizacional observado. Em síntese, cabe à cultura o registro da origem e continuidade de um povo, de sua história.

Temos o patrimônio cultural urbano, os sítios históricos, à memória histórica dos vultos e personalidades, o resgate cultural da cidadania através da educação. Não podemos esquecer que a comunicação é base fundamental para a valorização no exercício da promoção e desenvolvimento cultural.

Assim, é notável a utilização corriqueira e comum do termo cultura, nas mais diversas ocasiões; contudo, basta um olhar mais profundo para realçar os significados com maior quantidade de apropriação. Nesse sentido, ao ter como base a definição presente no dicionário, revela-se a equivalência à posse de determinado conhecimento ou ofício de saber, pode ser ainda um denominador comum de caracteres vinculados a determinado grupamento coletivo, ou pode ser, ainda, correlacionado a alguma expressão artística, em seu sentido mais puro (TYLOR, 2010).

Ressalte-se que no presente estudo, por mais se aproximar do objeto enfrentado, adota-se a definição antropológica da Cultura, embasada nas palavras de Roque de Barros Laraia, a saber:

Cultura é um conjunto de artefatos imprescindíveis para a existência humana, isto é, para definir cultura, significa compreender a própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana. (LARAIA, 2005, p 42).

Nesse sentido, cumpre esclarecer que a grandeza da Cultura não pode ser limitada por acepções biológicas, tendo em vista que a espécie humana é uma só, mas que engloba

milhares de variações, refletidas, e convenientemente colocadas em sua produção cultural. Sobre tal fenômeno, assim se posiciona Roque de Barros Laraia:

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil provido de insignificante força física dominou toda a natureza e se transformou no mais terrível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem gnelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto por que difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. (LARAIA, 2005, p 24).

O citado autor se posiciona acerca da possibilidade do meio cultural influenciar o modo de construção do pensamento humano, indo desde como percebemos o mundo em toda a sua extensão e conteúdo, perpassando por situações mais abstratas, tais como a instituição da moral, os mais distintos comportamentos sociais, a valoração de costumes, dentre outros. Tais institutos se encontram diretamente vinculados, então, na visão de Laraia, a uma chamada “herança cultural”, estabelecida desde os primórdios da busca de identidade de um povo. Complementa seu posicionamento afirmando que, muito embora seja o indivíduo o provedor da produção cultural, a ele não é dada oportunidade de participação, irrestrita, a todos os campos da vida social, seja pela estruturação da sociedade, seja pelo seu papel na sociedade. Dessa forma, revela-se importante tão somente que o indivíduo participe de sua cultura para agir conforme o ambiente e articular com os demais membros da sociedade objetivos comuns (LARAIA, 2005).

O papel exercido pela cultura na construção das relações sociais é de grande valor. Entretanto, em grande parte dos casos, não tomamos como certo tais atividades, e, continuamos na pratica de valores e atitudes com apelos culturais dos nossos passados.

A cultura não pode ser descrita como uma ciência exata, e, que o sujeito possa carregar por toda a sua vida. O conjunto de culturas se encontra em permanente estado de renovação e renovação de valores. Por vezes assumindo um sentido de resistência a eventuais mudanças de hábitos e costumes.

Portanto, fortalecer a cultura própria de cada grupo social e étnico que compõe a sociedade brasileira, promover o seu reconhecimento, valorização e conhecimento, é fortalecer a igualdade, a justiça, a liberdade, por fim, a democracia (CARVALHO, 2004).

1.2 O LAZER E SUA IMPORTÂNCIA

A palavra lazer deriva do latim *licere*, traduzida como algo lícito e permitido, o que significa liberdade. O lazer seria então, dentro de sua concepção inicial, a possibilidade de exercício de qualquer atividade pela simples liberdade do querer, atrelado à noção do livre, do lúdico, do ócio. Ora, não há, ainda que em sua acepção primária, obrigação qualquer que se atrele ao lazer, sendo este encarado como o desejo expresso inserto dentro da vontade (CAMARGO, 1989).

Ao longo da evolução histórica, a ideia de lazer sofreu severas alterações, sendo mais detalhada. Nesse sentido, Dumazedier (1976), estabelece que o lazer torna-se fenômeno consequente sobre o trabalho, o núcleo familiar e a cultura. Leia-se:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZADIER, 1976, p. 34)

Seguindo o entendimento acimadescrito, e contribuindo para o debate sobre o tema, assim se posiciona Renato Riquixa, ao definir lazer como “uma ocupação não obrigatória de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e desenvolvimento pessoal e social”. (REQUIXA, 1977, p. 02)

Nos conceitos acima identificados, observa-se presente a preocupação com as funções do lazer para o homem contemporâneo, o repouso, a diversão e o desenvolvimento pessoal, sendo obrigatório o reconhecimento de sua importância, nitidamente atrelada ao espírito criador do indivíduo.

Sobre o lazer, e sua dependência estrita com a vontade criadora, inspiracional, e necessária à expressão humana moderna, assim informa Antônio Carlos Bramante, *in verbis*:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-

político-econômico e influenciados por fatores ambientais (BRAMANTE, 1998, p.09).

De relevo mencionar que a definição de lazer admite segregação, sendo conceituado, ora como o tempo em relação estrita, vindo da superação temporal das atividades de trabalho, notadamente, o período em que se descansa. O tempo livre e desembaraçado de qualquer forma de obrigação.

Outra nuance se identifica não só com a preexistência de tempo livre, mas sim com a busca, inserida nessa janela temporal, de atividades que se correlacionem com recompensa, estipulada através da satisfação – pessoal ou não – e do alcance do prazer. Nesse sentido, seria o lazer a possibilidade de quebra de rotina, devolvendo a capacidade criadora ao indivíduo (BRAMANTE, 1998).

De todo o exposto, percebe-se o aumento da importância atribuída ao lazer em épocas modernas, sendo inclusive reconhecido por força de legislação trabalhista o descanso semanal remunerado, sem adentrar na esfera de conceituação de tal lazer. Assim, imprescindível, na organização social atual, instituições públicas destinadas à agregação e transferência de lazer em determinadas comunidades, até como forma de incentivo de prosperidade.

1.3 CONCEITUAÇÃO DE CENTRO CULTURAL

Desde os primeiros tempos, os homens se reúnem em espaços públicos com intuito de realizar as atividades relacionadas a cultura e lazer, sendo que tais locais sempre se adequaram a realidade do momento, abrigando, por cada tempo, as necessidades espaciais, estéticas e funcionais relativo aquele momento histórico.

Para arquitetura em dado momento histórico verificado durante a era do modernismo é essencial para mudança do programa, como bem anotou Kiefer, ao ter percebido nos museus uma mudança nos projetos, como se vê na explanação abaixo colacionada:

Mas não era apenas a forma do museu que estava mudando, havia toda uma nova conceituação por trás desses projetos. Os museus agora eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar até mesmo independentemente de seus motivos-objeto, o acervo exposto. Para isso foram agregados novos serviços como restaurantes, lojas, parques e jardins, além de outras facilidades e, mais do que tudo, em contraposição ao museu antigo, muita luz natural iluminando amplas circulações e grandes espaços de exposição muito mais integrados e fluidos. Kiefer (2000, p.20)

Não se trata apenas de mera alteração conceitual, mas a origem de diversas variações nos projetos de museus, cujas diferenças são ditadas pelas demandas espaciais e funcionais do lugar.

Isso se deu pela alteração das necessidades em dado momento histórico, passando aqueles locais a contar com novos espaços, que melhoravam e atendiam os anseios dos frequentadores, sendo criados espaços para restaurantes, cafés, lojas, livrarias, bibliotecas, teatros, que deixaram de ser apenas ambientes acessórios para agora integrar o ideário de espaço da cultura (ALVES, 2010).

A variação ocorrida ao longo do tempo desses espaços culminou na possibilidade do surgimento de outros espaços com novas tipologias e diferentes propostas, como os Centros Culturais, os quais reúnem, em um só lugar, diversas funções voltadas à cultura e ao público visitante (DALL'AGNA e GASTAUD, 2010).

Os Centros Culturais surgem como resposta a esse novo panorama de espaços, apostando na característica efêmera das artes pós-moderna, e assim focando suas edificações para exposições temporárias e performances em festivais (ALVES, 2010).

Com o evoluir da sociedade os espaços culturais ganharam outra conotação, já que a cultura se transformou em elemento integrado a economia, ganhando mais notoriedade e passando a fazer parte do consumo de massa, ocasionando na necessidade dos espaços voltados para sua promoção de ter de servir ao capital que o financia. Apesar das bases espaciais fundamentalmente modernas, o espaço se torna um meio de integração da arte na esfera da cultura, possibilitando essa apreciação cultural (ALVES, 2010; SPERLING, 2005).

Essas novas características contribuíram para a mudança do público e frequência de uso desses espaços. Os Centros Culturais passaram a atrair um maior público, mais variado, dentro de uma lógica turística urbana, pertencente a um sistema mercadológico-capital (ALVES, 2010).

Durante o século XIX foram criados os primeiros centros de cultura ingleses, chamados de centros de arte, espaços que já assumiam a prática da ação sociocultural que foi privilegiada pelas políticas culturais dos países socialistas europeus no século XX. Porém, apenas no final da década de 50, na França, foram lançadas as bases do que entendemos como ação cultural contemporaneamente (COELHO, 1986).

Na Europa, primordialmente na França e na Inglaterra, criou-se e se incentivou a implantação de espaços culturais com a proposta de democratizar a cultura para além das tendências da cultura de massa. O Centre National d'Art et Culture Georges Pompidou, na França, inaugurado em 1977, serviu de modelo dessa nova realidade para o resto do mundo (COELHO, 1986)..

As mudanças na sociedade observadas durante o século XX, com maior acesso a informação e ao conhecimento, com um mundo mais globalizado se observou o surgimento de inúmeros centros voltados para cultura, principalmente nos chamados países desenvolvidos; tendência essa que posteriormente foi levada para países como o Brasil, México e até mesmo Cuba (COELHO, 1986).

No Brasil, embora já houvesse o interesse nestes centros desde a década de 60, apenas na década 80 do século XX, é que se observou a criação, na cidade de São Paulo, do primeiro espaço específico com essa finalidade, o Centro Cultural do Jabaquara e o Centro Cultural São Paulo, ambos financiados pelo Estado. Atualmente, no estado de Minas Gerais, em especial na Cidade de Belo Horizonte, hoje, constata-se a presença de, pelo menos, 14 centros culturais com perfis e públicos diferenciados, já que cada casa traça um perfil e estabelece um tipo de relação com a cidade e uma política de ação (COELHO, 1986).

Iniciada as implantações desses centros de cultura no Brasil, o crescimento desses locais não parou, tendo uma vertiginosa criação de outros espaços nos últimos vinte anos, inclusive em razão dos benefícios fiscais concedidos pelas leis de incentivo à cultura.

Hoje os centros culturais são tidos como exemplo de participação e interação social, onde se realizam oficinas de música, canto, arte, contação de histórias e diversos outros tipos de manifestações culturais, que proporcionam momentos de descontração, valorização, reconhecimento, prazer e, servem, ao mesmo tempo, para conscientização da população acerca do acesso a educação, cultura e lazer como direito universal e independente da classe econômica (SILVA, LOPES, XAVIER, 2009).

Tais espaços são criados para denotar aspectos regionais de cidades e acompanham o desenvolvimento da política estatal de descentralização da cultura, com objetivo de reservar um espaço de para uso e criação de bens culturais que contribuem para a formação de identidades culturais locais. Os centros culturais oferecem oficinas artísticas de diversos

segmentos (teatro, dança, pintura, apresentações cinematográficas etc.), sendo que essas atividades possibilitam trocas de experiências entre as pessoas de diferentes locais (PBH, 2011).

Os equipamentos culturais possuem acervos de objetos que preservam as identidades culturais e o patrimônio público, sendo consagrados no Estado através de valores constitucionais (PBH, 2011).

Os centros de cultura têm como principal função o acesso ao conhecimento e a possibilidade de poder discuti-lo, como bem sinalizou Teixeira Coelho (1986). No interior de cada centro cultural a construção da informação é essencial, bem como a disseminação dessas para o público que o frequenta, já que atualmente a cultura e informação caminham juntas e são facetas de uma mesma moeda.

Ademais, apenas propiciar o acesso aos espaços culturais não é a solução do problema já que aliado a esses espaços deve-se dar oportunidade de ocorrer atividades que tragam o entretenimento, então, as cidades brasileiras não têm conseguido oferecer espaços de lazer suficientes para que todos usufruam das manifestações culturais existentes, dificultando o processo evolutivo.

Assim, os centros de cultura e lazer são importantes para o desenvolvimento do turismo, através de manifestações artísticas que propiciem o lazer independente da classe socioeconômica, por isso é necessário encontrar novos estímulos, que talvez sejam capazes de resgatar o desejo interno de cada indivíduo, dando a oportunidade de viverem em uma sociedade mais igualitária, quebrando as barreiras que dificultam sua inserção. (PELLEGRIN, 2004)

1.3.1 Tipologia Arquitetônica

Desde o início, os Centros Culturais mostraram uma grande diversidade tipológica, e até hoje não apresentam uma tipologia arquitetônica definida, sendo cada um projetado de acordo com o objetivo almejado e lugar de implantação.

No final do século passado, quando as construções dos centros culturais estavam no auge e surgiam por todos os lugares do mundo, a arquitetura recorreu as formas carregadas de simbologismo, na tentativa de atrair a atenção e curiosidade. No que pertine a forma, os

projetos de arquitetura foram extremamente contemporâneos, com uso de formas irregulares, materiais inovadores, como o cobre na fachada, além do uso de muito vidro; as formas diferenciadas e a escala monumental marcaram os projetos (BARRETTO, 2000).

No Brasil há uma grande diferença entre os projetos implantados, pois a maioria dos centros culturais estão voltados para a revitalização de áreas esquecidas e degradadas das cidades, utilizando-se de edifícios em péssimo estado de conservação, mas com grande conotação histórica, que são transformados em Centros Culturais (BARRETTO, 2000)..

Desta forma, a arquitetura dos Centros Culturais brasileiros é marcada pela requalificação de espaços existentes, mas não se deve esquecer a ousadia presente nos projetos de Ruy Ohtake, como o Complexo de Múltiplo Uso Ohtake Cultural, em São Paulo/SP, que é um marco urbano para mencionada cidade, tendo uma arquitetura de grande destaque frente aos demais lugares congêneres situados no país. É possível observar abaixo o citado Complexo de Múltiplo Uso Ohtake Cultura, e o seu entorno que o torna um marco urbano (BARRETTO, 2000).

FIGURA 01: Complexo de M. Uso Ohtake Cultural



FONTE: Fernando Serapião, 2004

FIGURA 02: O Complexo e seu entorno



FONTE: Fernando Serapião, 2004

Dessa maneira, pode-se afirmar que um centro cultural não pode mais ser considerado como um ambiente neutro voltado para o simples “armazenamento” de obras de artes organizadas segundo temas específicos.

Esses equipamentos são acompanhados de novas concepções e definições, inclusive porque estão acompanhados do acréscimo de funções e atividades além da exposição momentânea de objetos, mas estão acompanhados de novas representações e formas de apresentação das artes.

Dentro das transformações observadas nesses espaços, existem correntes antagônicas, mas que se complementam, pois primeiro ocorre a exploração econômica desses locais, o que objetivam a banalização do acesso à cultura. Por outro lado, a criação e exploração desses novos centros são alternativas para fomento do entretenimento como condição contemporânea (MAIA NETO, 2004).

Assim, o mais importante é a ampliação e organização da discussão que liga a arquitetura aos centros culturais, como instrumento de criação e construção de novos espaços na cidade, sem perder o foco e a importância da obra de arte como estrutura fundamental.

Atualmente o principal objetivo de um centro cultural foi calcado ao segundo plano, já que a arte, a informação etc., foram colocadas de lado em detrimento as múltiplas atrações, inclusive para o “espetáculo da arquitetura”, com projetos arrojados e grandiosos. A relação intimista entre o observador e a obra de arte, a possibilidade de exploração sensitiva e as experiências estéticas subjetivas sofrem um conturbado impacto provocado por uma arquitetura muitas vezes preocupada com o mercantilismo da arte e a promoção de marketing do espaço cultural voltada à homogeneidade da massa (MAIA NETO, 2004).

A ruptura com o passado é a tônica nos projetos atuais de centros culturais, pois as edificações por si só são verdadeiras obras de arte, e não seguem uma tipologia definida, tendo em vista que a natureza da prática artística contemporânea é a constante mudança. Estes modelos devem ter espaços bem flexíveis que possam suportar tais mudanças, ou então, recorre-se à revitalização e requalificação de espaços inutilizados para utilização de edifícios antigos em prol da criação de novos ambientes voltados a cultura. O valor histórico desses prédios antigos já agrega uma valorização ao centro cultural, sendo um atrativo a mais para o lugar (BARRETTO, 2000).

A análise e a discussão voltadas aos Centros Culturais contemporâneos passam necessariamente por um novo cenário, capaz de compreender a importância e o impacto transformador desses edifícios no contexto das cidades, bem como sua contribuição para a arquitetura mundial. Tais construções assumem um papel relevante, pois se prioriza os usos

voltados à sociedade de consumo em massa, em detrimento da valorização e da reflexão sobre a arte – transformando-a em um mero entretenimento.

Os fatores que induzem os centros culturais a desempenhar importante papel no sistema que configura os países e as cidades, observa-se que tanto as populações em geral quanto as intelectuais e as cientistas contribuem para a idealização da imagem desses espaços. Isto porque a cultura, ou seja, o conjunto das representações de diferentes naturezas da produção material das sociedades sempre distingue institucional e culturalmente as formas de regular (ou romper) as ordens do poder central e, em consequência, do pensamento dominante. Para tanto, há dois séculos, os surtos de criação de espaços culturais acompanham as fases de grande concentração de capitais aliando-as à necessidade de exibir a produção geradora e representativa de expansão econômica e comercial (GUIMARAENS E IWATA, 2013).

Os centros culturais transformaram, sob inúmeros pontos de vista, os centros das cidades, tornando-os verdadeiras praças de comércio, sendo gradualmente estendidos para outras regiões da cidade. Nesta praça, o mercado de arte e cultura resgata uma dimensão apenas aparentemente perdida: aquela que, ao estabelecer o constante uso do "espírito", garante a sobrevivência dos artistas ao mesmo tempo em que assegura a ordem futura. De outro lado, é inegável que as mudanças sociais, políticas e econômicas induzindo a dinâmica da cultura e de seus suportes físico-espaciais, encontraram, nas áreas centrais em arruinamento, os lugares ideais para o exercício da construção de novas expressões do dito "quanto mais se muda mais se permanece" (GUIMARAENS E IWATA, 2013).

Pode-se, então, afirmar que não foi à toa nem em vão que a instituição da cultura do consumo de arte, particularmente integrada à instituição da cultura do consumo da cidade e de seu centro, hoje ocupa com muito mais competência o lugar que a igreja manteve até a bem pouco tempo.

Os centros culturais surgiram nas cidades brasileiras como meio de reestruturação dos locais degradados e sem uso, como forma de atrair as pessoas para essas áreas, a fim de gerar um fluxo capaz de movimentar e erguer a área degradada e com uso desvirtuado, tornando-a autossustentável, como se observa no caso da Cidade do Rio de Janeiro, que teve acelerada reciclagem de edifícios históricos no centro, tendo como consequência a regeneração desses setores degradados, passando a ser chamados de Cinturão Cultural, onde as atividades culturais e as obras em museus e espaços abertos objetivam transformar o uso do Centro

desde meados da década de 1980, o que é de grande importância e agrega qualidade de vida para aquela localidade (GUIMARAENS E IWATA, 2013)..

A renovação ou alteração de usos transformou esses espaços em lugares de realização de atividades culturais e exposições de obras e acervos de naturezas diversas, com integração de atividades profissionais de várias áreas do conhecimento e de recursos de entidades governamentais e privadas no setor museológico, o que envolve a proteção do patrimônio edificado. Portanto, da perspectiva do planejamento urbano, a implantação de centros culturais está relacionada não apenas à educação, formação da cidadania e produção de conhecimento, mas ao turismo "de entretenimento e lazer", fonte de empregos e de lucro (GUIMARAENS E IWATA, 2013).

Paulo Mendes da Rocha comenta que há, entre nós, um sintoma muito estranho: a transformação de tudo que é abandonado em centro cultural, delegando-se para a área da Cultura a responsabilidade pelo destino dos edifícios e regiões abandonadas. Esses locais, antes tinham outros fins e foram se degenerando em razão da especulação financeira e da falta de política pública de conservação. (ROCHA, 2011).

Um caso interessante é o caso da utilização de antigas sedes bancárias como centros culturais, como é o caso daquela que pertenceu ao Banco Santander, onde hoje se tem o Centro Cultural em Porto Alegre/RS, esse mesmo autor ressalta o grande dispêndio de verba para destinar nova função para o prédio que logo se mostrará inadequado para implantação do espaço proposto. Para ele, cidades como São Paulo já se apresentam como grandes centros culturais, por contar com grande gama de teatros, cinemas e salas de exposição, sendo um desperdício a criação de locais específicos dentro de centros mais abrangentes (ROCHA, 2011).

Uma preocupação relevante é o dinamismo que o capital traz aos museus e aos centros culturais, que não pode comprometer a necessidade de reflexão contínua sobre suas propostas. O imprevisto é a regra marcante na administração desses locais, até pela dificuldade de elaborar uma programação pertinente e capaz de pautar um debate significativo para seus frequentadores, sendo usadas muitas vezes como instrumento de facilidades econômicas decorrentes de políticas públicas de “fomento” a cultura e lazer.

Os centros de cultura e lazer tem como objetivo principal a possibilidade da inclusão dos mais variados ramos sociais ao acesso à cultura, casos de grande sucesso podem ser vistos na

cidade de Fortaleza/CE, onde se criou um espaço com 30 mil metros quadrados de área para vivenciar a arte e a cultura, com atrações como o Memorial da Cultura Cearense, o Museu de Arte Contemporânea, o Teatro Dragão do Mar, as salas de cinema do Espaço Unibanco Dragão do Mar, o anfiteatro Sérgio Mota, um Auditório e o Planetário, ou seja, conta com infraestrutura completa para o exercício do lazer e da arte, objetivando democratizar o acesso à cultura, além de gerar novos empregos e movimentar o mercado turístico local (LEOCÁDIO, 2013).

Tal projeto tem como precípua básico a democratização contando com visitantes de todas as localidades e classes sociais, das mais variadas faixas etárias e de renda, sendo todos estimulados a visitar o espaço e discutir as propostas ali inseridas, sendo assegurada a gratuidade nas atividades do centro. Esse equipamento é a vitrine de uma ousada visão de futuro, já que o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura proporciona oportunidade do cidadão de se desenvolver socializar. O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura revitalizou a antiga área portuária da Praia de Iracema, dando uma nova roupagem aos armazéns do entorno e elevando a importância das construções para a história da cidade (LEOCÁDIO, 2013).

Pertinente ao projeto acima referenciado, não seria precipitado afirmar, , que se trata de um dos investimentos mais bem sucedidos em cultura no Estado do Ceará e no Brasil no final do século passado (LEOCÁDIO, 2013).

Podemos então perceber a importância dos centros culturais nas cidades brasileiras, como forma de recuperação de áreas degradadas ou abandonadas, e porque não dizer, na melhoria da qualidade de vida da população. Pode-se dizer que os centros culturais são fontes de desenvolvimento econômico e social para uma cidade, além de possuir papel fundamental na transformação e busca da qualidade de vida de todos os indivíduos que vivem ou transitam pela aquela localidade. Soma-se a isso, o papel relevante na construção da atual sociedade.

1.4 ARQUITETURA INCLUSIVA

Segundo Mello (2011, p.01) “A arquitetura inclusiva é a arquitetura que respeita a diversidade humana e gera acessibilidade para todos.” Acessibilidade para todos é o principal foco da arquitetura inclusiva, seus princípios são essenciais aos profissionais que desejam produzir espaços para a diversidade humana, baseando-se nos princípios do desenho universal, sendo

eles: Uso Equitativo, Flexibilidade no uso, Uso simples e intuitivo, Informação Perceptível, Tolerância ao erro, Baixo esforço físico, Tamanho e Espaço para aproximação e uso. A ideia do Desenho Universal é evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiência, assegurando que todos possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços construídos e objetos. (CARLETTO E CAMBIAGHI, 2007).

Segundo a ABNT NBR 9050 (2004, p.01) a palavra desenho universal é definida como: “Aquele que visa atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população”.

Foi nos EUA que se desenvolveu o conceito de Desenho Universal, com trabalhos de profissionais da área de arquitetura da Universidade da Carolina do Norte, que pesquisavam projetos de produtos e ambientes a ser usados por todos, na sua máxima extensão possível, sem que para isso fosse necessária a adaptação ou a feitura de novo projeto especializado a pessoas com deficiência. O projeto universal é o processo de criar os produtos que são acessíveis para todas as pessoas, independente de suas características pessoais, da idade ou habilidades, esses produtos acomodam uma escala larga de preferências e habilidades individuais ou sensoriais dos usuários. A meta é que qualquer ambiente ou produto possa ser alcançado, manipulado e usado, independentemente do tamanho do corpo do indivíduo, postura ou mobilidade. (CARLETTO E CAMBIAGHI, 2007).

No Brasil, os primeiros debates acerca desse tipo de projeto surgiu durante a década de 80 do século passado, e tinha como objetivo a conscientização dos profissionais da construção para essa nova tendência. Nesse período ocorreu a declaração do Ano Internacional de Atenção às Pessoas com Deficiência, o que acabou acentuando e trazendo ao país uma discussão mais forte acerca dos projetos de desenho universal. Em atenção a essa conjuntura internacional e as novas vozes que surgiram, diversas leis foram elaboradas para garantir que , no Brasil, a parcela da população que fosse acometida por alguma deficiência ou mobilidade reduzida pudesse ter acesso as mesmas garantias de todos os cidadãos, até porque elas contribuem da mesma maneira e pagam os mesmos impostos (CARLETTO E CAMBIAGHI, 2007)

Para Carletto e Cambiaghi (2007), os 7 princípios do Desenho Universal, sendo eles:

- **Igualitário**, como uso equiparável: espaços, objetos e produtos que podem ser utilizados por pessoas com diferentes capacidades, tornando todos os ambientes iguais;

- **Adaptável**, como uso flexível: design de produtos que atendem pessoas com diferentes habilidades e diversas preferências, sendo adaptáveis a qualquer uso;
- **Óbvio**, como uso Simples e Intuitivo: de fácil entendimento para que qualquer pessoa possa compreender independente de sua experiência, conhecimento, habilidade de linguagem ou nível de concentração;
- **Conhecido** - informação de fácil percepção: quando a informação necessária é transmitida de forma a atender as necessidades do receptor, seja ela uma pessoa estrangeira, com dificuldade de visão ou audição;
- **Seguro** - tolerante ao erro: previsto para minimizar os riscos e possíveis consequências de ações acidentais ou não intencionais;
- **Sem esforço** - baixo esforço físico: para ser usado eficientemente, com conforto e o mínimo de fadiga;
- **Abrangente** - divisão e espaço para aproximação e uso: que estabelece dimensões e espaços apropriados para o acesso, alcance, manipulação e uso, independentemente do tamanho do corpo (obesos, anões etc.), da postura ou mobilidade do usuário (pessoas em cadeira de rodas, com carrinhos de bebê, bengalas etc.).

1.4.1 NBR 9050 – Acessibilidade

A NBR 9050/2000 é uma norma organizada pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos que estabelece padrões e critérios, a fim de propiciar às mesmas condições adequadas e seguras de acessibilidade autônoma a esses locais.

Esta norma está baseada nos parâmetros do desenho universal que deve ser aplicado aos projetos novos ou servir de adequação aos existentes. A aplicação da NBR 9050 está voltada para o uso público e privado, tanto para ambientes familiares, como para áreas comuns de circulação, sendo perfeitamente aplicada em todos os tipos de edificações.

É importante ressaltar que a NBR 9050/94 estabelece conceitos sobre o desenho universal e os parâmetros antropométricos⁶, a qual toma por base seus estudos de aplicabilidade, visando um melhor esclarecimento sobre sua aplicação nesse anteprojeto. Portanto, o desenho universal visa atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas

e sensoriais da população; e estes são destinados para pessoas em cadeiras de rodas visando atender ao maior número possíveis de situações.

A Norma estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade. Esta Norma visa proporcionar à maior quantidade possível de pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção, a utilização de maneira autônoma e segura do ambiente, edificações, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos. Todos os espaços, as edificações, os mobiliários e os equipamentos urbanos que vierem a ser projetados, construídos, montados ou implantados, bem como as reformas e ampliações de edificações e equipamentos urbanos, devem atender ao disposto na Norma para serem considerados acessíveis. (Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR 9050, 2004)

Segundo a NBR 9050 (2004, p.01) a palavra acessibilidade é definida como “Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos”. Já a palavra acessível é definida como “Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida. O termo acessível implica tanto acessibilidade física como de comunicação”.

Adiante ao conceito de acessibilidade previsto na NBR 9050, encontramos alguns conceitos e definições relevantes para tornarmos como base ao entendimento dos itens a seguir:

- **Adequado:** “Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento cujas características foram originalmente planejadas para serem acessíveis”.
- **Área de transferência:** “Espaço necessário para que uma pessoa utilizando cadeira de rodas possa se posicionar próximo ao mobiliário para o qual necessita transferir-se”.
- **Barreira arquitetônica, urbanística ou ambiental:** “Qualquer elemento natural, instalado ou edificado que impeça a aproximação, transferência ou circulação no espaço, mobiliário ou equipamento urbano” (Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR9050, 2004).
- **Espaço acessível:** Espaço que pode ser percebido e utilizado em sua totalidade por todas as pessoas, inclusive aquelas com mobilidade reduzida.

Na área esportiva é importante que haja uma presença de siglas que são usadas para a identificação de locais que já contam com o auxílio dessa arquitetura, e estão lançadas na ABNT, e que representam respectivamente: deficientes motores, deficientes visuais e deficientes auditivos.

FIGURA 03: Deficientes motores



FONTE: NBR9050, 2004

FIGURA 04: Def. Visuais



FONTE: NBR9050, 2004

FIGURA 05: Def. auditivos



FONTE: NBR9050, 2004

A dinâmica utilizada pela arquitetura dos Centros de Cultura e Lazer, deve possuir um espaços que insiram o bem estar, segurança e a comodidade dos usuários e atletas, seguindo normas presentes em normas originárias da ABNT, sendo uma das mais utilizada a NBR9050/2004.

A NBR 9050 ressalta importantes termos a serem observados que são importantes para o desenvolvimento da presente proposta, como:

- **Acessos:** Os acessos às edificações devem possuir acessibilidade às pessoas portadoras de deficiência, prevendo pelo menos um acesso nestas condições. Nestes casos a distância entre cada entrada acessível e as demais não pode ser superior a 50m. A sinalização informativa, indicativa, e direcional deve existir em todos os ambientes, situados a uma altura confortável, sendo bastante visíveis. Todos os acessos devem possuir uma largura mínima de 2m para a passagem apropriada a cadeirantes, pessoas com muletas, bengala, tripé, andador e cão-guia.
- **Circulação:** Nas áreas de circulação o piso deve ter superfície regular, estável e antiderrapante, possuindo inclinação transversal máxima de 2%. O círculo de manobra para cadeira e rodas deve ter diâmetro de 1,50m, para rotação de 360°; 1,20m x 1,20m para rotação em 90° e 1,20m x 1,50m para rotação de 180°.
- **Capachos e forrações:** Os capachos devem ser embutidos no piso e nivelados de maneira que eventual desnível não exceda 5mm. Os carpetes e forrações devem ter as

bordas firmemente fixadas ao piso e devem ser aplicados de maneira a evitar enrugamento da superfície.

- **Corrimão:** Objetos tais como corrimãos e barras de apoio, entre outros, devem ter seção circular com diâmetro entre 3,0 cm e 4,5 cm e devem estar afastados no mínimo 4,0 cm da parede ou outro obstáculo. Quando o objeto for embutido em nichos deve-se prever também uma distância livre mínima de 15 cm. Os corrimãos devem ser instalados em ambos os lados dos degraus isolados, das escadas fixas e das rampas. Os corrimãos laterais devem prolongar-se pelo menos 30 cm antes do início e após o término da rampa ou escada, sem interferir com áreas de circulação ou prejudicar a vazão. Para degraus isolados e escadas, a altura dos corrimãos deve ser de 0,92 m do piso, medidos de sua geratriz superior. Para rampas e opcionalmente para escadas, os corrimãos laterais devem ser instalados a duas alturas: 0,92 m e 0,70 m do piso, medidos da geratriz superior.
- **Guarda-corpo:** Os corrimãos e guarda-corpos devem ser construídos com materiais rígidos, ser firmemente fixados às paredes, barras de suporte ou guarda-corpos e oferecer condições seguras de utilização. As escadas e rampas que não forem isoladas das áreas adjacentes por paredes devem dispor de guarda-corpo.
- **Grelhas e juntas de dilatação:** As grelhas e juntas de dilatação devem estar preferencialmente fora do fluxo principal de circulação. Quando instaladas transversalmente em rotas acessíveis, os vãos resultantes devem ter, no sentido transversal ao movimento, dimensão máxima de 15mm.
- **Pisos:** Os pisos devem ter superfície regular, firme, estável e antiderrapante sob qualquer condição, que não provoque trepidação em dispositivos com rodas (cadeiras de rodas ou carrinhos de bebê). Admite-se inclinação transversal da superfície até 2% para pisos internos e 3% para pisos externos e inclinação longitudinal máxima de 5%. Recomenda-se evitar a utilização de padronagem na superfície do piso que possa causar sensação de insegurança (por exemplo, estampas que pelo contraste de cores possa causar a impressão de tridimensionalidade). O piso tátil de alerta deve ser utilizado para sinalizar situações que envolvem risco de segurança e o piso tátil direcional deve ser utilizado quando da ausência ou descontinuidade de linha-guia identificável, como guia de caminamento em ambientes internos ou externos, ou quando houver caminhos preferenciais de circulação.
- **Portas:** As portas, inclusive de elevadores, devem ter um vão livre mínimo de 0,80 m e altura mínima de 2,10 m. Devem ter condições de serem abertas com um único movimento e suas maçanetas devem ser do tipo alavanca, instaladas a uma altura entre

0,90 m e 1,10 m. Quando localizadas em rotas acessíveis, recomenda-se que as portas tenham na sua parte inferior, inclusive no batente, revestimento resistente a impactos provocados por bengalas, muletas e cadeiras de rodas, até a altura de 0,40 m a partir do piso. As portas de sanitários e vestiários devem ter um puxador horizontal, associado à maçaneta. Deve estar localizado a uma distância de 10 cm da face onde se encontra a dobradiça e com comprimento igual à metade da largura da porta. Em portas de correr, recomenda-se a instalação de trilhos na sua parte superior. Devem ter revestimentos resistentes ao impacto com instrumentos de deslocamento como bengalas e cadeiras de rodas. Quando instaladas em locais de prática de esportes, as portas devem ter vão livre mínimo de 1,00 m.

- **Área de resgate:** Área com acesso direto para uma saída, destinada a manter em segurança pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, enquanto aguardam socorro em situação de sinistro.
- **Área de transferência:** Espaço necessário para que uma pessoa utilizando cadeira de rodas possa se posicionar próximo ao mobiliário para o qual necessita transferir-se.
- **Guia de balizamento:** Elemento edificado ou instalado junto aos limites laterais das superfícies de piso, destinado a definir claramente os limites da área de circulação de pedestres, perceptível por pessoas com deficiência visual.
- **Linha-guia:** Qualquer elemento natural ou edificado que possa ser utilizado como guia de balizamento para pessoas com deficiência visual que utilizem bengala de rastreamento.
- **Piso cromo-diferenciado:** Piso caracterizado pela utilização de cor contrastante em relação às áreas adjacentes e destinado a constituir guia de balizamento ou complemento de informação visual ou tátil, perceptível por pessoas com deficiência visual.
- **Piso tátil:** Piso caracterizado pela diferenciação de textura em relação ao piso adjacente, destinado a constituir alerta ou linha guia, perceptível por pessoas com deficiência visual.
- **Rampa:** Consideram-se rampas aquelas com declividade igual ou superior a 5%. A largura livre mínima recomendável para as rampas em rotas acessíveis é de 1,50 m, sendo o mínimo admissível 1,20 m. Rampas utilizadas na circulação e acessos, admite-se a inclinação transversal da rampa em até 12,5%. No caso de rampas em curvas, a inclinação máxima admissível é de 8,33% e o raio mínimo é de 3,00m no perímetro interno à curva; Entre os segmentos de rampa devem ser previstos patamares com dimensão longitudinal mínima de 1,20m, sendo o recomendável 1,50m.

- **Rota acessível:** Trajeto contínuo, desobstruído e sinalizado, que conecta os ambientes externos ou internos de espaços e edificações, e que possa ser utilizado de forma autônoma e segura por todas as pessoas, inclusive aquelas com deficiência. A rota acessível externa pode incorporar estacionamentos, calçadas rebaixadas, faixas de travessia de pedestres, rampas, etc. A rota acessível interna pode incorporar corredores, pisos, rampas, escadas, elevadores etc.
- **Rota de fuga:** Trajeto contínuo, devidamente protegido proporcionado por portas, corredores, antecâmaras, passagens externas, balcões, vestíbulos, escadas, rampas ou outros dispositivos de saída ou combinações destes, a ser percorrido pelo usuário, em caso de um incêndio de qualquer ponto da edificação até atingir a via pública ou espaço externo, protegido do incêndio.
- **Tecnologia assistiva:** Conjunto de técnicas, aparelhos, instrumentos, produtos e procedimentos que visam auxiliar a mobilidade, percepção e utilização do meio ambiente e dos elementos por pessoas com deficiência.
- **Escadas fixas:** Para o dimensionamento de escadas é necessário que as dimensões dos espelhos e dos pisos permaneçam constante em toda a escada. A largura das escadas deve ser estabelecida de acordo com o fluxo de pessoas, porém a largura mínima recomendável é de 1,50m, sendo o mínimo admissível 1,20m; As escadas fixas devem ter no mínimo um patamar a cada 3,20m de desnível e sempre que houver mudança de direção. Os patamares entre os lances da escada devem ter dimensão longitudinal mínima de 1,20m, e os situados em mudança de direção igual à largura da escada.
- **Estacionamento:** As vagas para estacionamento de veículo que conduzem ou sejam conduzidos por pessoas portadoras de deficiência física devem ter uma sinalização horizontal e vertical, e contar com um espaço adicional de circulação com no mínimo 1,20m de largura. O número de vagas destinadas aos veículos de pessoas com deficiência física deve obedecer aos seguintes parâmetros:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{Até 10 vagas – nenhuma vaga.} \\ \text{De 11 a 100 vagas – 1 vaga.} \\ \text{Acima de 100 vagas – 1\% das vagas.} \end{array} \right\}$$
- **Sanitários:** É importante que os sanitários estejam situados em locais de fácil acesso, próximos às circulações principais e estejam bem sinalizados. O sanitário para deficiente

físico deve possuir barras de apoio, fixas e retráteis. Para a instalação de bacias sanitárias devem ser previstas áreas de transferência lateral, perpendicular e diagonal, bem como a instalação de barras de apoio e transferência junto às bacias, na lateral e no fundo, com comprimento mínimo de 0,80m e 0,75 de altura do piso acabado; Os lavatórios devem ser suspensos, com sua borda superior a uma altura de 0,78 m a 0,80 m do piso acabado e respeitando uma altura livre mínima de 0,73 m na sua parte inferior frontal. Devem ser instaladas barras de apoio junto ao lavatório, na altura do mesmo;

- **Piscina:** O acesso à piscina pode ser feito por escada retrátil e bancos de transferência. As barras de apoio devem possuir corrimão duplo, com alturas de 45 cm e 90 cm, em ambos os lados, com a finalidade de ajudar o acesso. As bordas devem ser arredondadas, e o piso ao redor da piscina deve ser antiderrapante.

A NBR 9050, não só descreve como também indica os critérios para os locais de esporte e lazer, a exemplo de:

- Todas as portas existentes na rota acessível, destinadas à circulação de praticantes de esportes que utilizem cadeiras de rodas do tipo “cambadas”, devem possuir vão livre de no mínimo 1,00 m, incluindo as portas dos sanitários e vestiários.

FIGURA 06: Cadeiras de rodas do tipo “cambadas”

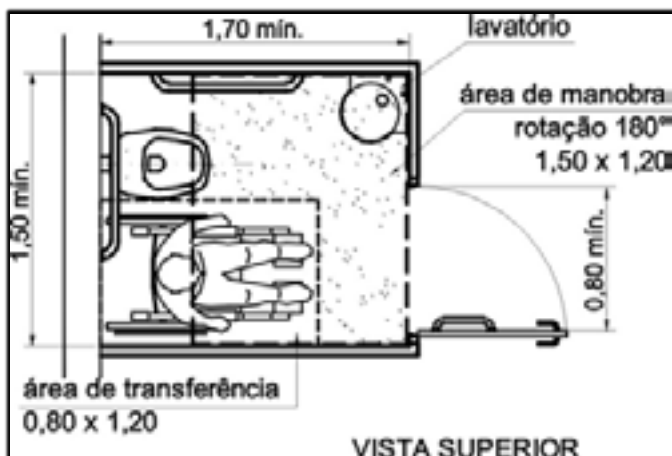


FONTE: Basquete Paraolímpico - cadeira de rodas, 2011

- Nas arquibancadas deve haver espaços para P.C.R. e assentos para P.M.R. e P.O.
- Uma rota acessível deve interligar os espaços para P.C.R. e os assentos para P.M.R. e P.O. às áreas de apresentação, incluindo quadras, vestiários e sanitários.
- As áreas para prática de esportes devem ser acessíveis, exceto os campos gramados, arenosos ou similares.

- Os sanitários e vestiários acessíveis devem estar localizados tanto nas áreas de uso público quanto nas áreas para prática de esportes.
- Os boxes para bacia sanitária devem garantir as áreas para transferência diagonal, lateral e perpendicular, bem como área de manobra para rotação de 180°, conforme figura 07.

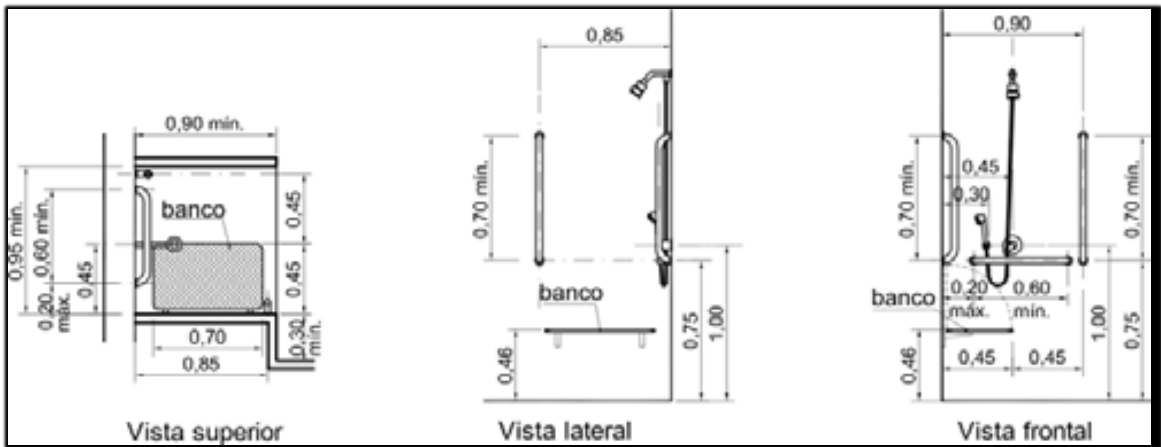
FIGURA 07: Boxe para bacia sanitária - Transferência lateral



FONTE: NBR9050, 2004

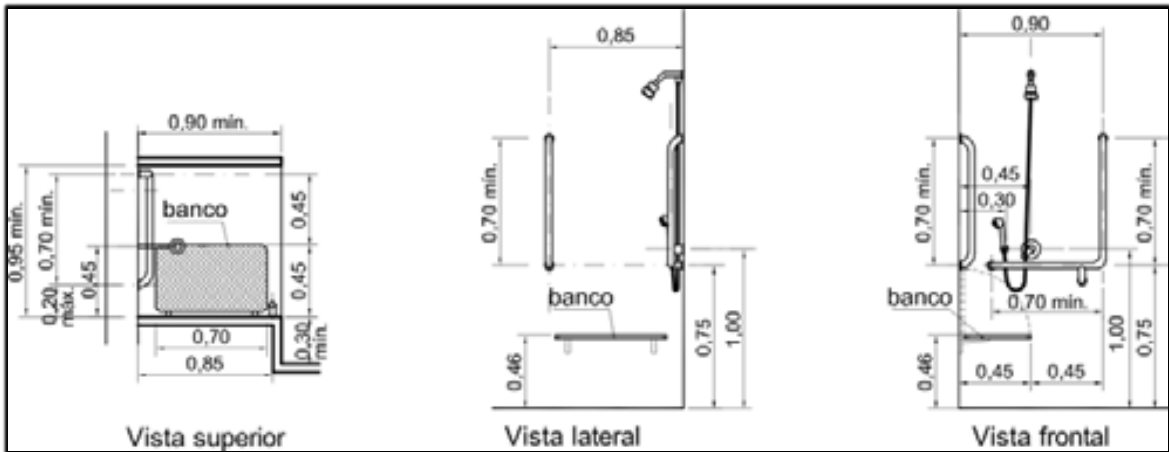
- Quando houver mais de um boxe acessível, as bacias sanitárias, áreas de transferência e barras de apoio devem estar posicionadas de lados diferentes, contemplando todas as formas de transferência para a bacia.
- As dimensões mínimas dos boxes devem ser de 0,90 m por 0,95 m.
- Recomenda-se banco do tipo articulado para cima.
- Os boxes devem ser providos de banco articulado ou removível, com cantos arredondados e superfície antiderrapante impermeável, ter profundidade mínima de 0,45 m, altura de 0,46 m do piso acabado e comprimento mínimo de 0,70 m, conforme figuras 08, 09 e 10.

FIGURA 08: Boxe para chuveiro com barras vertical e horizontal



FONTE: NBR9050, 2004

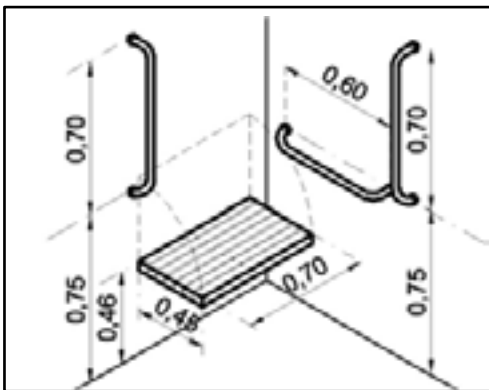
FIGURA 09: Boxe para chuveiro com barra de apoio em L



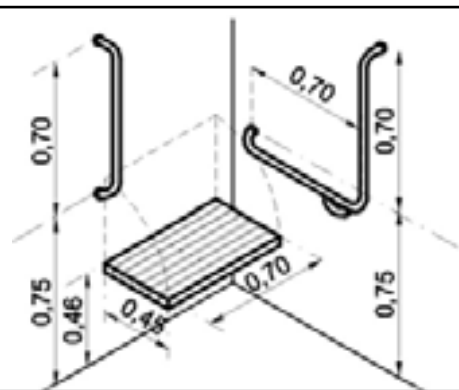
FONTE: NBR9050, 2004

FIGURA 10: Perspectiva do boxe com as barras de apoio

Exemplo A



Exemplo B



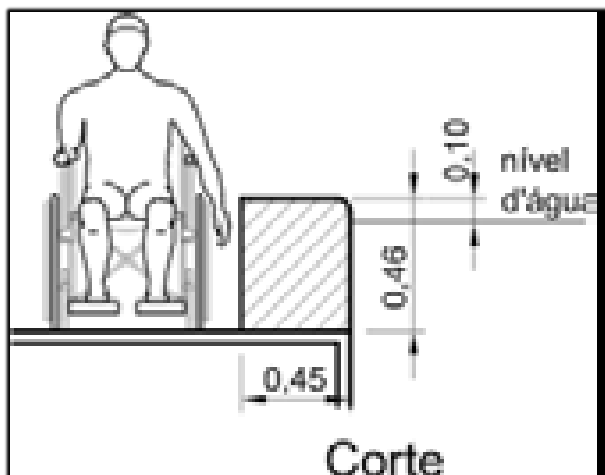
FONTE: NBR9050, 2004

- Os boxes para chuveiros devem ser providos de barras de apoio verticais, horizontais ou em “L”.
- Na parede de fixação do banco deve ser instalada uma barra vertical com altura de 0,75 m do piso acabado e comprimento mínimo de 0,70 m, a uma distância de 0,85 m da parede lateral ao banco.
- Na parede lateral ao banco devem ser instaladas duas barras de apoio, uma vertical e outra horizontal ou, alternativamente, uma única barra em “L”, obedecendo aos seguintes parâmetros:
 - Barra vertical – com comprimento mínimo de 0,70 m, a uma altura de 0,75 m do piso acabado e a uma distância de 0,45 m da borda frontal do banco;
 - barra horizontal – com comprimento mínimo de 0,60 m, a uma altura de 0,75 m do piso acabado e a uma distância máxima de 0,20 m da parede de fixação do banco (figuras 08, 09 e 10);
 - Barra em “L” – em substituição às barras vertical e horizontal, com segmentos das barras de 0,70 m de comprimento mínimo, a uma altura de 0,75 m do piso acabado no segmento horizontal e a uma distância de 0,45 m da borda frontal do banco no segmento vertical, conforme figuras 08, 09 e 10.
- Admite-se que o piso do box para chuveiro tenha um desnível máximo de 1,5 cm do restante do sanitário.
- Quando superiores a 0,5 cm e até 1,5 cm, os desníveis devem ser tratados como rampa, com inclinação máxima de 50%.

Conforme a NBR 9050, as piscinas aquáticas, devem conter as seguintes características:

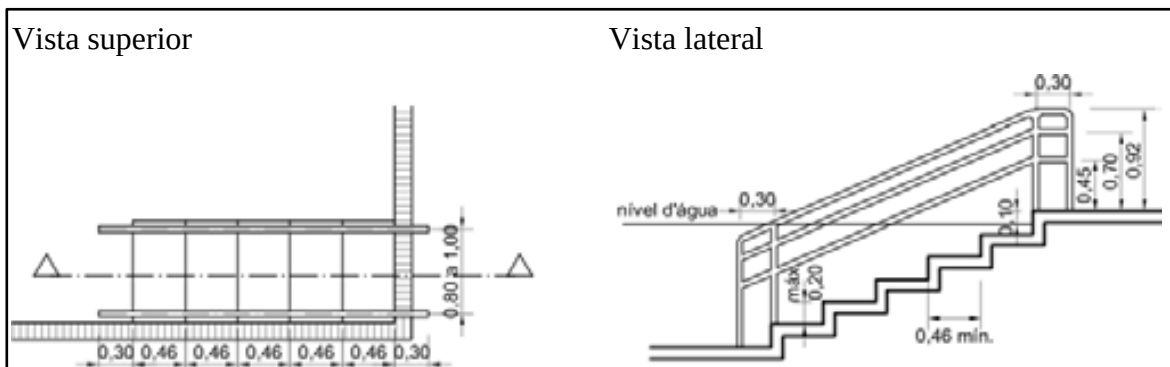
- O piso no entorno das piscinas não deve ter superfície escorregadia ou excessivamente abrasiva. As bordas e degraus de acesso à água devem ter acabamento arredondado.
- O acesso à água deve ser garantido através de degraus, rampas submersas, bancos para transferência ou equipamentos de transferência, conforme figuras 11 e 12.

FIGURA 11: Banco de transferência em piscinas



FONTE: NBR 9050, 2004

FIGURA 12: Escada submersa



FONTE: NBR 9050, 2004

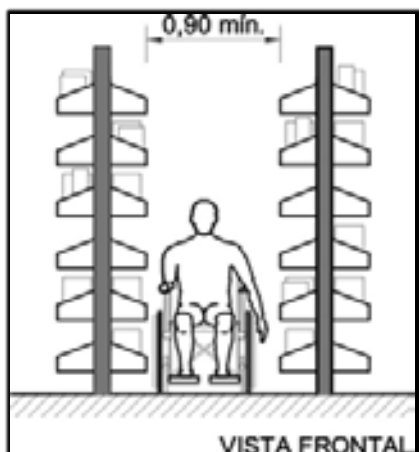
- A escada ou rampa submersa deve possuir corrimãos em três alturas, de ambos os lados, nas seguintes alturas: 0,45 m, 0,70 m e 0,92 m. A distância livre entre os corrimãos deve ser de no mínimo 0,80 m e no máximo 1,00 m.
- Os degraus submersos devem ter piso de no mínimo 0,46 m e espelho de no máximo 0,20 m.
- Quando o acesso à água for feito por banco de transferência, este deve atender ao seguinte:
 - a) ter altura de 0,46 m;
 - b) ter extensão de no mínimo 1,20 m e profundidade de 0,45 m;
 - c) garantir área para aproximação e manobra, sendo que a área para transferência junto ao banco não deve interferir com a área de circulação;
 - d) o nível da água deve estar no máximo a 0,10 m abaixo do nível do assento do banco.

- Quando da utilização de banco de transferência, este deve estar associado à rampa ou escada.
- Recomenda-se a instalação de barras de apoio nas bordas internas das piscinas, na altura do nível da água, em locais que não interfiram com o acesso à água.

De acordo com a NBR 9050, as bibliotecas e centros de leitura devem ter:

- Nas bibliotecas e centros de leitura, os locais de pesquisa, fichários, salas para estudo e leitura, terminais de consulta, balcões de atendimento e áreas de convivência devem ser acessíveis.
- Pelo menos 5%, com no mínimo uma das mesas devem ser acessíveis. Recomenda-se, além disso, que pelo menos outros 10% sejam adaptáveis para acessibilidade.
- A distância entre estantes de livros deve ser de no mínimo 0,90 m de largura, conforme figura 13.

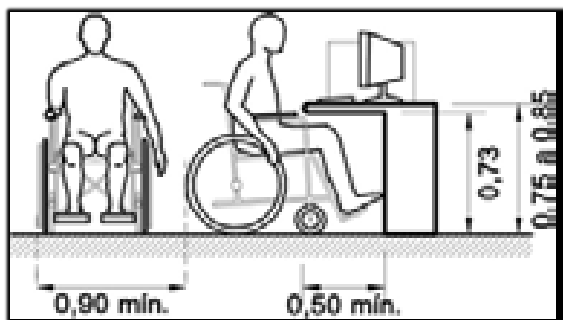
FIGURA 13: Estantes em bibliotecas



FONTE: NBR 9050, 2004

- Nos corredores entre as estantes, a cada 15 m, deve haver um espaço que permita a manobra da cadeira de rodas. Recomenda-se a rotação de 180°.
- A altura dos fichários deve atender às faixas de alcance manual e parâmetros visuais.

FIGURA 14: Terminais e consulta



FONTE: NBR 9050, 2004

Pelo menos 5% do total de terminais de consulta por meio de computadores e acesso à internet devem ser acessíveis a P.C.R. e P.M.R. Recomenda-se, além disso, que pelo menos outros 10% sejam adaptáveis para acessibilidade.

O empreendimento projetado para atender a todas as faixas etárias deverá conter soluções arquitetônicas que proporcione a todos os usuários acessibilidade, segurança e conforto.

2. ESTUDOS DE CASO

Os estudos de caso têm por finalidade fornecer subsídios e parâmetros projetuais para o desenvolvimento do anteprojeto do Centro de Cultura e Lazer. Buscou-se analisar equipamentos que possuam maior relação possível com o tema e que reúnam maior número informações para auxiliar a elaboração do anteprojeto.

Para propor o Centro de Cultura e Lazer, foram realizadas pesquisas e visitas sobre edificações com tipo de uso semelhante ao proposto, que proporcionassem um maior esclarecimento a cerca de pontos como programa arquitetônico e configuração espacial de um Centro de Cultura e Lazer, como também a identificação das potencialidades e problemáticas de cada um dos objetos de estudo, dando subsídios para o desenvolvimento de um programa adequado que solucione os problemas existentes e valorize seus pontos positivos. As instituições analisadas foram: o Centro Cultural da Caixa, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e o Parque Dona Lindu.

2.1 CENTRO DE CULTURA DA CAIXA

O edifício sede da Caixa Cultural do Recife, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 15 de dezembro de 1998, localiza-se na Praça do Marco Zero, no Bairro do Recife – Pernambuco. O prédio é fonte de identificação histórico-cultural da cidade e figura como imóvel de destaque dentro do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do Bairro do Recife. Está instalado no antigo prédio da Bolsa de Valores de Pernambuco e Paraíba.

Seu entorno é marcado por edificações históricas. Está dentro do corredor Cultural do Estado e é uma área de realizações de eventos culturais e polo de visitas turísticas, no qual o porto do Recife que está sendo reformado para o recebimento exclusivo de turista, transferindo todo terminal de carga para Suape, de modo a tornar a ilha do Recife Antigo uma ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), voltada para cultura, lazer e patrimônio histórico da cidade.

FIGURA 15: Imagem satélite do Centro Cultural da Caixa e seu entorno



FONTE: Google Maps, 2013

Foi construído em 1912 para abrigar Bank of London & South America Limited, sociedade bancária inglesa, sendo conhecido como Edifício Arnaldo Dubeux. Com aptidão para torna-se um espaço voltado para as artes e à cultura, em 1997 passou a sediar como a Bolsa de Valores de Pernambuco e da Paraíba.

FIGURA 16: Antigo Prédio da Bolsa de Valores de PE **FIGURA 17:** Atual Instituto Cultural da Caixa



FONTE: <http://www.casadacultura.org>, 2013

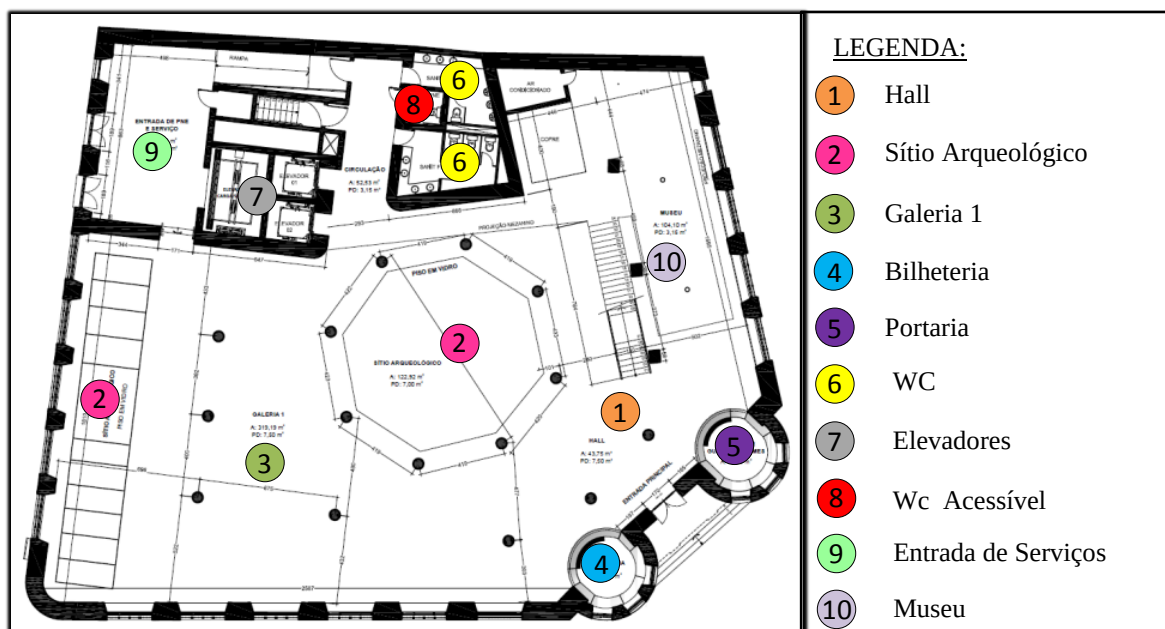


FONTE: Adriana Ávila, 2013

Com área total de 2.650m², a própria restauração do prédio é um atrativo, já que algumas partes foram reconstruídas e as fachadas recuperaram suas cores originais. Apesar de possuir muitas janelas que acaba interferindo na estética das galerias, o espaço não deixa de ser interessante de conhecimento e de uma boa oportunidade para agregar cultura na cidade do Recife. Em todos os três pavimentos do edifício, encontramos espaços de exposição e galeria.

No pavimento de acesso ao centro cultura encontra-se o museu, o sítio arqueológico, galeria e sanitários. O acesso é dado através de escadas, tornando o edifício inacessível aos portadores de deficiências físicas.

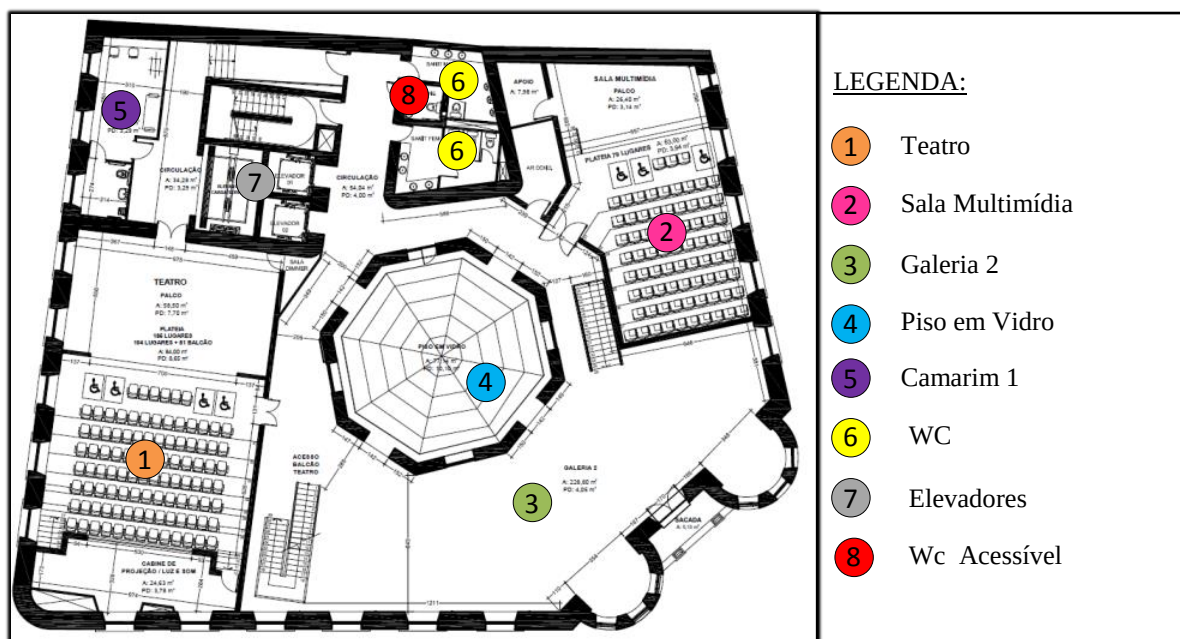
FIGURA 18: Planta Baixa do Instituto Cultural da Caixa - Térreo



FONTE: <http://www.programasculturaiscaixa.com.br>, adaptado pela autora, 2013

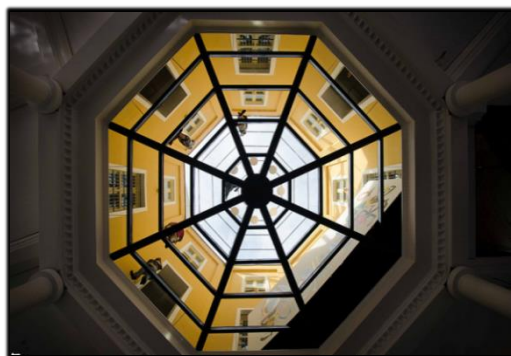
O pavimento intermediário abriga o teatro, com capacidade para 165 pessoas, onde são promovidos espetáculos musicais, de cine-teatro e de dança, além de sessões de cinema. Abriga também uma sala multimídia, outro espaço para galeria e o piso em vidro no centro da galeria.

FIGURA 19: Planta Baixa do Instituto Cultural da Caixa – 1º Pavimento



FONTE: <http://www.programasculturaiscaixa.com.br>, adaptado pela autora, 2013

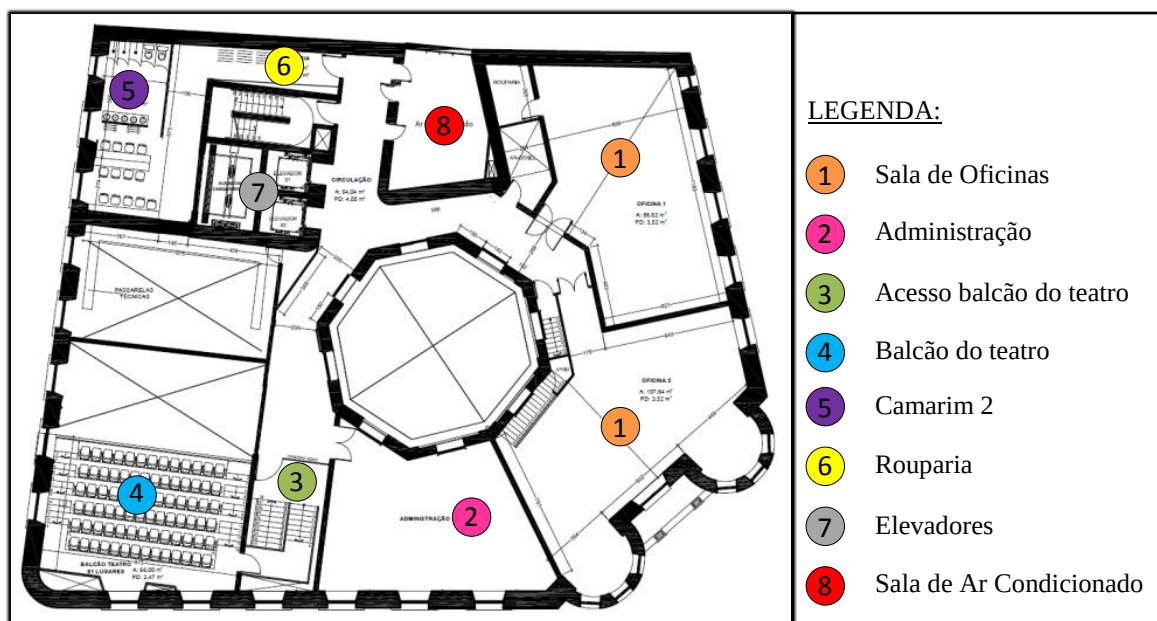
FIGURA 20: Piso em vidro do Centro Cultural da Caixa



FONTE: <http://www.flickr.com>, 2013

No último pavimento, encontra-se o espaço educativo (salas de oficinas e ensaios), administração e o mezanino do teatro.

FIGURA 21: Planta Baixa do Instituto Cultural da Caixa – 2º Pavimento.



FONTE: <http://www.programasculturaiscaixa.com.br>, adaptado pela autora, 2013

Como instrumento de análise do projeto, segue abaixo a tabela com os ambientes, descrições e suas áreas.

QUADRO 01: Programa do Centro Cultural da Casa da Cultura

AMBIENTE	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO	ÁREA
HALL	1	-	43,75 m ²
SÍTIO ARQUEOLÓGICO	1	-	122,92 m ²
GALERIA 1	1	-	319,19 m ²
BILHETERIA	1	-	11,48m ²
PORTARIA	1	-	18,98 m ²
WC PAV. TÉRREO	2	-	-
WC ACESSÍVEL PAV. TÉRREO	1	-	-
ENTRADA DE SERVIÇOS	1	-	65,53 m ²
MUSEU	1	-	104,10 m ²
TEATRO	1	Palco e Platéia: 185 lugares (104 lugares + 81 balcões)	142,50 m ²

SALA MULTIMÍDIA	1	Palco e Platéia: 76 lugares	89,40 m ²
GALERIA 2	1	-	228,80 m ²
PISO EM VIDRO	1	-	77,40 m ²
CAMARIM 1	1	-	19,46 m ²
WC 1º PAV.	1	-	-
WC ACESSÍVEL 1º PAV.	1	-	-
SALA DE OFICINA 1	1	-	86,62 m ²
ROUPARIA - OFICINA	1	-	-
SALA DE OFICINA 2	1	-	107,64 m ²
ADMINISTRAÇÃO	1	-	-
ACESSO BALCÃO DO TEATRO	1	-	-
BALCÃO DO TEATRO	1	81 lugares	66,00 m ²
CAMARIM 2	1	-	44,86 m ²
ROUPARIA	1	-	10,47 m ²
SALA DE AR CONDICIONADO	1	-	-

FONTE: <http://www.programasculturaiscaixa.com.br>, 2013

A edificação é um exemplo da revitalização e da reestruturação do espaço através do novo uso, como forma de potencializar e explanar a arquitetura do mesmo. Apesar de características arquitetônicas temporais, os espaços foram reinventados de acordo com as necessidades do novo programa proposto. O edifício, anteriormente com a função de Banco, passou a abrigar um Centro de Cultura e Lazer, tendo os espaços interligados, dando maior amplitude e uma visão panorâmica do ambiente, característica dessas edificações.

2.2 CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA

Inaugurado em abril de 1990, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura localiza-se na Praia de Iracema na cidade de Fortaleza, Ceará. Tem por objetivo a universalização do acesso ao

patrimônio artístico e cultural, capacitando as pessoas e produzindo um patrimônio imaterial na sociedade com a criação de ambientes para estímulo da indústria criativa, do acesso à memória da população e reflexão de todo o contexto social em que vive.

O Centro Dragão do Mar destaca-se pelas grandes dimensões: 13.500 m² de área construída, ocupando 30.000 m² de área, o equivalente a quatro quadras, com dimensionamento adequado para a distribuição das atividades culturais e artísticas.

Além de seus equipamentos artísticos e culturais, o Dragão do Mar tem em seu entorno lojas de artesanatos, teatro, bares e restaurantes instalados em casarões antigos revitalizados, em meio a um casario de sobrados e casas térreas. Com suas linhas arrojadas o projeto contrasta com os casarões do início do século. Os casarões dão uma dinâmica ainda maior ao Dragão do Mar, quando turistas e fortalezenses buscam o lugar para ouvir uma boa música, lazer e degustação.

FIGURA 22: Imagem satélite do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno



FONTE: Google Maps, 2013

Com projeto arrojado da dupla de arquitetos Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo, o Centro Cultural Dragão do Mar é um dos mais relevantes da América Latina. O nome é uma homenagem ao pescador Francisco José do Nascimento, conhecido como Dragão do Mar, herói contra a escravidão no Ceará. Em 1881, Dragão do Mar, que havia sido nomeado para a importante função de Prático do Porto de Fortaleza, liderou um movimento de jangadeiros que se recusavam a fazer transportes de escravos. O movimento abolicionista foi forte no Ceará, a primeira província a abolir legalmente a escravidão.

O Centro Cultural Dragão do Mar foi idealizado como um projeto de revitalização da antiga área portuária de Fortaleza, conferindo uma nova alternativa à população residente na cidade e aos turistas que ela visita, trazendo de volta a sua função social de gerar empregos e riquezas, prestando serviços e dando novo ânimo ao compartilhamento da cultura local.

Com isso, transformou-se num equipamento público fundamental para a difusão cultural do Estado do Ceará, carregando programações da cultura universal e regional, contemporânea e tradicional, popular e erudita. A idealização dos seus espaços visava conferir às diversas manifestações artísticas as condições necessárias para propagação de todas as formas de arte e cultura.

FIGURA 23: Vista aérea de todo o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza/CE



FONTE: Gentil Barreira, 2013

O programa do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que compreende um complexo de estrutura de serviços, foram divididos em três setores: o vermelho com maior parte ao oeste; o laranja a leste e o verde que predomina no lado oeste, onde encontram-se separados pela rua José Avelino. Possui atrações como o Memorial da Cultura Cearense, o Museu de Arte Contemporânea, o Teatro Dragão do Mar, as salas de cinema do Espaço Unibanco Dragão do Mar, o anfiteatro Sérgio Mota, um Auditório e o Planetário. O acesso ao Centro Cultural é feito por quatro grandes rampas. Há elevador panorâmico, banheiros adaptados, cadeiras de rodas para empréstimo e estacionamento, com vagas reservadas para pessoas com deficiência, podendo assim dizer que os arquitetos Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo dedicaram uma grande parte do seu projeto ao público portadores de necessidade. Na figura abaixo podemos entender melhor a distribuição e locação das atrações no Centro Cultural.

FIGURA 24: Vista aérea de todo o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza/CE



FONTE: <http://www.dragaodomar.org.br/espacos.php?pg=mapa>, 2013

Os dois museus, o Museu de Arte Contemporânea e o Memorial da Cultura Cearense, são referenciais para a área museológica, tanto no setor antropológico como no artístico, oferecendo ao público visitante uma estrutura moderna, dentro de padrões técnicos e que abrigam obras de interesse coletivo. O Museu de Arte Contemporânea possui 800 metros quadrados, no qual se divide A história, a arte e cultura popular do Ceará em seis salões. Já o Memorial da Cultura Cearense ocupa uma área de 700 m², distribuídos em dois pavimentos. Possui onze salas de exposição, sendo oito delas com 8m de largura, 8m de comprimento e 5m de altura.

FIGURA 25: Vista do Memorial da Cultura Cearense no setor vermelho do lado oeste



FONTE: <http://www.monumentoarquiteturaearte.blogspot.com.br>, 2013

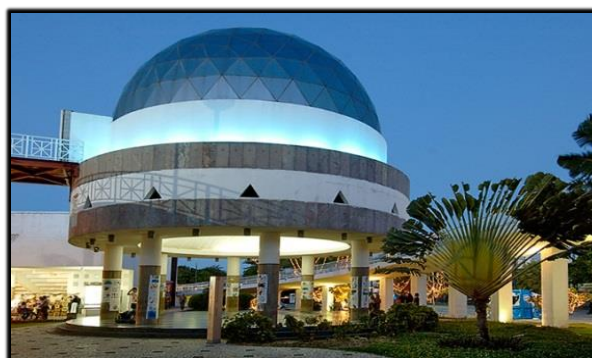
O Planetário Rubens de Azevedo foi construído com tecnologia alemã e está entre um dos mais modernos do país. Promove sessões educativas acerca do sistema solar e do cosmos, recebendo visitas de escolas públicas e particulares e proporciona grandes espetáculos na observação detalhada de estrelas, planetas e galáxias. Localizado ao lado do Anfiteatro, possui uma capacidade para 80 pessoas e acessos ao Planetário, como escadas, rampas e elevadores.

FIGURA 26: Vista aérea do setor laranja, lado leste



FONTE: <http://www.teatroplural.blogspot.com>, 2013

FIGURA 27: Vista do Planetário Rubens Azevedo



FONTE: <http://www.teatroplural.blogspot.com>, 2013

O Espaço Unibanco mantém uma parceria com o Centro Cultural, mantendo duas salas de cinema que trazem produções nacionais e estrangeiras. Espetáculos diversos ganham palco no Teatro do Dragão do Mar, local com 246 lugares e ampla estrutura de cena, luz e som.

FIGURA 28: Teatro, cinemas e auditório



FONTE: Arquivo pessoal, 2012.

FIGURA 29: Vista externa do mosaico do anfiteatro



FONTE: Francisco Filho, 2013

O Anfiteatro Ministro Sérgio Motta e a Praça Verde acolhem shows musicais de grandes proporções e com lotação elevada. Outros espaços como livraria, café, passarela e jardins também incorporam a aptidão do Dragão para as várias manifestações de arte e cultura do Estado.

FIGURA 30: Vista da Praça Verde



FONTE: Douglas Cunha, 2011

FIGURA 31: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.



FONTE: <http://www.dragaodomar.org.br>, 2013

Com o intuito de compreender melhor os espaços e suas dimensões, os espaços foram setorizados na tabela abaixo, contendo os ambientes, a descrição de cada um deles e as áreas aproximadas.

QUADRO 02: Programa do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

AMBIENTE	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO	ÁREA
MEMORIAL DA CULTURA CEARENSE	2	Sala exposição longa duração	800m ²
	2	Sala exposição temporária	
	1	Auditório - 60 lugares sentados	

	2	Bilheterias	
MUSEU DA ARTE CONTEMPORÂNEA	13	Salões de exposições	700m²
	1	Reserva técnica (área para desembalagem e embalagem de obras, área para guardar obras em trânsito, laboratório para manutenção do acervo e guarda do acervo)	350m²
ANFITEATRO	2	Camarins e Palco	32m²
	1	Platéia - 650 lugares sentados	320m²
	x	Espaço livre	156m²
AUDITÓRIO	1	Palco e Cabine de controle	22,80m²
	1	Plateia - 108 lugares sentados	104,50m²
CINEMA	2	Plateia - 113 lugares sentados Plateia - 173 lugares sentados	250m²
PLANETÁRIO	1	Plateia - 86 lugares sentados (2 lugares para portadores de necessidades especiais)	78m²
TEATRO	1	Hall de entrada	280m²
	1	Plateia - 246 lugares sentados	
	2	Camarins Coletivos	
	1	Sala de Apoio	
	3	Sanitários e Lavatório	
	1	Bilheteria	
SALA DE AULA	4	Curso de Cinema Curso de Teatro Curso de Design Curso de Dança	280m²
ATELIER DE ARTES	2	Recreação e Atividades artísticas	130m²
BIBLIOTECA	1	70 mil volumes 40 mil títulos Jornais do século XIX Livros do século XV	200m²
ADMINISTRAÇÃO / DIRETORIAS	7	Prefeitura Diretoria do MAC Diretoria MCC Diretoria de Ação Cultural Diretoria de Capitação Diretoria do Planetário Diretoria de Produção	150m²
PRAÇAS	3	Praça Verde Praça Rogaciano Leite	-

FONTE: <http://www.dragaodomar.org.br/index.php>, 2013

Sendo referência no país, o Centro de Cultura e Lazer Dragão do Mar faz jus a sua função, agregando valor social e arquitetônico a área. Sendo um dos mais completos do Brasil, com relação ao programa arquitetônico, ele é totalmente acessível, pensando no bem estar coletivo como forma de inclusão social.

2.3 PARQUE DONA LINDU

Com projeto arquitetônico assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Parque Dona Lindu localiza-se à beira-mar da praia de Boa Viagem, Recife-PE. Construído numa área de 27.166,68 m², possui 6.280,65 m² área total construída e 16.300,20 m² destinados à área verde (cerca de 60% do terreno). Seu principal objetivo é integrar em um mesmo espaço físico ações culturais, práticas esportivas e de lazer visando promover a cidadania.

Inaugurado em março de 2011, a área do Parque Dona Lindu pertenceu à Aeronáutica. O seu nome é em homenagem à mãe do ex presidente do Brasil Luiz Inácio da Silva, responsável pela cessão do terreno.

FIGURA 32: Imagem satélite do Parque Dona Lindu e seu entorno



Fonte: Google Maps, 2013

Além de uma ótima atração turística, o Parque Dona Lindu é ponto de encontro para recreação, prática de esportes, eventos culturais e convívio social. Localizado na área nobre do Recife, seu entorno é composto por edificações residenciais de alto luxo e os principais hotéis da cidade, como pode ser visto na imagem abaixo.

FIGURA 33: O Parque Dona Lindu e seu entorno



Fonte: Prefeitura do Recife, 2011

O programa arquitetônico do Centro de Cultura e Lazer – O Parque Dona Lindu - engloba cerca de 12,35% do terreno destinado a equipamentos públicos de lazer, como: quadra poliesportiva, rampa de skate, playground, área de convivência, pistas para cooper, ciclovia, áreas para descanso e ginástica; e Cerca de 27% é edificado, possuindo, assim: teatro coberto, pavilhão para exposição, administração do parque, restaurante, lojas, pátio, sanitários, fraldário e central técnica. Estas áreas edificadas estão distribuídas em dois volumes edificados – sendo uma delas o teatro coberto com capacidade para 540 espectadores e palco reversível, com paredes que poderão abrir para a área externa. E em outra construção, possui dois salões de exposições, sendo um no térreo e outro no mezanino, toda em concreto pré-moldado com cimento branco aparente. Na figura abaixo podemos entender melhor a distribuição e locação das atrações no Parque Dona Lindu:

FIGURA 34: Vista aérea do Parque Dona Lindu



FONTE: Prefeitura do Recife, 2011, adaptado pela autora, 2013

Entre as nove esculturas que integram um único bloco localizado na parte frontal do terreno, de frente para o mar, destaca-se o Memorial aos Retirantes, escultura criada pelo artista Abelardo da Hora, a qual representa Dona Lindu (Mãe do ex Presidente do Brasil – Luiz Inácio da Silva) e seus oito filhos (figura 35 e 36).

FIGURA 35: Memorial aos Retirantes



FONTE: Leonardo Nery, 2011

FIGURA 36: Esculturas do Parque Dona Lindu



FONTE: <http://www.mariahelenaporter.blogspot.com>, 2013

O Teatro Luiz Mendonça, que integra os atrativos do Dona Lindu e homenageia o diretor

teatral e ator pernambucano de mesmo nome, foi concebido para ser um moderno teatro coberto, capaz de abrigar peças e espetáculos com alta qualidade de som, iluminação e palco. O espaço tem 587 lugares e palco reversível para a esplanada, com isso podem ser realizados shows ao ar livre.

FIGURA 37: Teatro Luiz Mendonça



Fonte: <http://docapibaribeaotejo.blogspot.com>, 2013

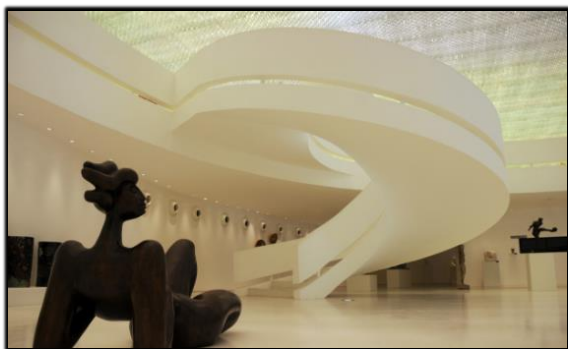
FIGURA 38: Palco Reversível – Show ao ar livre



Fonte: <http://www.parquedonalindu.com>, 2013

Já a galeria, que homenageia a arquitetura e designer pernambucana Janete Costa, conta com uma sala principal no térreo e um mezanino. Por ter um pé direito duplo, o espaço consegue abrigar peças de grandes dimensões.

FIGURA 39: Galeria Janete Costa



Fonte: <http://www.flickr.com>, 2013

FIGURA 40: Galeria Janete Costa



Fonte: <http://www.flickr.com>, 2013

Apesar dos dois sólidos densos ocupando grande parte do terreno, o Parque Dona Lindu possui grande variedade na parte de arborização, recebeu três mil espécimes, sendo 343 árvores, 242 arbustos e 2.520 mudas herbáceas. Entre as espécies plantadas estão palmeiras, coqueiros, ipês roxos, paus-brasil, craibeiras, paus-de-formiga, mororós, jasmins, filodendros, guiambês, orelhas de onça, clúsias, cicás, lírios, panamás vermelho e rosa, ixoras, açucenas e barbas de serpente. Também foram plantadas espécies frutíferas nativas como: cajueiro, ubais, pitanga e coqueiros.

Boa parte do parque é dedicado a atividades físicas, estruturas para exercícios localizados estão bem conservados e não são muito disputados. Muitos grupos se reúnem para dançar, há possibilidade de alugar patins, pernas de pau e skates. No espaço destinado para crianças há gangorras, balanços, tirolesa, entre outros.

FIGURA 41: Parque Dona Lindu



FONTE: <http://jc3.uol.com.br>, 2013

FIGURA 42: Área reservada para treinos



FONTE: Augusto Farias, 2013

FIGURA 43: Pista de skate



FONTE: Augusto Farias, 2013

FIGURA 44: Pista de corrida e caminhada



FONTE: Augusto Farias, 2013

FIGURA 45: Quadra poliesportiva



FONTE: Augusto Farias, 2013

FIGURA 46: Tirolesa



FONTE: Augusto Farias, 2013

FIGURA 47: Gangorra e balanços



FONTE: Augusto Farias, 2013

Abaixo as tabelas com os ambientes setorizados, a descrição de alguns ambientes e as dimensões aproximadas, como auxílio na análise do projeto.

QUADRO 03: Programa do Parque Dona Lindu

AMBIENTE	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO	ÁREA
ESTACIONAMENTO	1	327 vagas -	-
TEATRO	1	Nº de assentos: 540	3.784,10 m ²
PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES	1	-	1.491,50 m ²
ADMINISTRAÇÃO, BILHETERIA E SEGURANÇA	1	-	207,45 m ²
CENTRAL TÉCNICA	1	-	371,15 m ²
PRAÇA	1	-	-
PISTA DE SKATE	1	-	-
PLAYGROUND	1	-	-
QUADRA ESPORTIVA	1	-	-
PISTA DE COOPER	1	400 metros	-
PASSEIOS	1	-	3.053,43 m ²
FRALDÁRIO E SANITÁRIOS	2	-	78,50 m ²

FONTE: <http://www.parquedonalindu.com.br>, 2013

Todos os espaços prezam pela acessibilidade para pessoas com deficiência ou dificuldade de locomoção. A entrada do teatro Luiz Mendonça tem rampa, assim como o acesso ao foyer e aos camarins. Há ainda cabines de acessibilidade comunicacional para que profissionais especializados façam a áudio-descrição dos espetáculos para deficientes visuais. O teatro tem ainda cadeiras para pessoas obesas e espaço para cadeirantes. Na galeria Janete Costa há um elevador com acesso ao pavimento superior.

O Parque Dona Lindu é composto de dois blocos cilíndricos interligados por uma marquise, no qual se unem por uma marquise, que resume o centro do parque no apoio. Possui um programa reduzido e apresenta uma característica forte que é a acessibilidade arquitetônica adequada, dando ao cidadão o direito a liberdade de locomoção em todo o parque.

2.4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ESTUDOS DE CASO

A partir da análise dos estudos de caso, pode-se estabelecer uma síntese entre os diversos aspectos existentes nos exemplos estudado, criando um quadro comparativo, como síntese dos três estudos, entre o programa, as problemáticas e as potencialidades, a fim de se obter um diagnóstico preciso dos aspectos de maior relevância arquitetônica.

Os dados levantados serão importantes para finalizar o referencial teórico, para a elaboração do programa básico de necessidades e o pré-dimensionamento do ambientes que compõe o Centro de Cultura e Lazer, afim de melhor atender a necessidade de seus usuários. A seguir, temos o quadro comparativo dos espaços analisados:

QUADRO 04: Quadro síntese dos Estudos de Casos

	CENTRO CULTURAL DA CAIXA	CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA	PARQUE DONA LINDU
ARQUITETO	Desconhecido	Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo	Oscar Niemeyer
ANO DE CONSTRUÇÃO	1912 (Ano de Construção) 1998 (Início das	1990	2011

	atividades como Centro Cultural da Caixa)		
LOCALIZAÇÃO	Praça do Marco Zero, no Recife Antigo, cidade do Recife – Pernambuco.	Praia de Iracema, na cidade de Fortaleza – Ceará.	À beira-mar da Praia de Boa Viagem, na cidade do Recife – Pernambuco.
IMPLANTAÇÃO E PARTIDO	Edifício vertical com 3 andares, uma das relíquias do patrimônio arquitetônico no centro histórico do Recife. No edifício funcionou a antiga sede da Bolsa de Valores de Pernambuco e Paraíba. Foi recuperado externamente e reformado internamente.	Complexo cultural, formado por vários blocos que se interligam por passarelas, rampas, e escadarias de acesso. Indo de um lado ao outro de uma quadra, sendo assim local de passagem, onde seu agenciamento atrai o visitante.	O teatro e a galeria possui formas cilíndricas, unido-se por uma marquise, que resume o centro do parque no o apoio, direcionano assim, o público para o teatro ou para a galeria.
PROGRAMA	▪ Espaço de Exposições ▪ Galerias ▪ Teatro ▪ Sala de Multimídia ▪ Salas de Oficinas e Ensaio ▪ Espaço de Conveniência ▪ Livraria	▪ Memorial da Cultura Cearense ▪ Museu de Arte Contemporânea ▪ Anfiteatro ▪ Auditório ▪ Cinema ▪ Planetário ▪ Teatro ▪ Salas de Aula ▪ Atelier de artes ▪ Biblioteca ▪ Administração / Diretoria ▪ Praças ▪ Livraria ▪ Café ▪	▪ Teatro Coberto ▪ Pavilhão de Exposições ▪ Apoio ▪ Administração ▪ Lojas ▪ Restaurantes ▪ Central Técnica ▪ Fraldário e sanitários ▪ Quadra Poliesportiva ▪ Rampa de Skate ▪ Playground ▪ Área de conveniência ▪ Pistas de Cooper ▪ Ciclovias ▪ Áreas para descanso e Ginástica

ACESSIBILIDADE	A edificação torna-se inacessível na entrada do edifício, pois o acesso é dado através de escadas. Porém, possui elevadores para portadores de deficiência, espaços específicos para cadeirantes no cine-teatro e na sala multimídia.	Nota-se que os arquitetos dedicaram uma grande parte do seu projeto ao público portadores de necessidades. O acesso ao Centro Cultural é feito por quatro grandes rampas. Há elevador panorâmico, banheiros adaptados, cadeiras de rodas para empréstimo e estacionamento, com vagas reservadas para pessoas com deficiência.	Todos os espaços prezam pela acessibilidade para pessoas com deficiência ou dificuldade de locomoção, adotando os princípios do desenho universal.
CLIMATIZAÇÃO	Climatização natural na maioria dos ambientes, e outros possuem ar-condicionado.	Ambientes específicos possuem sistema de central de ar-condicionado que desembocam por dutos e a sua grande maioria se utiliza da climatização natural da região nordeste.	O Teatro Luiz Mendonça e a Galeria Janete Costa funcionam exclusivamente com o sistema de central de ar-condicionado e com iluminação artificial, porém a sua grande maioria se utiliza da climatização natural da região nordeste.
ESTACIONAMENTO	Não possui	123 vagas	327 vagas
ÁREA TOTAL	2.650 m ²	30.000 m ²	27.166,68 m ²

FONTE: Estudos de Caso, 2013

QUADRO 05: Quadro dos Problemas e Potencialidades dos Estudos de Casos

	PROBLEMAS	POTENCIALIDADES
CENTRO CULTURAL DA CAIXA	▪ Sede em edificação proveniente de mudança de uso; ▪ Edificação tombada; ▪ Presença de janelas nas salas de exposições; ▪ Não apresenta climatização adequada; ▪ Programa reduzido.	▪ Encontra-se situado no corredor cultural do Estado; ▪ Implantação em local de grande visibilidade; ▪ A arquitetura por si só já chama atenção do público.
CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA	▪ Exige muito investimento para manter o funcionamento, pois possui uma área muito grande.	▪ Acesso por rampas, escadas ou elevadores em todas as instalações; ▪ Iluminação adequada; ▪ Plástica condizente com a proposta; ▪ Programa bastante completo; ▪ Localização perto de outros pontos turísticos e fácil acesso.
PARQUE DONA LINDU	▪ Programa Reduzido	▪ Ponto de encontro para recreação, prática de esportes, eventos culturais e convívio social; ▪ Fácil acesso.

FONTE: Estudos de Caso, 2013

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é a edificação que se apresenta mais completa no que se refere ao programa arquitetônico de um centro cultural, tornando-se assim uma importante base para o presente estudo, e assim como o Parque Dona Lindu, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura esta dentro dos padrões mais modernos e das exigências

internacionais para abrigar as suas obras. Os dois possuem uma plástica bastante arrojada e condizente com a proposta de um centro cultural contemporâneo.

Outro ponto de destaque nos dois centros culturais citados é a existência de rampas de acesso, assim como estacionamento, que além de facilitarem o acesso aos portadores de deficiência física, geram a sensação de movimento às fachadas destas edificações.

Vale ainda ressaltar que, o Centro Cultural da Caixa, apesar de apresentar muitas problemáticas, principalmente por ser fruto de uma mudança de uso da edificação que o abriga, possui uma grande e importante potencialidade, pois está inserido dentro do corredor Cultural do Estado de Pernambuco, o que viabiliza a visita dos turistas ao espaço, e constitui uma característica de alta relevância para a escolha da área de implantação da proposta em questão.

Através da análise dos pontos destacados acima se torna viável o desenvolvimento de um anteprojeto coerente com as exigências necessárias para conceber um Centro de Cultura e Lazer.

3. ANÁLISE DA ÁREA ESCOLHIDA

Será abordado neste capítulo um estudo preliminar das características do município do Moreno – Pernambuco para o desenvolvimento e a elaboração do Anteprojeto de um Centro de Cultura e Lazer. Esta abordagem visa analisar o terreno inserido na área proposta do Município de Moreno, juntamente com os aspectos legais estabelecidos pela legislação local.

3.1 O MUNICÍPIO DO MORENO

O Município do Moreno encontra-se situado a 28 Km, à sudoeste da Cidade do Recife, capital de Pernambuco, em uma latitude de 08° 07' 07" sul, a uma longitude de 35° 05' 32" oeste do meridiano de Greenwich e capital do estado, estando a uma altitude de 96 metros. (FIDEN/2010). Moreno faz parte de um conjunto de 14 municípios que compõem a Região Metropolitana do Recife - RMR. Limita-se ao norte com São Lourenço da Mata; ao sul com o Cabo de Santo Agostinho; a leste com Jaboatão dos Guararapes; e, a oeste com Vitória de Santo Antão. O município é composto pelos povoados – Massaranduba, localizado na área rural, e Bonança, na área urbana e pelo Distrito Sede do Moreno.

FIGURA 48: Limites da Região Metropolitana do Recife e do Município de Moreno



FONTE: Atlas da Região Metropolitana do Recife, 2011, adaptado pela autora, 2013

Sua população total estimada em 2012, segundo a Condepe/Fidem (2012), é de 57.828 habitantes com uma área total de 196,071km². Moreno encontra-se entre os municípios de menor população no conjunto da RMR, mesmo tendo seu Centro Urbano adensado. A relação de distribuição da população no território está representada por 50.197 habitantes na área urbana e 6.499 habitantes na área rural. Entretanto, a área rural perfaz 85,27% do território municipal, enquanto que a zona urbana é 14,73% da área total do município. Esses dados estatísticos demonstram uma concentração da população num pequeno espaço do território municipal, ou seja, na área urbana, em detrimento a grande área rural que tem perdido população ao longo dos anos.

A desproporção da ocupação rural e urbana do território municipal se deve em parte porque o Município do Moreno tem aproximadamente 70% de seu território dentro da área de Proteção de Mananciais da Região Metropolitana do Recife – RMR. Ficando, dessa forma, limitada a ampliar espaços de ocupação e usos diversos, porém, podendo desenvolver outras atividades de lazer, de turismo ecológico, entre outros (LEI DE PROTEÇÃO DE MANANCIAIS, 1986).

3.1.1 Histórico

A formação do município remonta ao século XVII, com a chegada de dois irmãos portugueses: Baltazar e Gaspar Gonçalves Moreno. Em 1616, os irmãos “Moreno” adquiriram uma grande extensão de terras as margens do Rio Jaboatão (Miranda, 2009). Esta região anteriormente chamada de Nossa Senhora da Apresentação, passa, depois da compra, a ser chamada de “Engenho Morenos”.

Foi importante para a ocupação territorial do Município do Moreno a instalação da Linha Férrea no ano de 1883 (figura 49). A linha férrea foi também utilizada para facilitar o deslocamento de cargas e de acesso aos municípios vizinhos. Nesta época a economia baseava-se na produção açucareira, principal atividade dos Engenhos, a qual necessitava de suporte para ser transportada.

FIGURA 49: Linha Férrea, século XIX década de 50



FONTE: Acervo de Leonora, moradora do Moreno / 2013

Posteriormente foi instalado uma indústria têxtil, o que ocasionou o surgimento dos primeiros povoados. Desde então, a expansão do perfil urbano da cidade desenhou-se no entorno da fábrica e em função dela. O traçado da cidade caracterizou-se pelo centro comercial e pela vila operária. Nesta época, foram construídos os edifícios institucionais, culturais e religiosos, dando estrutura e suporte a comunidade operária.

Até 1930 houve uma expansão urbana considerável na cidade, tal como: a construção dos equipamentos de comunicação como o cinema, o correio, etc. Este dinamismo impulsionou a Emancipação Política de Moreno no ano de 1928 (Lei Estadual N° 1931).

Entre 1930 e 1960 dá-se uma estagnação no crescimento do Município como um todo, a que se reflete na malha urbana. A partir de 1974 vários trechos de Moreno são loteados, dando origem aos loteamentos: Alto da Maternidade, João Paulo II, Nossa Senhora da Conceição, Bela Vista e também aos assentamentos subnormais registrados pela Prefeitura e Secretaria de Planejamento da Cidade, sendo um deles, entre os 20, o CSU (Centro Social Urbano de Moreno).

3.1.2 Meio ambiente natural

Como já foi dito anteriormente, grande parte do ambiente natural de Moreno pertence à Área de Proteção de Mananciais da RMR, constituído por parte das bacias do Capibaribe. O município também é composto pelos rios: Jaboatão, Arariba, Gurjaú, Buscaú, Várzea do Una, Carnijó, Duas Unas e Capibaribe, além de muitos açudes, os quais servem como abastecimento de água para a Região Metropolitana de Recife.

O maior responsável pelo abastecimento de água do Moreno é o Rio Jaboaão, que nasce no município de Vitória de Santo Antão. Dentre os rios que cortam o território do Município, o Rio Jaboaão destaca-se por cortar toda a área urbana. (CAMPOS, 2004).

A Topografia do Município do Moreno é acidentada, muito embora não ocorram altitudes além de 400m.

3.1.3 Meio ambiente construído

O sistema viário do Distrito Sede do Moreno se desenvolve através do acesso às rodovias BR 232, ao norte, e a PE 07 (continuação das avenidas Cleto Campelo e Dr. Sofrônio Portela), ao leste. Os eixos principais são praticamente constituídos por algumas ruas que ligam as rodovias à área central. As vias locais podem ser classificadas como acessos a áreas periféricas que fazem ligação com outras localidades como engenhos e acesso à zona rural, encontrando-se em péssimas condições.

Diferentes formas de parcelamento urbano dão sequência à formação da cidade. Em Moreno os lotes variam devido à descontinuidade da malha urbana, com a evidência de traçados regulares entremeados por vazios urbanos, que através de uma dinâmica de expansão dos assentamentos informais, ou de baixa renda, fez a expansão urbana através da ocupação com moradias precárias e de comércio irregular.

Não se observa em Moreno, como nos demais municípios do núcleo metropolitano, a figura dos bairros de classe média ou alta, o que se traduz num pequeno nível de variação de padrões da sua morfologia urbana e tipologia arquitetônica, ainda que seja marcante e singular a presença das vilas operárias, que de forma incisiva se diferencia dos padrões de moradias nas favelas.

As vilas operárias, construídas no período de 1910 a 1920, tem uma tipologia própria (figuras 50 e 51), com casas pintadas e alinhadas com a calçada, geralmente “porta-e-janela”, coladas umas nas outras. Já as casas mais recentes, possuem algum recuo, e fachadas diferenciadas, com revestimentos variando entre pintura e cerâmicas.

FIGURA 50: Vila Operária em 1930



FONTE: <http://www.leoecia.com>, 2013

FIGURA 51: Vila Operária, situação atual



FONTE: Acervo da autora, 2013

No Centro Comercial do Moreno são encontrados conjuntos urbanos significativos como a Vila Operária, já citada acima e edifícios que podem ser lidos como marcos referenciais como: o Cottonifício Morenos S.A., o qual pertence grande gleba de terra e que embora esteja desativado, é uma referência a população local e aos visitantes, a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, a Estação Ferroviária, a Praça da Bandeira, o Mercado Público e a Prefeitura Municipal.

O Rio Jaboatão divide a cidade do Moreno em duas partes: a parte norte é caracterizada pela concentração dos assentamentos urbanos legais e a parte sul caracteriza-se por ocupações de baixa renda, sendo esta uma área de baixo valor comercial por conta da dificuldade de acessibilidade viária, favorecendo assim uma expansão urbana, de forma desordenada.

Com a descrição dos Aspectos Físicos - Ambientais do Município do Moreno, percebe-se a interferência que as edificações geram na paisagem, que se reflete.

3.2 O BAIRRO DO CSU

Segundo Arthur Mendonça, Secretário Executivo de Desenvolvimento Econômico do Município de Moreno, o bairro do CSU surgiu com a ocupação no entorno da edificação do CSU (Centro Social Urbano) de Moreno.

O CSU foi um Programa Nacional de Centros Sociais Urbanos implantado entre os anos de 1975 e 1984 com a finalidade de prestação de serviços públicos de relevância social à população de baixa renda concentrada em áreas urbanas carentes de infraestrutura e equipamentos similares. O seu papel era tido como desejável e necessário à solução dos problemas dessas áreas. (BORBA, 1991).

O grupo executivo que administrava tal Programa produziu uma tipologia básica dos CSU'S, definindo três opções de funcionalidade e tamanho dos prédios e instalações, sendo eles:

- Tipo A – com área de 2.400m², semelhante ao B, acrescido de unidade ambulatorial de saúde, creche e conjunto de piscinas;
- Tipo B – com área de 1.200m², semelhante ao tipo C, ampliado com ateliês para atividades artísticas e profissionalizantes, gabinete odontológico e agência de emprego e atendimento previdenciário;
- Tipo C – com área construída da ordem de 600m², com salas de aula, biblioteca, salão de atividades múltiplas, ala administrativa e instalações sanitárias, vestiário e quadras desportivas (BORBA, 1991).

O conceito ainda é atual, a exemplo do que se concebe nas Academias da Cidade, mas uma grande parte dos Centros Sociais Urbanos, cuja manutenção foi delegada às administrações municipais, entrou em colapso por falta de investimentos e garantias de manutenção do espaço (BORBA, 1991).

Segundo relatos da população local, o Centro Social Urbano do Moreno foi construído na década de 70, pelo governador Roberto Magalhães. O espaço serviu como um Centro Cultural, foi de extrema importância para a cidade, pois foi um espaço público de atendimento a todas as idades. Abrigava diversos programas sociais, entre eles: a Casa da Mulher e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), no qual atendia cerca de 300 crianças. Além desses programas, o CSU possuía duas quadras poliesportivas e um campo de futebol, no qual os jovens podiam praticar esportes; cursos profissionalizantes, promovendo aulas de culinária, de artesanato, de corte e costura, entre outros. Servia também como centro de convivência para os idosos.

Através do estudo elaborado pelo engenheiro Sergio Mattos, ficou determinado pela prefeitura municipal do Moreno em 2010 o encerramento das atividades desenvolvidas no

CSU do Moreno, uma vez que na conclusão do respectivo estudo restou condenada as instalações físicas da edificação, condenações essas que indicavam um risco eminente de desabamento, colando em risco a vida dos usuários.

Vale ressaltar que o trabalho do engenheiro Sergio Mattos não condenou de forma permanente as instalações e sim indicou as reformas emergenciais e essenciais que deveriam ser adotadas pelas autoridades competentes, medidas essas que até o presente momento jamais foram aplicadas, tornando assim a edificação sem a devida função social.

A exemplo de diversos municípios do Brasil, o CSU do Município do Moreno foi completamente abandonado, sua manutenção foi negligenciada e sua Função Social, esquecida. Hoje, encontra-se uma edificação sem uso e totalmente deteriorada. Com uma ampla área esquecida e com a aglomeração em seu entorno, o terreno do CSU foi invadido pelos moradores.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O acesso a área do projeto é realizada através da principal avenida do município, sendo ela a Avenida Dr. Sofrônio Portela (figura 52). A área está localizada entre as ruas Floriano o Peixoto e Edelson Barbosa de Souza.

FIGURA 52: Av. Dr. Sofrônio Portela



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 53: Ponte Santa Maria



FONTE: Acervo da autora, 2013

Para chegar ao terreno passa pela Ponte Santa Maria, a qual transpõe o Rio Jaboatão, e está localizada na Rua Edelson Barbosa de Souza (figura 53). Seguindo em frente, encontra-se uma bifurcação para chegar ao terreno pela Rua Francisco Peixoto (figura 54).

FIGURA 54: Bifurcação na Rua Edelson Barbosa de Souza de encontro com a Rua Floriano Peixoto



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 55: Rua Floriano Peixoto



FONTE: Acervo da autora, 2013

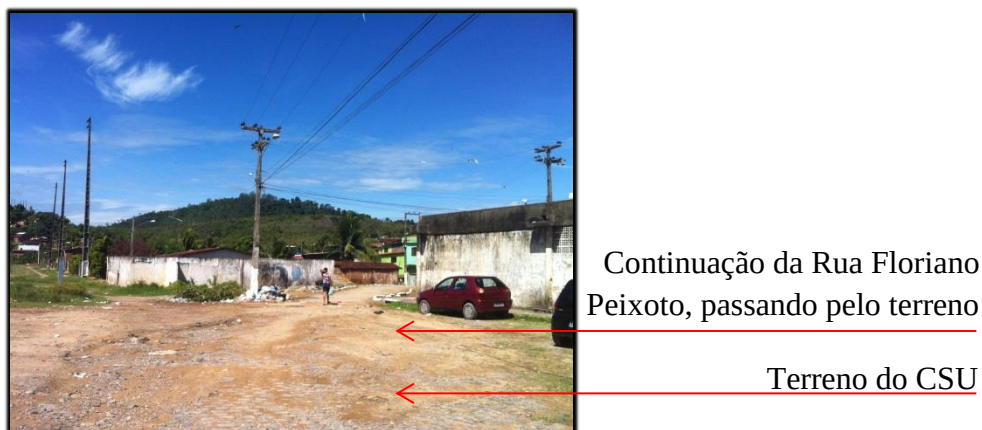
FIGURA 56: Rua Floriano Peixoto e o terreno de fundo



FONTE: Acervo da autora, 2013

Com o terreno abandonado foi dada continuidade a Rua Francisco Peixoto, tomando parte do terreno do CSU, no qual dar acesso mais fácil ao bairro do CSU (figura 56 e 57).

FIGURA 57: Continuação da Rua Floriano Peixoto e o Terreno do CSU



FONTE: Acervo da autora, 2013

A descrição tipológica da área em questão é formada em seu entono por edificações de pequeno porte, os quais em sua grande maioria, são formados por construções com gabarito de até 1 pavimento. Ademais, essa área é predominantemente residencial, onde a exceção é a existência de pontos de comércio informal, bem como as instalações da COMPESA, do Ginásio de Esportes Zezo Bernardo e do Colégio Municipal Baltazar Moreno.

FIGURA 58: Área residencial



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 59: Área residencial



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 60: Ginásio de Esportes Zezo Bernardo



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 61: Colégio Municipal Baltazar Moreno

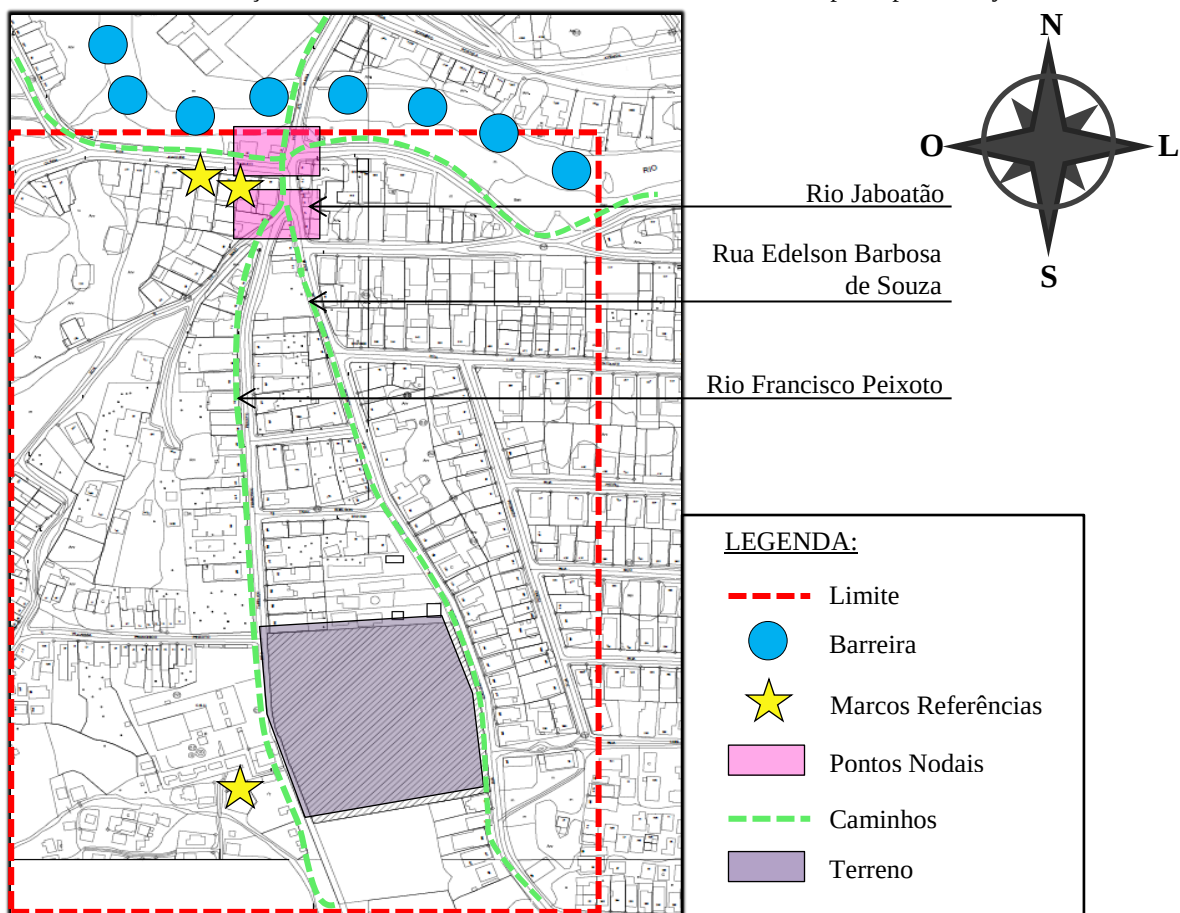


FONTE: Acervo da autora, 2013

Para melhor análise paisagem da área em estudo, foram utilizados os princípios de Lynch (1997), o qual usa a legibilidade como conceito básico, referindo-se a facilidade com que cada uma das partes do município pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente. É importante ter claro que a legibilidade a que Lynch se refere é aquela proveniente dos aspectos visuais da cidade (LYNCH, 1997).

Para Lynch os elementos que as pessoas utilizam para estruturar sua imagem da cidade são referências físicas e podem ser agrupados em cinco tipos de elementos básicos: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos referenciais (LYNCH, 1997), (figura 62).

FIGURA 62: Localização do terreno e análise do entorno, de acordo com os princípios de Lynch



FONTE: UNIBASE de Moreno, 2006, adaptado pela autora, 2013

Como Marcos Referenciais, foram identificados: o Ginásio de Esportes Zezo Bernardo (figura 60), o Colégio Municipal Baltazar Moreno (figura 61) e a Igreja Assembleia de Deus (figura 63).

FIGURA 63: Marco Referencial - Igreja Assembleia de Deus



FONTE: Acervo da autora, 2013

As vias que se destacam são: a Av. Dr. Sonfrônio Portela, sendo a principal avenida de acesso do município; a Rua Edelson Barbosa de Souza, rua de grande acesso ao antigo CSU, porém a testada que liga ao terreno foi invadido por assentamentos precários, e a Rua Floriano Peixoto, única rua que atualmente dá acesso direto ao terreno.

O limite é dado no eixo horizontal pela via de maior influência no município (ao norte), sendo ela a Av. Dr. Sonfrônio Portela e pela área urbana (ao sul). No eixo vertical, o limite encontra-se na Rua Pedro Ferreira (a leste) e a Rua 13 de Maio (a oeste).

Como Barreira identifica-se o Rio Jaboatão ao norte do terreno e a Área Rural ao sul (figura 62).

Foram identificados dois Pontos Nodais, são eles: o cruzamento entre a Avenida Dr. Sofrônio Portela e a Rua Edelson Barbosa de Souza, passando pela Ponte Santa Maria e a bifurcação entre a Rua Edelson Barbosa de Souza e a Rua Francisco Peixoto (figura 64).

FIGURA 64: Ponto Nodal - Ponte Santa Maria



FONTE: Acervo da autora, 2013

3.4 CARACTERIZAÇÃO DO TERRENO

O terreno proposto para a implementação do anteprojeto do Centro de Cultura e Lazer está situado no município do Moreno, no qual encontra-se inserido no bairro do CSU (Centro Social Urbano de Moreno), o qual faz limite com os bairros Olaria, Vila Liberdade (Cohab) e

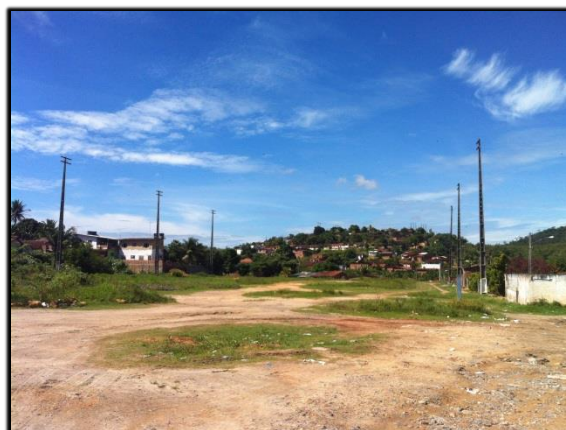
terreno ser próximo à colégio, espaço esportivo, comércio informais e muitas residências. A seguir, algumas fotos do terreno e sua entrada:

FIGURA 66: Entrada do CSU



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 67: Terreno escolhido



FONTE: Acervo da autora, 2013

Como pode-se ver na figura 67, apesar do município de Moreno ser bastante acidentado a topografia do terreno é plana, favorecendo a construção.

FIGURAS 68: Centro Social Urbano do Moreno



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURAS 69: Edificação deteriorada



FONTE: Acervo da autora, 2013

Com o encerramento das atividades desenvolvidas no Centro Social Urbano do Moreno e o abandono pelas autoridades competentes do referido imóvel, ocorreu um fenômeno de invasão e autoconstrução pela população no terreno ao redor que compõe a propriedade.

Ainda, a título de esclarecimento ao nosso estudo, nos foi repassado pelo representante da Prefeitura municipal do moreno, o secretário XX, que a respectiva prefeitura irá tomar as medidas cabíveis para a devida reemissão de posse da área com foco de reestabelecer a sua

devida função social, ressaltando que os invasores ali instalado serão devidamente removidos para habitações da Minha casa, Minha Vida.

FIGURA 70: Invasão do terreno escolhido



FONTE: Acervo da autora, 2013

FIGURA 71: Invasão do terreno escolhido



FONTE: Acervo da autora, 2013

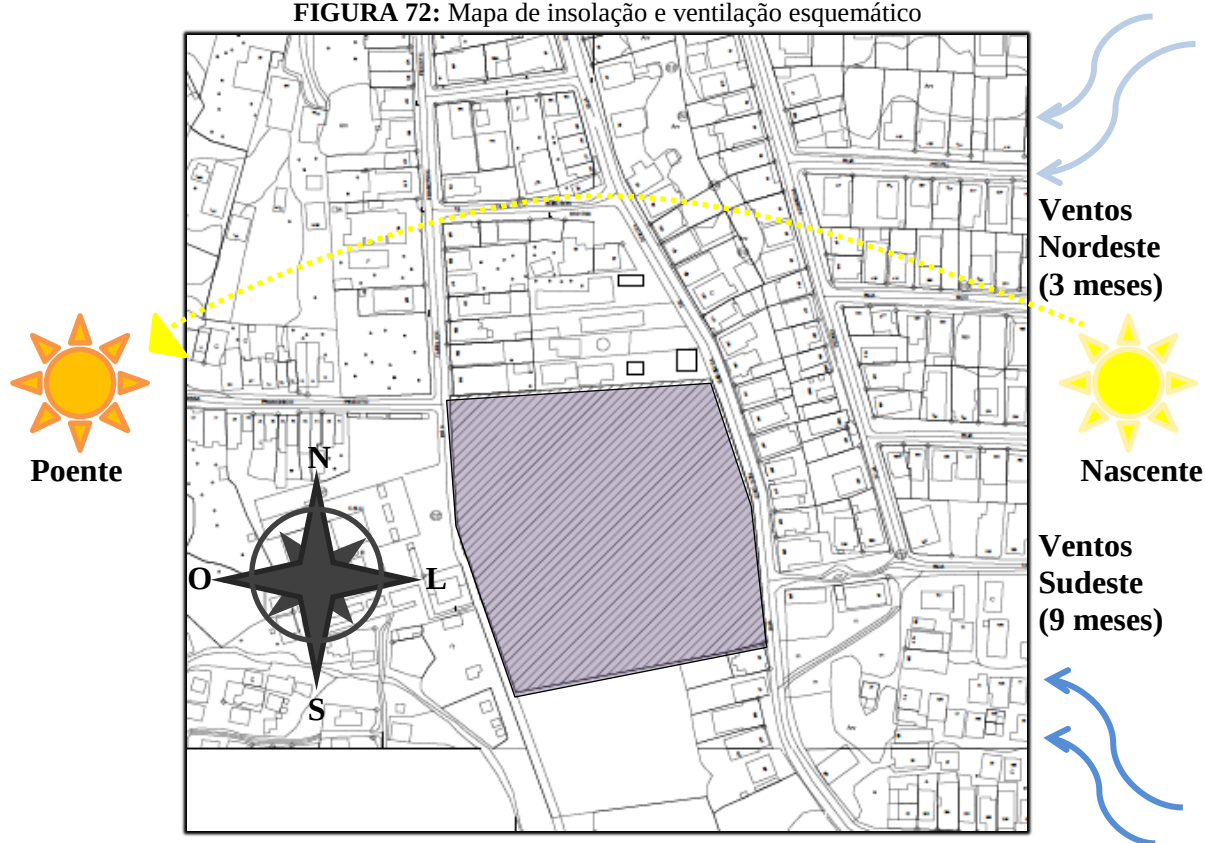
3.5 ASPECTOS FÍSICOS E CLIMÁTICOS

O terreno escolhido tem a fachada norte voltado para a Av. Sonfrônio Portela, a fachada sul voltado para algumas casas e para a área rural do município e as fachadas leste e oeste para a área residencial, tendo seu perímetro delimitado por casas.

No município em estudo percebe-se que durante nove meses do ano a incidência de ventos advém do Sudeste, e nos três meses restantes do ano, os ventos são advindos do Nordeste (figura 72).

A figura abaixo mostra de forma esquemática a insolação e a ventilação encontradas no terreno escolhido, a partir da orientação do terreno.

FIGURA 72: Mapa de insolação e ventilação esquemático



FONTE: UNIBASE de Moreno, 2006, adaptado pela autora, 2013

3.6 ASPECTOS LEGAIS

O anteprojeto arquitetônico do Centro de Cultura e Lazer no bairro do CSU, Moreno – Região Metropolitana do Recife/PE terá como parâmetros urbanísticos reguladores da edificação a legislação vigente no município de Moreno. A seguir apresenta-se um resumo de leis fundamentais para a elaboração do anteprojeto arquitetônico do Centro de Cultura e Lazer no bairro do CSU, Moreno – Região Metropolitana do Recife/PE. São elas:

- ✓ Plano Diretor Participativo Do Município do Moreno, 2006;
- ✓ Lei nº 16.292/97 – Lei de Edificações e Instalações da Cidade do Recife;
- ✓ Lei nº 11.186/94 – Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico para o Estado de Pernambuco;
- **Plano Diretor Participativo do Município do Moreno, 2006;**

O Plano Diretor Participativo do Município do Moreno (2006), em seu Artigo 77, estabelece que a comunidade do CSU, a qual o terreno está inserido, corresponde a Zona Especial de

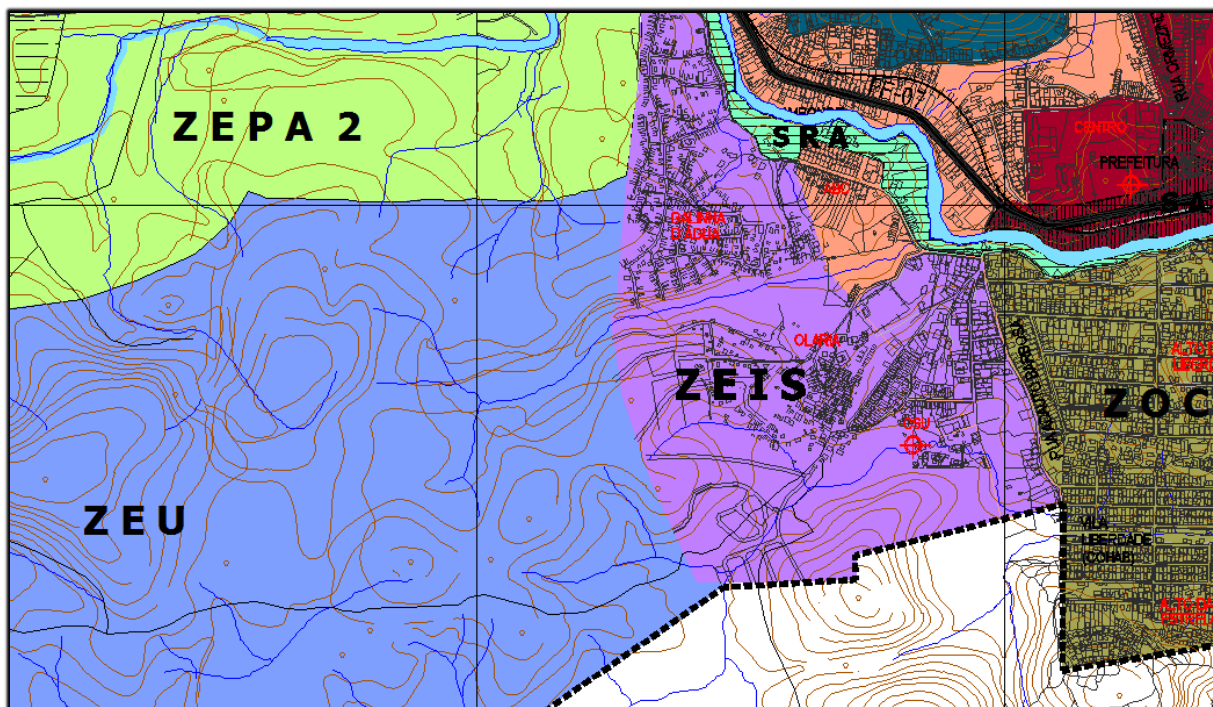
Interesse Social - ZEIS, serão objeto de estudo específico na legislação de Uso e Ocupação do Solo no que diz respeito aos coeficientes de aproveitamento e controle urbanístico.

As diretrizes específicas para esta zona são: delimitação e cadastramentos das áreas e Plano de Regulamentação. O Quadro de Diretrizes e Índices Urbanísticos Básicos do Mapa de Zoneamento de Moreno Sede, 2006, caracteriza e localiza a ZEIS como:

“Correspondem as áreas de ocupação irregular carente de infra-estrutura e passíveis de regularização”. (Mapa de Zoneamento de Moreno Sede – Planta Diretora, 2006)

As zonas que circundam a ZEIS são: SRA – Setor de Requalificação Ambiental, ao norte; Área Urbana, ao sul; ZOC – Zona de Ocupação Consolidada, ao leste; e ZEU – Compreende a Macrozona reservada para o crescimento futuro da cidade – Moreno /, a oeste (figura 73).

FIGURA 73: Zoneamento retirado do Plano Diretor da Ilha do Município de Moreno



FONTE: Plano Diretor de Moreno, 2006

Conforme observações do ANEXO IV do Plano Diretor de Moreno, que diz respeito aos Parâmetros de Parcelamento e Uso e Ocupação do Solo do município do Moreno, entende-se que, segundo os objetivos das ZEIS, o terreno encontra-se numa ZEIS II, no qual especifica no Artigo. 75:

- I - Instituir a categoria de ZEIS I para os assentamentos espontâneos, loteamentos irregulares e loteamentos clandestinos;
- II - Instituir a categoria de ZEIS II para os imóveis vazios ou não utilizados em áreas de expansão das ZEIS I;

Ou seja, por ser um imóvel vazio e sem uso deveremos tratar o terreno com uma ZEIS II, sendo ela:

Os lotes populares de promoção do poder público municipal e/ou doados a este como contrapartida de investimentos privados ou concessão onerosa, serão automaticamente instituídos como ZEIS II, obedecendo aos parâmetros de uso e ocupação definidos para estas Zonas. (Plano Diretor de Moreno)

As condições de Parcelamento e Ocupação do Solo para a ZEIS II, são:

QUADRO 06: Coeficiente de Utilização

PARÂMETROS URBANÍSTICOS	
Uso	Geral
Área mínima do Lote	125,00
Taxa de Ocupação (%)	-
Coeficiente de Utilização Básico	1,0
Coeficiente de Utilização Máximo	1,0
Afastamento Mínimo Frontal (m)	4,00
Afastamento Mínimo Lateral (m)	-
Afastamento Mínimo Fundo (m)	2,00
Testada Mínima do Lote (m)	5,00
Taxa de Solo Natural (%)	35
Gabarito de Altura (Nº de pavimentos)	02

FONTE: Quadro desenvolvido pela autora através do Plano Diretor de Moreno, 2006

O Artigo 96 estabelece que o Gabarito de Altura corresponde à altura máxima da edificação, medida da sua base até o ponto mais alto da mesma, definido em número de pavimentos permitidos para a edificação, considerando que a altura máxima de cada pavimento não poderá ser superior a 03 (três) metros.

Prever para edificações que não são residenciais áreas de estacionamento, carga e descarga, e de manobra, interna ao lote. (ANEXO IV - Parâmetros de Parcelamento e Uso e Ocupação do Solo do município do Moreno).

- **Lei nº 16.292/97 – Lei de Edificações e Instalações**

A Lei Edificações e Instalações tem como principal objetivo garantir níveis mínimos à população quanto a habitabilidade e qualidade das edificações e instalações, considerando os seguintes aspectos: Segurança, Conforto térmico e acústico, Conforto ambiental, Durabilidade, Acessibilidade e Circulação e uso de pessoas idosas e portadoras de deficiência física. Podemos destacar pontos fundamentais para a elaboração do anteprojeto arquitetônico:

Circulação:

A Seção III, do Capítulo II quando a lotação do espaço escoar por galerias, as mesmas devem manter uma largura constante igual a soma da largura das portas que para elas se abram; e se possuir um comprimento superior a trinta metros, sua largura deverá ser aumentada em dez por cento para cada dez metros ou fração desse excesso.

A visibilidade nos auditórios e teatros deve ser assegurada para cada assento. E será exigido um espaço, mínimo, de 0,50m (cinquenta centímetros) entre o assento e encosto do assento da frente. O assento não poderá terminar junto a paredes, deverá ter um espaçamento mínimo de 1,20m (um metro e vinte centímetros). O espaço deverá possuir mais de uma porta de saída, com largura não inferior a dois metros, e a soma das larguras de todas as portas de saída deverá estar na proporção de um metro para cada cem espectadores.

Lixo:

A Seção IX, do Capítulo VI estabelece que as edificações de uso habitacional, não habitacional e misto, deverão possuir compartimentos ou espaços destinados à guarda temporária de recipientes acondicionadores de lixo.

Para o cálculo do volume de lixo a ser armazenado considera-se o equivalente a 4,6 litros de lixo por habitante/dia. Levando-se em conta que um Centro de Cultura e Lazer constitui um uso não habitacional, utiliza-se o parâmetro descrito no Art.176 da lei de 01 habitante para cada 7m² de área útil de construção. Para o acondicionamento deste lixo podem ser utilizados

tonéis de 100 litros, containers de 1000 litros ou ainda caçambas estacionárias, o que dependerá do volume produzido diariamente.

Reservatório de água:

A Seção I, do mesmo capítulo trata das instalações de água. O Art. 133 diz que as edificações deverão dispor de reservatórios superior e inferior destinados a acumular a água necessária ao consumo dos seus ocupantes.

O Anexo 3 da mesma lei define os parâmetros necessários para o cálculo dos reservatórios. De acordo com este, no caso do Centro de Cultura e Lazer, deve ser considerado o índice de 80 litros por pessoa. O volume total corresponde a duas vezes o consumo diário, mais a reserva de incêndio de 7200 litros. O reservatório superior tem capacidade de 3/5 do volume total e o inferior de 2/5 também do volume total. O volume de água dos reservatórios deve ser acrescido da reserva prevista nas normas do Corpo de Bombeiro Militar de Pernambuco.

Estacionamento:

A Seção II do Capítulo V é referente aos estacionamentos, estabelecendo as dimensões das vagas e as larguras das circulações e acessos de veículos.

Dimensões das vagas:

- 20% das vagas devem ter dimensões mínimas de 2,30m x 5,00m;
- As demais devem ter dimensões mínimas de 2,20m x 5,00m;
- As vagas paralelas à circulação de veículos devem ter dimensões mínimas de 2,30m x 6,50m.

Larguras das circulações e acessos de veículos para edificações de uso não-habitacional:

- Até 50 vagas:

Circulação de veículos em sentido único ou duplo – largura mínima de 3,50m.
Rampas e portões – largura mínima de 3,00m;

- De 51 – 100 vagas:

Circulação de veículos em sentido único ou duplo – largura mínima de 4,50m.
Rampas e portões – largura mínima de 3,00m;

- De 101 – 300 vagas:

Circulação de veículos em sentido único ou duplo – largura mínima de 4,50m
.Rampas e portões – sentido único largura mínima de 3,00m;
Sentido duplo largura mínima de 3,00 com área de espera de 2,50m x 8,00m ou então largura de 5,40m;

- Mais de 300 vagas: análise especial pelos órgãos competentes.

Portadores de Deficiências:

Torna-se ainda necessária a preocupação com as pessoas portadoras de deficiências. A Seção IV, do Capítulo II, da Lei de Edificações e Instalações, prevê a adaptação das edificações de uso, tanto habitacional, não habitacional quanto misto, às pessoas portadoras de deficiência.

No que diz respeito ao estacionamento o Art. 76 determina:

- De 11 – 100 vagas: 01 vaga destinada aos portadores de deficiência física;
- Acima de 100 vagas: 1% do total.

Nos cinemas, auditórios, teatros, casas de espetáculos, estádios e ginásios esportivos, deverão ser exigidos espaços apropriados para cadeiras de rodas, ao longo dos corredores, na proporção de 2% (dois por cento) da lotação, até 500 (quinhentos) lugares, com o mínimo de 01 (um), daí acrescido de acordo com a NBR 9050, da ABNT.

- **Lei nº 11.186/94 – Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico para o Estado de Pernambuco**

Segundo o artigo 1º, este código tem por finalidade estabelecer as condições mínimas de segurança contra incêndio e pânico em edificações, determinar o seu cumprimento e fiscalizar sua execução.

O Artigo 6º da presente lei classifica as edificações de acordo com suas ocupações. O equipamento Centro de Cultura e Lazer não é citado diretamente, devendo, portanto, encontrar-se dentro da classificação denominada por “Especiais”.

De acordo com o Artigo 29, as normas vigentes emitidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, entre outras, que tenham relação com a segurança contra incêndio e pânico, poderão ser adotadas plena ou parcialmente.

Segundo o artigo 15º da COSCIPE, a edificação a ser construída se enquadra no tipo “H”, ou seja, edificações de Reunião de Público cuja natureza de ocupação específica venha a congregar uma população flutuante ou temporária em um dado momento com objetivos comuns. Logo estão incluídas nas edificações definidas do presente artigo, os ginásios de esportes (item III), clubes sociais (item IV), Bares, restaurantes e similares (item V) ou outra edificação que, mesmo não constante dos incisos, venham a ser enquadradas no artigo (item XIII).

4. ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE CULTURA E LAZER EM MORENO/PE

Com base na pesquisa teórica e nos estudos de caso, foi possível entender o funcionamento e o papel que a cultura e o lazer têm na formação do cidadão, assim, é proposta uma edificação com ênfase neste tema.

4.1 A PROPOSTA

A proposta do anteprojeto arquitetônico é a elaboração de um Centro de Cultura e Lazer em Moreno/PE, visando incentivar as expressões artísticas, as atividades recreativas e tradições culturais presentes na cidade e na região que a rodeia e trabalhar a cultura e o lazer como forma de integração social.

O centro proporcionará a população aulas teóricas, aulas práticas de artes, dança, teatro e música, com apoio pedagógico, além de espaço para leitura, anfiteatro, auditório para apresentações, áreas de exposições temporárias, e áreas para práticas de esporte e lazer.

4.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Foram levados em consideração, para a delimitação do programa, os seguintes elementos: atender a demanda de públicos com diferentes faixas etárias; oferecer diversas opções de atividades de cultura e lazer e respeitar o fator humano com ambientes que promovam interações sociais, atendendo a demanda de públicos com diferentes faixas etárias;

É importante ressaltar ainda que a apropriação do equipamento por parte da população consiste em um dos aspectos relevantes para se refletir. Diante deste fato, a concepção deste projeto teve como princípio a contemplação regional, dos anseios dos moradores de Moreno enquanto dimensão programática.

O programa de necessidades e pré-dimensionamento tem o intuito de atender as necessidades básicas da edificação e oferecer um dimensionamento adequado e satisfatório, onde a definição dos ambientes se dá em função das atividades desenvolvidas.

A elaboração do programa de necessidades e pré-dimensionamento deu-se a partir do reflexo do partido arquitetônico, dos estudos de caso, pesquisas, entrevistas e parâmetros

estabelecidos na Lei nº 16.292, entre outras normas relativas a equipamentos de esportes, cultura, lazer e, pensando fundamentalmente em promover conforto e segurança aos usuários.

A partir daí, foi possível conhecer a infraestrutura básica necessária para a elaboração de um programa arquitetônico que vise o atendimento às necessidades desse tipo de empreendimento. Procurou-se compreender o funcionamento geral das instituições voltadas à esse segmento, analisando seus ambientes de maneira setORIZADA, observando contudo a ligação entre eles.

Para o melhor desenvolvimento do anteprojeto arquitetônico fez-se necessário um estudo prévio de dimensionamento dos ambientes que irão compor o Centro de Cultura e Lazer. Com o objetivo de agrupar os espaços e suas respectivas atividades estes foram divididas em 5 setores, sendo eles: Setor Social, Setor Cultural, Setor Administrativo, Setor de Esporte e Lazer e Setor Educacional. Os quadros a seguir mostram os ambientes descritos de acordo com a setORIZAÇÃO proposta, os acabamentos, o mobiliário necessário e suas respectivas áreas estimadas.

Setor Social: se refere à área composta pelo atendimento do público.

QUADRO 07: Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Social de um Centro de Cultura e Lazer

AMBIENTE	QUANTIDADE	MOBILIÁRIO / ACABAMENTOS	ÁREA TOTAL
Acesso principal	1	Ar condicionado	50 m ²
Área de Exposição Temporária	1	Painéis, desumidificador, extintores, vitrines	290 m ²
Biblioteca	1	Estantes, mesas, cadeiras, ar cond., computadores	266 m ²
Banheiros Fem./Masc./Acessível Visitantes-Biblioteca	3	Peças sanitárias	7 m ²
Lanchonete	1	Mesas, cadeiras, balcão, etc	59 m ²
Cozinha	1	Piso lavável e de alta resistência, balcões	7 m ²
Depósito	1	Estantes	3,50 m ²
Banheiros Fem./Masc./	2	Peças sanitárias	22,50 m ²

Visitantes			
------------	--	--	--

FONTES: Elaborado pela autora a partir dos estudos de casos, entrevistas e outras pesquisas, 2013

Setor Administrativo: se refere à área pelo gerenciamento e fiscalização do centro.

QUADRO 08: Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Administrativo de um Centro de Cultura e Lazer

AMBIENTE	QUANTIDADE	MOBILIÁRIO / ACABAMENTOS	ÁREA TOTAL
Recepção/Espera	1	Cadeiras e balcão	69 m ²
Diretoria	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	21m ²
Banheiro Diretor	1	Peças sanitárias	2,5 m ²
Arquivo	1	Estantes	10 m ²
Sala de Reunião	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	18 m ²
Sala dos Professores	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	33,50 m ²
Serviço Social	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	18,50 m ²
Coordenação dos Módulos	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	18,50 m ²
DML	1	Estantes	5 m ²
Administração	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	20m ²
Enfermaria	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc.	14 m ²
Depósito	1	Estantes	8 m ²
Copa	1	Cadeiras, bancadas, mesas, etc.	15 m ²
Banheiros Fem./Masc. Funcionários	1	Peças sanitárias	20 m ²

FONTES: Elaborado pela autora a partir dos estudos de casos, entrevistas e outras pesquisas, 2013

Setor Educacional: se refere à área composta por ateliês, onde são realizados cursos de artesanato, crochê e esculturas. Possui também sala de música, dança e oficina de artes, dentre outras atividades de um Centro de Cultura e Lazer.

Anexado ao setor educacional está o setor de serviço, visto que sua localização situa-se na área central do terreno e de fácil acesso à carga e descarga e aos funcionários, favorecendo uma melhor manutenção, limpeza, e serviços gerais que apoiam as demais funções do empreendimento. Tem acesso restrito aos funcionários do Centro.

QUADRO 09: Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Educacional de um Centro de Cultura e Lazer

AMBIENTE	QUANTIDADE	MOBILIÁRIO / ACABAMENTOS	ÁREA TOTAL
Ateliês	2	Cadeiras, bancadas, mesas, etc.	32 m ²
Oficina de Artes	2	Cadeiras, bancadas, mesas, etc.	40 m ²
Sala de Dança	1	Espelho, ar cond.	32 m ²
Sala de Musica	1	Cadeiras, ar cond.	45 m ²
Áreas para exposições temporárias	1	Painéis, desumidificador, extintores, vitrines	175 m ²
Centro Informações	1	Balcão e cadeira	8,50 m ²
Banheiros Fem./Masc. Alunos	2	Peças sanitárias	21,50 m ²
Depósito	1	Estantes	9 m ²
Refeitório	1	Mesas, cadeiras, balcão, etc	34 m ²
Cozinha	1	Piso lavável e de alta resistência, balcões	28 m ²
Banheiro e Vestiário Fem./Masc.- Funcionários	2	Peças sanitárias	18,50 m ²
Estar Funcionários	1	Sofá, cadeira, tv	36 m ²
DML	1	Estantes	2,50 m ²
Guarita + Bwc	1	Mesa, cadeira ; Peças sanitárias	6 m ²
Lixo/Gás	1	-	19 m ²

FONTES: Elaborado pela autora a partir dos estudos de casos, entrevistas e outras pesquisas, 2013

Setor Cultural: se encontra interlaçado com setor educativo/cultural, onde nele são produzidos eventos, exposições e peças, além de possuir uma infraestrutura necessária para um bom desenvolvimento destas atividades.

QUADRO 10: Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor Cultural de um Centro de Cultura e Lazer

AMBIENTE	QUANTIDADE	MOBILIÁRIO / ACABAMENTOS	ÁREA TOTAL
Áreas para exposições temporárias / Foyer	1	Painéis, desumidificador, extintores, vitrines	120 m ²
Banheiros Fem./Masc./Acessível Visitantes	3	Peças sanitárias	7 m ²
Ante-Câmera	1	-	14 m ²
Auditório/Teatro	1	Cadeiras – Espaço para 80 pessoas	210 m ²
Cabine de Projeção	1	Balcão e cadeira	6 m ²
Cabine de Som e Luz	1	Balcão e cadeira	6 m ²
Camarim	1	Balcão, espelho e cadeira	7 m ²
Banheiro Camarim	1	Peças sanitárias	3,50 m ²
DML	1	Estantes	4,50 m ²
Anfiteatro	1	Banco	89 m ²

FONTES: Elaborado pela autora a partir dos estudos de casos, entrevistas e outras pesquisas, 2013

Setor de Esporte e Lazer: As características das atividades físicas estão concentradas basicamente neste setor, no qual encontramos um fluxo intenso proveniente das instalações da quadra poliesportiva e da piscina.

Este espaço conta também com um apoio para os equipamentos instalados, a exemplo de vestiário feminino, masculino e dos juizes de jogo, sala de teste físico, depósito de equipamentos e lanchonete, os quais foram ali locados, na tentativa de tornar o mais funcional possível essa área.

QUADRO 11: Programa Básico e Pré-dimensionamento do Setor de Esporte e Lazer de um Centro de Cultura e Lazer

AMBIENTE	QUANTIDADE	MOBILIÁRIO / ACABAMENTOS	ÁREA TOTAL
Piscina hidroginástica	1	Piso lavável e de alta resistência	180 m ²
Sala teste-físico	1	Cadeiras, mesas, ar condicionado, etc	21 m ²
Quadra Poliesportiva Coberta	1	Arquibancada ou bancos	730 m ²
Banheiro e Vestiário Fem./Masc.- Visitantes	2	Peças sanitárias e armários	35 m ²
Banheiro e Vestiário Juiz de Jogo	1	Peças sanitárias e armários	15 m ²
Depósito técnico	1	Estantes	21 m ²
Lanchonete	1	Mesas, cadeiras, balcão, etc	8 m ²
Cozinha	1	Piso lavável e de alta resistência, balcões	8 m ²
Deck Piscina	1	Piso de alta resistência e anti-derrapante	250 m ²

FONTES: Elaborado pela autora a partir dos estudos de casos, entrevistas e outras pesquisas, 2013

Com base no pré-dimensionamento, pode-se dizer que a área mínima prevista para o Centro de Cultura e Lazer será em média de 1.952 m².

Esses ambientes e as determinadas quantidades serão apresentados no anteprojeto do Centro de Cultura e Lazer de Moreno.

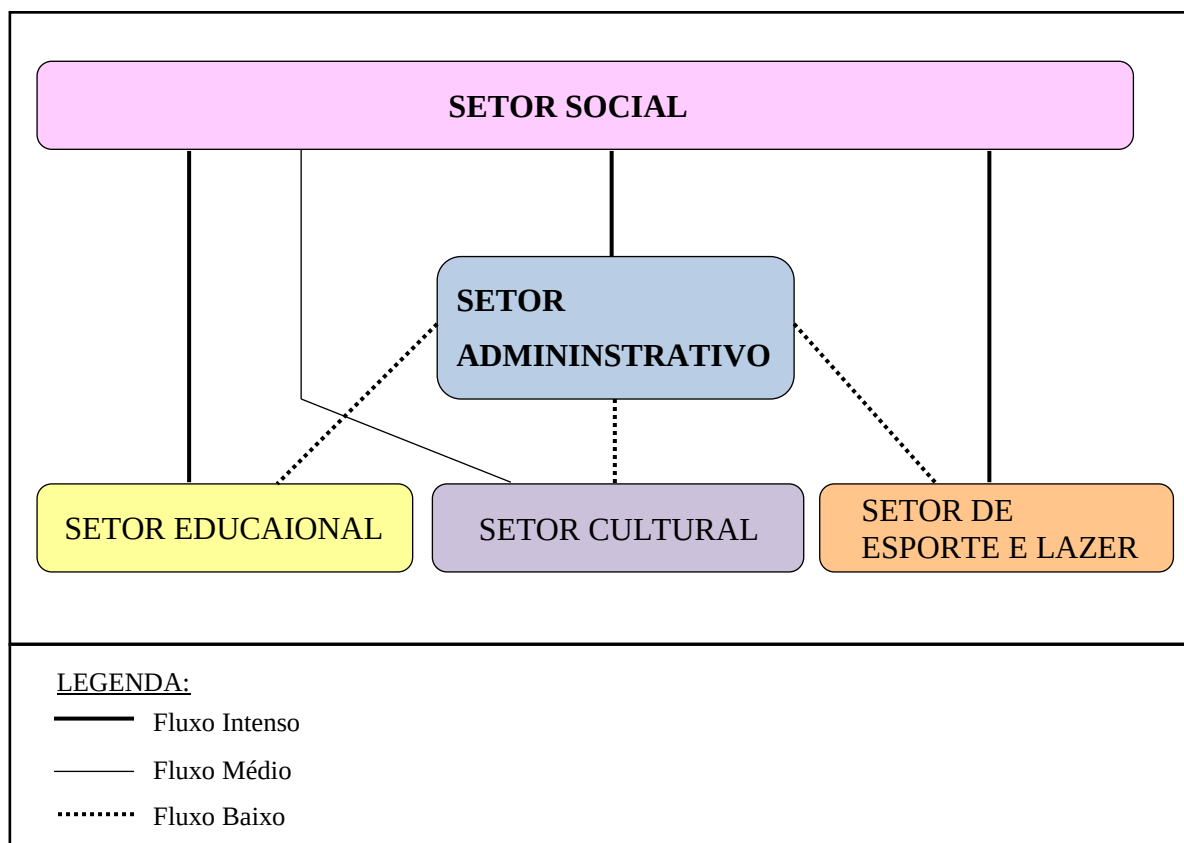
4.3 ORGANO-FLUXOGRAMA

O organograma em tela oferece uma organização dos ambientes do projeto, com o foco de identificar as áreas que apresentam ligação de uso, apresentando também a intensidade do

fluxo entre elas, situando-os no conjunto. Consistiu em uma etapa essencial para o desenvolvimento do anteprojeto, pois forneceu dados necessários para entender seu funcionamento, auxiliando na implantação dos ambientes no terreno, bem como dimensionado das circulações a partir do fluxo observado, orientando e hierarquizar as relações entre os ambientes, através da interligação entre os espaços, proporcionando segurança, funcionalidade e conforto aos usuários. O organograma foi elaborado, levando em consideração o programa de necessidades, estudos de casos, pesquisas bibliográficas, entre outros. Os Ambientes foram divididos em seis setores, para melhor identificação de cada setores, sendo eles: setor social, setor cultural, setor administrativo, setor de esporte e lazer, setor educacional, setor de serviço.

Todos os espaços arquitetônicos devidamente planejado deve obedecer a uma lógica funcional para sua melhor utilização, a fim de serem evitados eventuais conflitos de fluxos e acessos, facilitando a leitura dos espaços previstos no anteprojeto, foi elaborado um organograma geral. Os Ambientes foram divididos em seis setores, para melhor identificação de cada setores, sendo eles: setor social, setor cultural, setor administrativo, setor de esporte e lazer, setor educacional, setor de serviço.

QUADRO 12: Organograma e Fluxograma do Centro de Cultura e Lazer

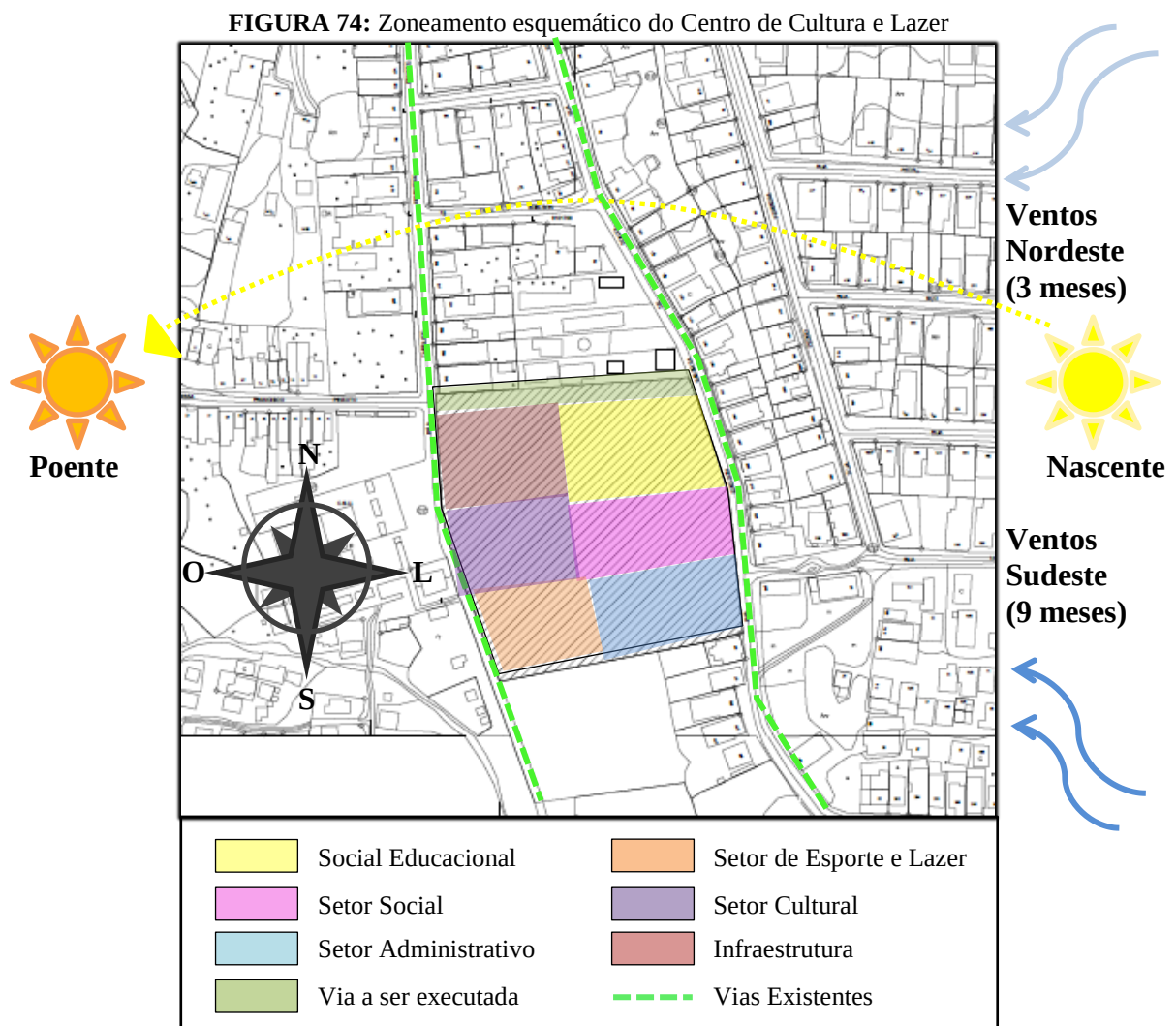


FONTE: Elaborado pela autora a partir dos estudos de casos e pesquisas, 2013

Este organograma e fluxograma serão detalhados e modificados conforme o desenvolvimento do anteprojeto.

4.4 ZONEAMENTO

Com o intuito de melhorar o entendimento acerca da organização dos espaços, bem como a compreensão do funcionamento do Centro de Cultura e Lazer, fora elaborado um zoneamento a fim de indicar a melhor forma de uso e ocupação dos setores existentes, visando assim garantir formatos individuais e que ao mesmo tempo estejam interligados, e que por fim, possuam um projeto de acessibilidade aos usuários. O zoneamento foi definido baseado nos condicionantes físicos e naturais do terreno, levando em consideração sua localização e suas vias de acesso.



FONTE: UNIBASE de Moreno, 2006, adaptado pela autora, 2013

Além da divisão dos setores, é importante destacar a necessidade de áreas destinadas a estacionamentos, que está localizada próximo a via que será executada, a qual interliga as ruas Rua Floriano Peixoto e Rua Edelson Barbosa de Souza, servindo também como acesso ao Centro de Cultura e Lazer.

Com a aplicação desse programa e pré-dimensionamentos descritos acima, deu-se um resultado de projeto de caráter funcional e agradável aos funcionários e usuários, contribuindo para a definição da volumetria e partido arquitetônico do edifício projetado.

4.5 MEMORIAL DESCRITIVO

Para a elaboração do anteprojeto arquitetônico de um Centro de Cultura e Lazer, localizado no município de Moreno, foram levados em consideração parâmetros legais já descritos no presente trabalho, além das características morfológicas e ambientais do entorno que influenciaram no desenvolvimento deste. Para facilitar o entendimento do memorial descritivo, este foi dividido em setores, são eles:

4.5.1 Implantação

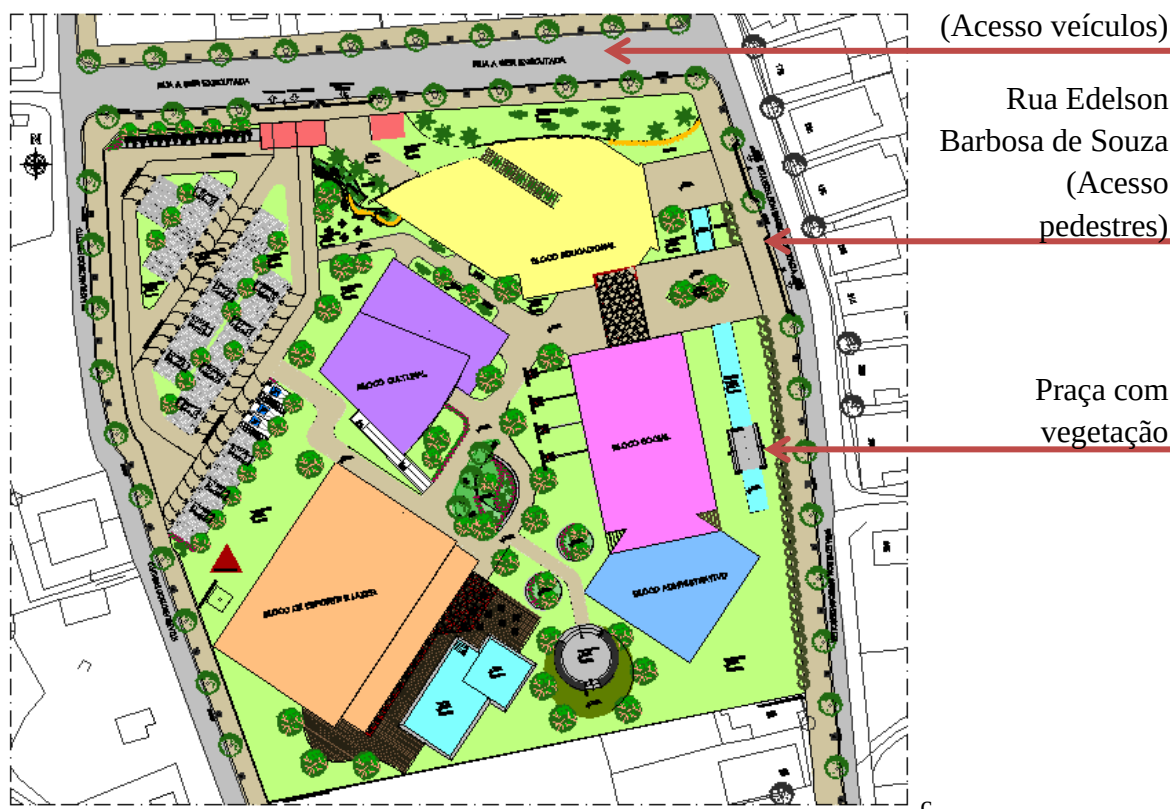
O lote onde foi implantado o Anteprojeto do Centro de Cultura e Lazer - localizado no Município do Moreno/PE - é bastante privilegiado na área, pois entre as ruas Floriano Peixoto e Edelson Barbosa de Souza, além de apresentar uma área de 9.783,54 m² o que facilita para a melhor distribuição dos setores que compõem o projeto. Foi projetada uma nova via dando ligação as ruas Floriano Peixoto e Edelson Barbosa de Souza, a qual implantação da mesma foi disposta de forma a valorizar tais ruas devido a sua excelente localização.

A disposição do agenciamento marca a entrada de pedestres pela rua Edelson Barbosa de Souza e de carros pela nova via a ser executada, sendo ela de extrema importância pois será de maior intensidade e por ser a via de menor hierarquia urbana.

A implantação da edificação foi feita de forma a disponibilizar um maior espaço de área verde, garantindo a integração da edificação com o ambiente natural trazendo tranquilidade aos usuários. Foi norteada pelos fatores climáticos e pelo formato do terreno, respeitando a legislação local e as necessidades presentes no programa. Sentiu-se a necessidade de utilizar bastantes áreas verdes com vegetações, canteiros e árvores, além de locais para o convívio social. Foram utilizados recuos maiores do que o necessário na legislação, para que o Centro

de Cultura e Lazer aproveitasse bem a utilização com as áreas verdes, principalmente na parte central do terreno onde foi implantada uma praça bem arborizada com mobiliários, estabelecendo um maior contato da edificação com o paisagismo, onde os usuários possam desfrutar de um local mais agradável e com a presença de vegetações diversas (figura 60).

FIGURA 75: Implantação do projeto no terreno escolhido



FONTE: Elaborado pela autora, 2013

O contexto urbano do Município do Moreno e a análise das tipologias existentes no entorno, influenciaram no gabarito da edificação. No seu entorno encontram-se edificações horizontais predominantemente de usos comerciais e mistos. Sendo assim, foi necessário adotar um pouco de verticalidade no projeto, porém não esquecendo das normas para projetos de edificações vigente no município.

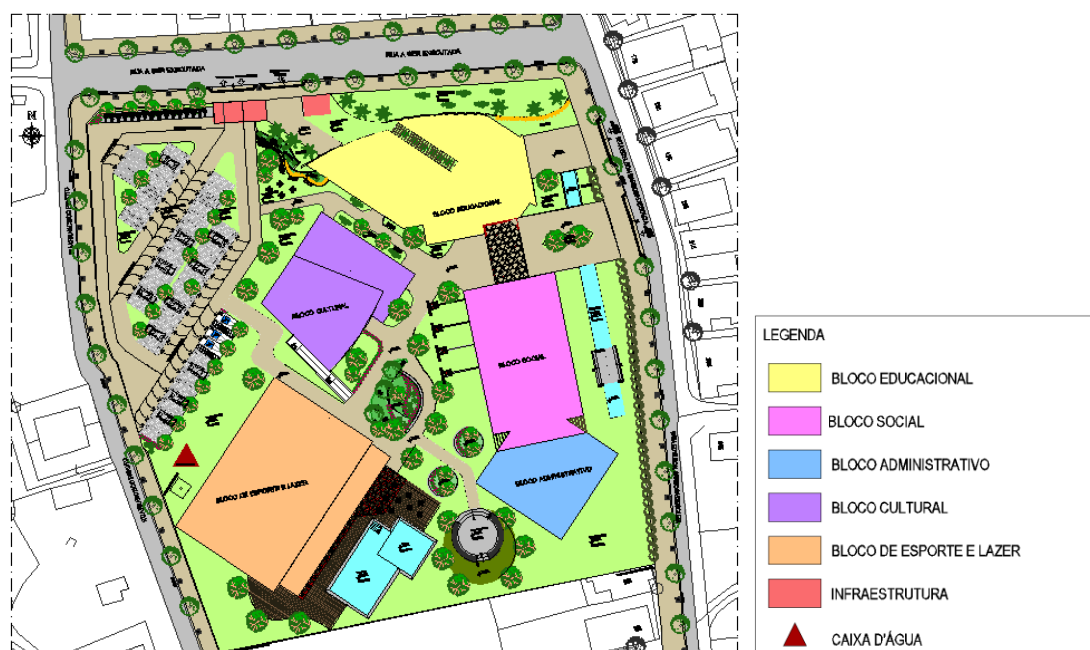
Sendo assim, a tendência à verticalidade foi pensada para que o Centro de Cultura e Lazer fosse um empreendimento que se destacasse na área, haja vista a ausência de qualquer tipo de equipamento que reúna três especialidades (atividades esportiva, culturais e de lazer) em uma só edificação.

Optou-se por volumes de características bem definidas, por acomodar perfeitamente as exigências do projeto. Entretanto, o projeto é caracterizado por uma arquitetura com formas geométricas puras, porém com alguns traços orgânicos, contextualizada, flexível e principalmente funcionalista, criando um elemento referencial definido com formas arquitetônicas para atingir a escala urbana como um verdadeiro marco do lugar.

Em se tratando do estacionamento do Centro, foi resolvido de tal forma que não ocupasse uma grande área do terreno já que havia a necessidade de enfatizar bem as áreas verdes. Sendo assim, foi proposto com a capacidade para 50 vagas localizadas na parte voltada para a via que será executada, sendo 03 para deficientes físicos.

A divisão do Centro de cultura e lazer teve como objetivo setorizar os diversos usos existentes na proposta, garantindo uma interdependência de cada setor, facilitando o bom funcionamento dos mesmos.

FIGURA 76: Setorização da implantação



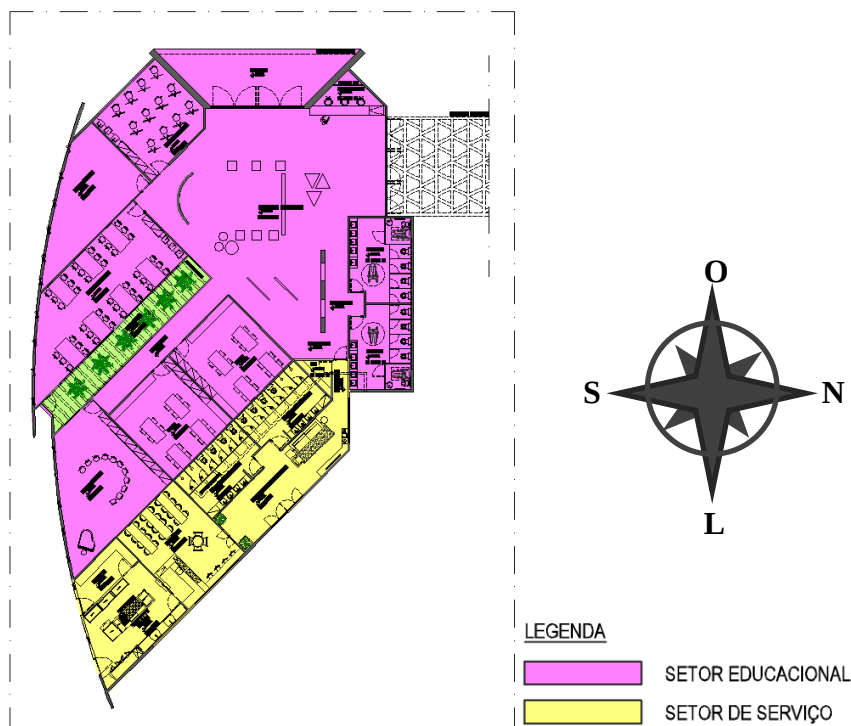
FONTE: Elaborado pela autora, 2013

4.5.2 Bloco Educacional:

No Bloco Educacional buscou-se definir as salas através da área de exposição localizada logo na entrada do edifício, onde neste é possível direcionar a distribuição de público para a sala de

aula desejada. Este bloco é composto de salas de aula, onde são realizados aula de artesanato e artes, pintura, crochê e escultura, sala de dança e sala de música.

FIGURA 77: Setorização do Bloco Educacional



FONTE: Elaborado pela autora, 2013

FIGURA 78: Exposição temporária do Bloco Educacional



FONTE: Elaborado pela autora, 2013

Na área oeste da edificação encontra-se o Setor de Serviço, onde está distribuído o estar dos funcionários, vestiários de funcionários masculino e feminino, refeitório/cozinha, depósito e DML. O Setor de Serviço tem acesso diretamente pela parte externa da edificação, como também se interliga com os outros setores.

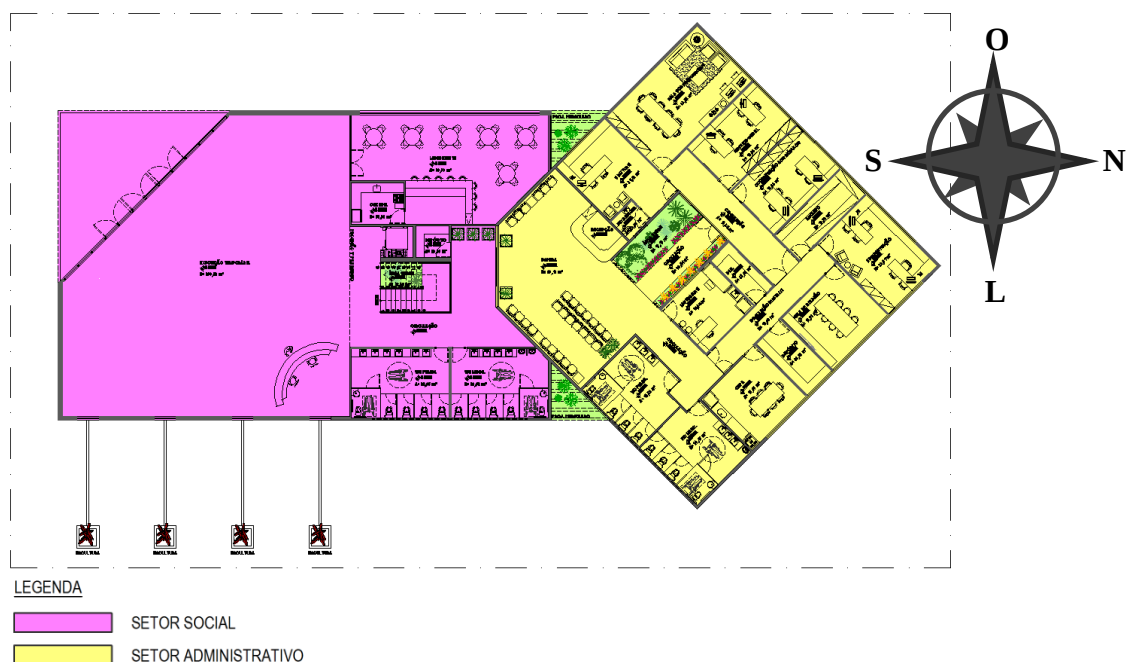
Esse bloco também é favorecido de um jardim interno reforçando a ideia de integração com o ambiente natural, tornando uma passagem mais agradável.

4.5.3 Bloco Social:

Com relação ao Bloco Social, este foi pensado em integrar-se de uma forma ao Bloco Educacional, por uma marquise em estrutura metálica pintada de vermelho, compondo assim, a fachada principal do Centro de Cultura e Lazer.

Sua entrada pode ser realizada pela coberta em estrutura metálica que liga-se ao bloco Educacional, ou pela passagem de pedestres de quem entra pela rua Edelson Barbosa de Souza. Sua distribuição espacial foi feita através de dois blocos interligados.

FIGURA 79: Setorização do Bloco Social e Administrativo



FONTE: Elaborado pela autora, 2013

O bloco maior, situado na parte frontal do terreno, é composto por exposição temporária, lanchonete, banheiros, biblioteca e pelo lazer passivo (Mirante). Esse bloco possui um jardim interno, situado abaixo da escada. A exposição temporária além de servir como circulação, serve também como espaço para convívio social, integrando tanto o ambiente interno, como o ambiente externo.

FIGURA 80: Exposição temporária do Bloco Social, integrando com o ambiente externo



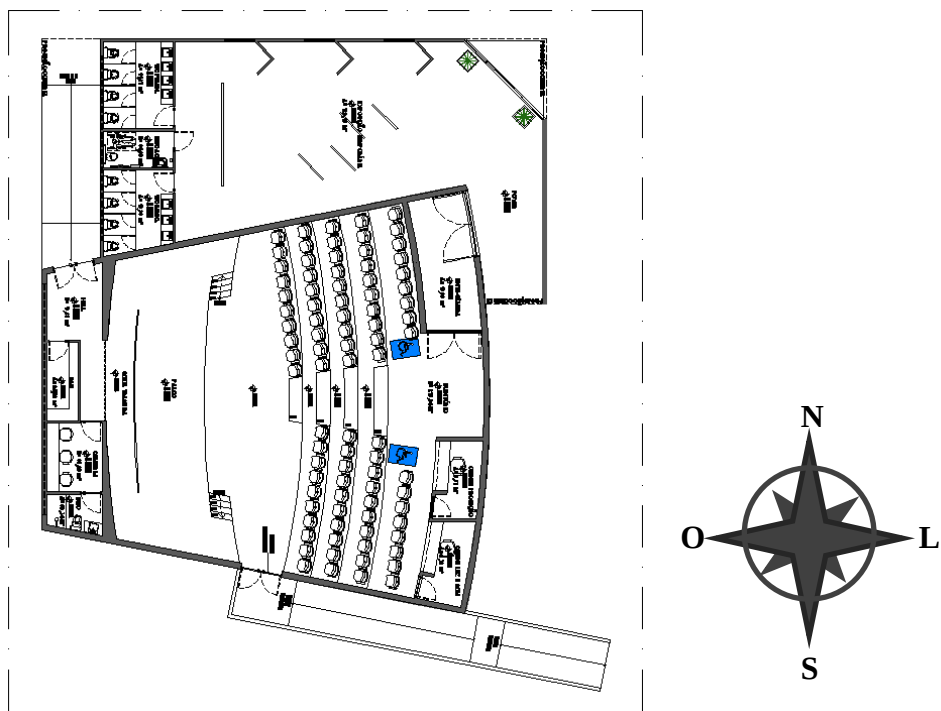
FONTE: Elaborado pela autora, 2013

Já o bloco menor, interligado ao bloco Social, está composto pela área Administrativa do Centro de Cultura e Lazer, composta pelo atendimento ao público, banheiros, copa. Sala de serviço social,, sala de coordenação dos módulos, sala de administração, sala dos professores, sala de reunião, diretoria, DML, enfermaria e sala de arquivo. Esse bloco também é favorecido de um jardim interno reforçando a ideia de integração com o ambiente natural, tornando uma passagem mais agradável, o qual serve como circulação.

4.5.4 Bloco Cultural:

A forma e a distribuição desse bloco foram pensadas a partir das atividades previamente estabelecidas. Sua forma é diferenciada, pois foi pensada em manter um conjunto harmônico com os outros edifícios já citados acima, onde este bloco fica entre a ligação dos blocos Educacional e Social, além de favorecer a instalação do auditório e de criar expectativa para quem vai para o Bloco Esportivo e para o Anfiteatro, situados na área sul do terreno.

FIGURA 81: Setorização do Bloco Cultural



FONTE: Elaborado pela autora, 2013

É composto pelo auditório com capacidade 89 lugares, nutrido de sala para controle da iluminação e do som do ambiente; pelos banheiros masculino e feminino destinados ao público, área para exposição temporária, camarim, bwc no camarim e depósito. (ver figura 56)

FIGURA 82: Exposição temporária do Bloco Cultural



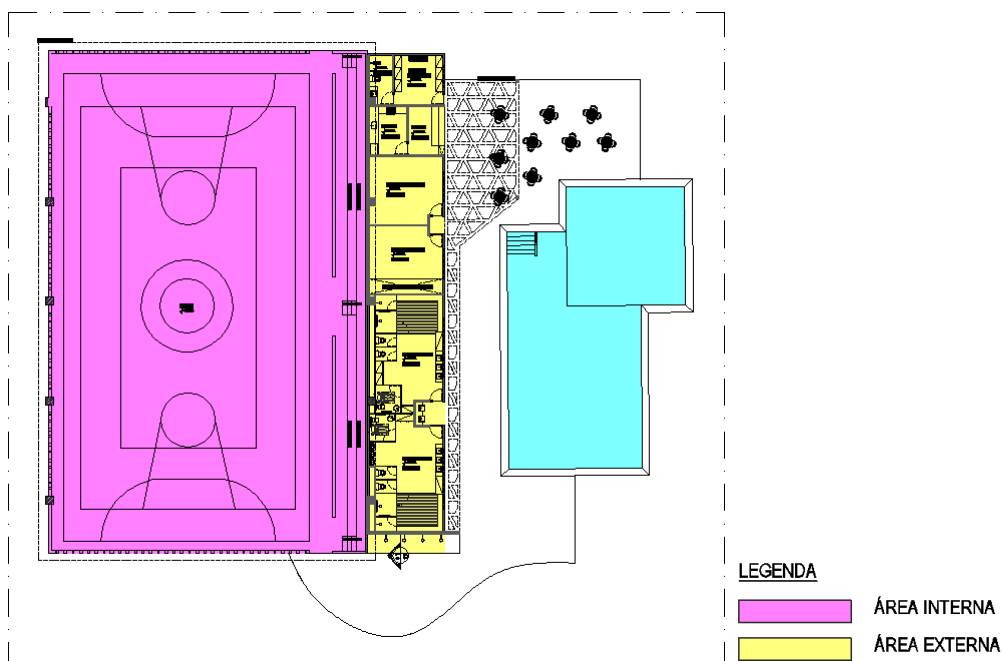
FONTE: Elaborado pela autora, 2013

A circulação proposta para essa edificação, tem integração também com a vegetação. Na parte interna norte, há uma área destinada a exposições e foyer, para que possam ser expostos trabalhos realizados no Centro.

4.5.5 Bloco de Esporte e Lazer:

Com relação ao Bloco de Esporte e Lazer, este foi pensado em ser algo diferenciado com relação aos demais módulos, por ter um programa diferenciado e de constante movimento. Sua principal característica é a combinação de materiais inovadores com materiais regionais. Esta é realizada através de estrutura em treliça metálica e seu fechamento com painéis em estrutura metálica pintadas de vermelho, retomando a forma da cobertura da ligação entre o Bloco Social e o Bloco Administrativo.

FIGURA 83: Setorização do Bloco de Esporte e Lazer



FONTE: Elaborado pela autora, 2013

Seu programa é composto de uma quadra poliesportiva e arquibancadas, na parte interna; Vestiários feminino e masculino para o público e para os juízes independentes, sala de teste físico, sala de teste físico, depósito técnico e lanchonete, além da piscina que tem um amplo deck de madeira e uma cobertura em estrutura metálica pintada na cor vermelha.

Na quadra serão desenvolvidas atividades esportivas como vôlei, basquete, futebol e brincadeiras infantis (“queimado”, “barra ou bandeira”,...) adaptados para todas as idades, aumentando a força e estimulando o bem-estar, além de outros benefícios à saúde.

4.5.6 Materiais Utilizados:

Em se tratando dos materiais, foi utilizado principalmente o concreto e o vidro transparente, bem como a cor base escolhida, o concreto aparente, destacando-se apenas o foyer do bloco cultural, o bloco administrativo e uma lateral do bloco educacional utilizando a cor vermelha, conferindo leveza e funcionalidade à volumetria, proporcionando uma leitura atual do Centro de Cultura e Lazer de Moreno. As paredes externas de cada bloco da edificação são de 15 cm por serem de alvenaria, entretanto foi utilizado nas paredes internas da edificação gesso do tipo Dry Wall com 10cm de espessura, pois este torna a edificação mais flexível já que trata de uma edificação que contém áreas voltadas para a cultura, o lazer e o esporte.

A utilização do Dry Wall possui algumas vantagens: menos espessura das paredes proporcionando ganho de área útil, boa resistência mecânica, excelente isolamento térmico e acústico, resistente ao fogo não propagando a chama, além da facilidade de instalação que reduz o tempo de execução da obra e os custos de mão-de-obra.

4.5.7 Paisagismo:

O paisagismo realizado no projeto foi de grande importância à proposta, pois foi enfatizado a necessidade de locais com áreas verdes já que se trata de um projeto voltado para todas as idades. Foi utilizado, portanto, a grama esmeralda com diversos tipos de vegetação, além de muitas árvores e da presença de canteiros com bancos ao seu redor, garantindo um local de contemplação no projeto.

4.5.8 Conclusão

Todos os espaços foram distribuídos de maneira funcional e coerente a fim de preservar o equilíbrio e a especificidade de cada uma das atividades ali desenvolvidas.

Torna-se, portanto, evidente a tentativa de desenvolver um Centro de Cultura e Lazer de Moreno, que gere uma integração entre o objeto construído, o usuário e a paisagem natural, tanto projetada como existente.

Referindo-se a concepção funcional e programática do Centro de Cultura e Lazer, optou-se pelo lazer na sua forma de contemplação e compreensão da arte e da cultura, incorporando atividades programáticas artísticas, culturais e educacionais com atividades esportivas. Sendo

importante lembrar que a proposta do equipamento terá um papel de gerar uma nova área de conhecimento e lazer, baseada na arte, na cultura e nas atividades esportivas promovendo assim um local de convívio e aprendizagem, além de grande centro de produção e renovação artística, tornando-se de grande importância como elemento estruturador do empreendedorismo cultural para a área.

Desta forma, procurou-se desenvolver uma arquitetura contemporânea dando ênfase a funcionalidade de seus espaços tanto internos como externos, propondo ambientes harmônicos e confortáveis, juntamente com a proposta de uma volumetria ousada e marcante.

4.6 REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DO ANTEPROJETO DO CENTRO DE CULTURA E LAZER NO MUNICÍPIO DE MORENO - PE

Segue em anexo, as pranchas do anteprojeto arquitetônico elaborado, em escala 1/250, 1/100 e 1/10.

PRANCHA 01/20 – Implantação e Situação

PRANCHA 02/20 – Setor Educacional – Planta de Coberta

PRANCHA 03/20 – Setor Educacional – Planta Baixa

PRANCHA 04/20 – Setor Educacional – Cortes

PRANCHA 05/20 – Setor Educacional – Fachadas

PRANCHA 06/20 – Setor Cultural – Planta de Coberta

PRANCHA 07/20 – Setor Cultural – Planta Baixa

PRANCHA 08/20 – Setor Cultural – Cortes

PRANCHA 09/20 – Setor Cultural – Fachadas

PRANCHA 10/20 – Setor Social / Administrativo – Planta de Coberta

PRANCHA 11/20 – Setor Social / Administrativo – Planta Baixa Pav. Térreo

PRANCHA 12/20 – Setor Social / Administrativo – Planta Baixa 1º Pav.

PRANCHA 14/20 – Setor Social / Administrativo – Cortes

PRANCHA 15/20 – Setor Social / Administrativo – Fachadas

PRANCHA 16/20 – Setor de Esporte e Lazer – Planta de Coberta

PRANCHA 17/20 – Setor de Esporte e Lazer – Planta Baixa

PRANCHA 18/20 – Setor de Esporte e Lazer – Cortes

PRANCHA 19/20 – Setor de Esporte e Lazer – Fachadas

PRANCHA 20/20 – Infraestrutura

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vencida a etapa dos estudos preliminares e consequente elaboração da pré-proposta apresentada, foi identificado que o cenário atual cultural morenense merece crescer e expandir seus horizontes, pois inexistente equipamento que reúna a cultura e o lazer no município e seja acessível à população de qualquer classe social, ficando clara a necessidade da população de Moreno em dispor de um Centro de Cultura e Lazer. Este foi o eixo condutor da proposta.

O Terreno foi escolhido devido ao local de crescimento e desenvolvimento, porém com falta de equipamentos os quais exercem uma relevante função social. Por ser o terreno do antigo Centro Social Urbano de Moreno – CSU de grande valor social e sentimental para a população residente, o mesmo é propício para intervenção da proposta, uma vez que se configura como um elo de ligação entre os municípios de seu entorno, criando assim um diálogo sócio espacial entre as regiões e uma nova dinâmica para o bairro.

Portanto, após o estudo realizado, é evidente e vital a necessidade do município de Moreno ter um espaço arquitetônico, com um projeto estruturado de forma correta e seguindo as normas e leis vigentes, baseado também em parâmetros urbanísticos e características morfológicas, climáticas e ambientais, e com um conceito mais amplo de cultura e lazer, para então garantir a população de forma estruturada um novo sentido de aprendizado e lazer tão importante para a formação do cidadão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovana Cruz. **O lugar da arte - um breve panorama sobre a arquitetura dos museus e centros culturais**. Espírito Santo: Arqumuseus - Anais do Seminário, 2010.

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, ABNT, junho de 2004.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: As Possibilidades do Planejamento**. São Paulo, 2000.

Bases para o projeto de Centros de Cultura e Arte. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n45/terra_10.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.

BORBA, Sheila Villanova. **A produção de equipamentos urbanos como alternativa de política social - O programa Nacional de Centros Sociais Urbanos**. Porto Alegre, 1991.

BRAMANTE, Antônio Carlos. **Lazer: concepções e significados**. Licere. Belo Horizonte, 1998.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **O que é Lazer**. São Paulo, 1989.

CAMPOS, Martha Maria Wanderley. **Gestão Participativa das Água, Ação Comunitária e Educação Ambiental, Experiência do Município de Moreno**. Pernambuco, 2004

CARLETTO, Ana Claudia; CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal: um conceito para todos**. São Paulo, 2007.

CARVALHO, Ulisses Pereira. **Cultura, Sociedade e Educação**. 2004.

COELHO, Teixeira. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro, 1986.

DALL'IGNA, Claudia; GASTAUD, Carla. **Museu, permanência e transformação**. Portugal, 2010.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GUIMARAENS, Cêça e IWATA, Nara. A Importância dos Museus e Centros Culturais na Recuperação de Centros Urbanos. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/Aimportancia.pdf>>. Acesso em: 27 de março de 2013.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. Rio Grande do Sul: UFRGS - ArqTexto, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Jorge Zahar, 2005.

LEI PROTEÇÃO DE MANANCIAS. **Lei Estadual nº 9860, de 12/08/1986 (define as Áreas de Proteção de Mananciais na RMR)**. Pernambuco: Recife, 1986

LEOCÁDIO, Áurio. **Políticas de Ação Cultural no Mundo: Quatro Exemplos e o Estudo de Caso do Dragão Cearense**. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2000/ADP/ADP137.pdf>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2013.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

O Dragão e a cidade: lendas do Ceará. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/69/69>>. Acesso em: 06 de março de 2013.

MAIA NETO, Renato de Andrade. **Arquiteturas para o museu de arte contemporânea da usp**. São Paulo, FAU-USP, 2004 (tese de doutorado).

MELLO, Renata. **Arquitetura Inclusiva – Uma nova cultura**. 2008.

MIRANDA, Livia. **Relatório Estadual de Avaliação dos Planos Diretores Participativos de Pernambuco**. Recife, 2009.

Parque Dona Lindu. Disponível em: <<http://thaisfrota.wordpress.com/2011/06/11/parque-dona-lindu-recife/>>. Acesso em: 06 de março de 2013.

NEUFERT, Peter. **Arte de projetar em arquitetura**. 17ª Edição, 4ª impressão, 2008. Barcelona: Editorial Gustavo, 2004.

PBH. **Fundação Municipal de Cultura**. Disponível <<http://www.portalpbh.pbh.gov.br>>
Acesso em 02 de maio 2013.

PELLEGRIN, A. **Equipamento de lazer**. In: GOMES, C.L. Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte, 2004.

REQUIXA, Renato. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

ROCHA, Paulo Mendes da. **Jornal do Brasil**, Dezembro, 2001.

SILVA, M.J.V. LOPES, P.W.; XAVIER, S.H.V. **Acesso a Lazer nas Cidades do Interior: um Olhar Sobre Projeto CINE Sesi Cultural**. VI Seminário 2009 ANPTUR. São Paulo, 2009.

SPERLING, David. **Museu contemporâneo: O espaço do evento como não-lugar**. São Carlos: USP, 2005.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture**. Cambridge - USA, 2010.

ANEXO 03
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
Curso de Arquitetura e Urbanismo

ACOMPANHAMENTO DE ORIENTAÇÃO

ALUNO: _____

PROFESSOR

ORIENTADOR: _____

Nº		DATA	DISCUSSÕES / ESTÁGIO DO TRABALHO	ALUNO	ORIENTADOR
AV 1	1				
	2				
	3				
	4				
	5				
	6				
AV 2	1				
	2				
	3				
	4				
	5				
	6				

ANEXO 11
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
Curso de Arquitetura e Urbanismo

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DE ENTREGA FINAL DE TRABALHO

Eu,

_, regularmente matriculado(a) nesta Faculdade Damas da Instrução Cristã, matrícula nº. _____, declaro estar ciente de que após a realização da banca final em TG 2, o trabalho de minha autoria, intitulado _____

_____,
orientado pelo(a) professor(a) _____, deverá ser ajustado de acordo com as recomendações da banca e entregue à biblioteca da Faculdade, em **02 cópias impressas, em capa dura com lombada, e 02 cópias em CD ou DVD, em capa dura, com as respectivas identificações.**

Declaro ainda estar ciente de que o não cumprimento dos requisitos acima descritos implica em não estar em condições de colar grau na Faculdade, enquanto não cumprir as exigências acima estipuladas pela norma da Faculdade.

Recife, _____ de _____ de _____

ASSINATURA DO(A) ALUNO(A)

ANEXO 13
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
Curso de Arquitetura e Urbanismo

CRITÉRIOS PARA CORREÇÃO DE TRABALHO DE GRADUAÇÃO 2 – BANCA

FINAL

(Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo)

ALUNO: _____

ORIENTADOR: _____

TÍTULO DO TRABALHO: _____

ITENS A SEREM AVALIADOS	DETALHAMENTO	PONTUAÇÃO REFERÊNCIA	PONTUAÇÃO ATRIBUIDA
FORMATO / ESTRUTURA MÉTODO REDAÇÃO CIENTÍFICA	Organização do trabalho Domínio do problema e do método utilizado Redação e linguagem Representação gráfica.	1,0	
TEORIA PARA O PROJETO	Domínio e interpretação dos conceitos para o Projeto	2,0	
REFERENCIAS PROJETUAIS	Relevância / Profundidade Análise crítica / comparativa	2,0	
DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO /SOLUÇÃO PROJETUAL / DIRETRIZES OU PROPOSTAS	Cumprimento do objetivo Coerência Viabilidade da proposta	4,0	
APRESENTAÇÃO ORAL	Domínio, Clareza, Criatividade e Desenvoltura.	1,0	
TOTAL		10,0	

Comentários _____

Indicação ou não para o Ópera

Prima _____

Professor

examinador: _____

Recife ____ / ____ / ____

Observações:

O aluno com a **nota entre 5 à 10 está aprovado** e terá um prazo **de 10 (dez) dias corridos**, a contar da data de defesa para a entrega do trabalho corrigido em capa dura e um CD à **Biblioteca com o nada consta**. O aluno que obtiver **nota abaixo de 5,0 está reprovado** na banca de defesa.

ANEXO 14
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
Curso de Arquitetura e Urbanismo

ATA DE AVALIAÇÃO FINAL DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às _____ horas do dia _____/_____/_____, reuniu-se a Banca Examinadora de Trabalho de Graduação II, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado

_____desenvolvido pelo(a) aluno(a) _____,

como requisito final de obtenção do Grau de Arquiteto Urbanista, de acordo com as normas em vigor. Aberta a sessão, o professor _____, orientador do trabalho, autorizou a apresentação pelo aluno. Logo após, seguiram-se as colocações dos membros e conseqüente arguição a(o) aluno(a), com sua respectiva defesa. Ao final, a banca se reuniu, sem a presença de todos, para julgamento e atribuição do resultado final, declarando o(a) candidato(a) _____, com a nota _____. O resultado final foi comunicado publicamente ao (à) candidato(a) pelo Orientador(a) do Trabalho, tendo todos os membros presentes assinado a Ata.

Nome e assinatura do Convidado(a) externo(a)

Nome e assinatura do Convidado(a) interno(a)

Nome e assinatura do Professor(a) Orientador(a)

Nome e assinatura do Candidato(a)

ANEXO 19
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
Curso de Arquitetura e Urbanismo

FICHA DE RESPONSABILIDADE SOBRE AUTORIA DE TRABALHO ACADÊMICO

Eu,

_____,
portador(a) da cédula de identidade _____, órgão emissor
_____, inscrito(a) no cadastro de pessoas físicas sob o número
_____ e devidamente matriculado na disciplina de
Trabalho de Graduação ministrada nesta instituição no semestre 20____ sob o
número de matrícula _____, me declaro responsável pela autoria do
meu trabalho de graduação, sendo ele composto por pesquisas efetuadas pela minha
pessoa. Todas as consultas à livros ou periódicos, quando existentes, estão
devidamente referenciados seguindo as recomendações da Associação Brasileira de
Normas Técnicas (ABNT), estando assim o meu trabalho, isento de plágio total ou
parcial. Estou ciente de que o plágio total ou parcial em trabalhos acadêmicos constitui
crime no Brasil, devendo o(s) autor(es) praticantes deste delito, responder a processo
judicial.

ASSINATURA DO (A) ALUNO(A) _____

Recebimento:

ASSINATURA DO(A) PROFESSOR(A) TG _____ em
____/____/____

ASSINATURA DO(A) COORDENADOR(A) _____ em
____/____/____